



PREFEITURA MUNICIPAL OURO PRETO

OFÍCIO MENSAGEM 051/2024

Ouro Preto, 22 de novembro de 2024

A Sua Excelência o Senhor

Vereador José Geraldo Muniz (Zé do Binga)

DD. Presidente da Câmara Municipal de Ouro Preto

Câmara Municipal de Ouro Preto

Protocolo

Nº 46158

Correspondência Recebida

Em 12/12/24

Ass. VERA Hs e 15h06 Min

Excelentíssimo Presidente,

Venho, respeitosamente, à presença de Vossa Excelência, apresentar o presente Projeto de Lei, que autoriza o Poder Executivo a doar bem móvel de propriedade do Município à Paróquia Nossa Senhora de Nazaré.

A Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, sediada no distrito de Cachoeira do Campo há mais de 300 anos, assiste espiritualmente a comunidade, desenvolvendo atividades e ações pastorais, tais como acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade social e ações destinadas à assistência de famílias, crianças, adolescentes e pessoas idosas. As ações da Paróquia são de grande relevância local, merecendo o apoio do Município.

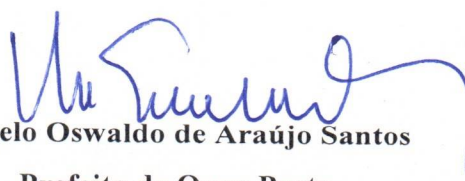
Ainda, cabe ressaltar que a demanda para a doação partiu da própria comunidade, conforme abaixo-assinado entregue ao Poder Executivo.

Tratando-se de um bem tombado, é certo que se viabilize o acesso de toda a população a ele, por meio de visitas, com o que se realizam o interesse público e a promoção da cultura e do turismo no Município de Ouro Preto/MG.

Desta forma concisa, estão expostas as razões que levaram ao encaminhamento do presente Projeto de Lei, para análise e votação dessa altiva Câmara Municipal.

Contando com a costumeira eficiência de Vossa Excelência e Ilustres Pares no trato dos assuntos de interesse público, aguardamos a aprovação do projeto na forma proposta, renovando votos de elevado apreço.

Atenciosamente,


Angelo Oswaldo de Araújo Santos
Prefeito de Ouro Preto



PREFEITURA MUNICIPAL OURO PRETO

PROJETO DE LEI Nº 748 DE 2024

Autoriza o Poder Executivo a doar bem móvel de propriedade do Município à Paróquia Nossa Senhora de Nazaré.

O Povo do Município de Ouro Preto, por meio de seus representantes, decretou, e eu, em seu nome, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a doar à Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, organização religiosa, inscrita no CNPJ sob o nº 20.470.928.0001-47, sediada à Rua Elias Geraldo da Silva, nº 75, Centro, distrito de Cachoeira do Campo, Ouro Preto/MG, um bem móvel pertencente ao Município de Ouro Preto, denominado Cadeira de Dom Pedro, tombado no âmbito municipal e que consiste em uma cadeira estilo Dom José - Rococó, com encosto, braços, três pés e assento em palhinha, cuja descrição completa, dimensões, estado de conservação, características técnicas, estilísticas e iconográficas, bem como fotos detalhadas, encontram-se dispostas no Dossiê de Tombamento da Cadeira de Dom Pedro.

§1º O móvel ora doado destina-se à Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, sita na Rua Elias Geraldo da Silva, nº 75, Centro, distrito de Cachoeira do Campo, Ouro Preto/MG, para atender ao pedido da comunidade paroquial e de forma a viabilizar que toda a população tenha acesso a ele, por meio de visitas, com as que se realizam o interesse público e a promoção da cultura e do turismo no Município de Ouro Preto/MG.

§2º Fica reconhecido interesse público na presente doação, desobrigando-se prévia licitação.

Art. 2º A donatária não poderá ceder o bem móvel objeto desta Lei, onerosa ou gratuitamente, a outros, sem autorização prévia e por escrito do Município.

Art. 3º A Paróquia Nossa Senhora de Nazaré firmará comodato com o Município de Ouro Preto para exposição da cadeira de Dom Pedro na Casa de Cultura de Cachoeira do Campo, situada na Praça Felipe dos Santos, nº 39, Centro, distrito de Cachoeira do Campo, Ouro Preto/MG.

§1º A exposição na Casa de Cultura deverá ser feita de forma permanente e ininterrupta, salvo motivo de força maior ou justo impedimento.



§2º Ocorrerá caducidade da doação e reversão automática do bem móvel ao Município, caso a donatária desvie de sua finalidade estampada no caput e parágrafo primeiro deste artigo.

Parágrafo único A reversão de que trata o caput se dará por simples termo administrativo emanado do Poder Executivo, independentemente das ações judiciais cabíveis, observados os princípios constitucionais do devido processo legal, do contraditório e da ampla defesa.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação

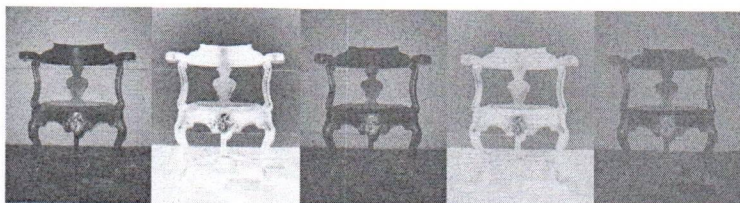
Ouro Preto, Patrimônio Cultural Mundial, 22 de novembro de 2024, trezentos e treze anos da Instalação da Câmara Municipal e quarenta e quatro anos do Tombamento.

Angelo Oswaldo de Araújo Santos

Prefeito de Ouro Preto



**DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DA CADEIRA DOM PEDRO
SALESIANOS - CENTRO DOM BOSCO
CACHOEIRA DO CAMPO - OURO PRETO, MG**



Fotos em negativos da Cadeira D. Pedro
Fonte: Bruno Tropia Caldas

MARÇO / 2007

SUMÁRIO:

3	1. INTRODUÇÃO
4	2. APRESENTAÇÃO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO
4	2.1 O COMEÇO
6	2.2 MINERAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO URBANO
10	2.3 FORMAÇÃO ECONÔMICA, SOCIAL E RELIGIOSA
13	2.4 UM SÉCULO DE OURO: BATALHAS, SEDIÇÕES E CONSPIRAÇÕES
16	2.5 FAUSTO ARTÍSTICO, ARQUITETÔNICO E CULTURAL
23	2.6 JACUBAS E MOCOTÓS
25	2.7 O OTOCENTOS: IMPÉRIO E VIDA SOCIAL
31	2.8 O SÉCULO XX
38	2.9 NOMES DE VILTO E TIPOS POPULARES
45	2.10 DISTRITOS
58	2.11 CRONOLOGIA
59	2.12 DADOS GERAIS
61	2.13 DESCRIÇÃO FÍSICA GERAL DO MUNICÍPIO
63	3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO BEM CULTURAL
63	3.1 APRESENTAÇÃO
64	3.2 OURO PRETO: CONTEXTO HISTÓRICO
65	3.3 CACHOEIRA DO CAMPO: CONTEXTO HISTÓRICO
66	3.4 COLÉGIO DOM BOSCO: CONTEXTO HISTÓRICO
69	3.5 OS GOVERNADORES EM CACHOEIRA DO CAMPO
72	3.6 OS IMPERADORES EM CACHOEIRA DO CAMPO
73	3.7 A CADEIRA DE DOM PEDRO
77	4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO BEM CULTURAL
78	5. JUSTIFICATIVA DE TOMBAMENTO
79	6. DIRETRIZES DE INTERVENÇÃO



7. DOCUMENTAÇÃO CARTOGRÁFICA E FOTOGRÁFICA	80
7.1. Cartografia	80
7.2. Fotografias	88
8. FICHA DE INVENTÁRIO DO BEM TOMBADO	91
9. LAUDO TÉCNICO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO	96
10. REFERÊNCIA DOCUMENTAL E BIBLIOGRÁFICA	100
10.1. Arquivos Consultados	100
10.2. Livros e Trabalhos	100
10.3. Artigos	102
10.4. Dicionários	103
11. FICHA TÉCNICA	104
12. CÓPIA DA ATA DO CONSELHO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL APROVANDO O TOMBAMENTO PROVISÓRIO DA CADEIRA DE DOM PEDRO	107
13. PARECER SOBRE O TOMBAMENTO ELABORADO POR PROFISSIONAL HABILITADO	112
14. PARECER SOBRE O TOMBAMENTO ELABORADO POR CONSELHEIRO INTEGRANTE DO CONSELHO MUNICIPAL DE PATRIMÔNIO CULTURAL	114
15. NOTIFICAÇÃO AO PROPRIETÁRIO DO BEM CULTURAL E ANUÊNCIA DO PROPRIETÁRIO	116
16. CÓPIA DA ATA DA REUNIÃO DO CONSELHO MUNICIPAL DE PATRIMÔNIO CULTURAL APROVANDO O TOMBAMENTO DEFINITIVO	119
17. CÓPIA DO EXECUTIVO TOMBANDO A CADEIRA DE DOM PEDRO	122
18. CÓPIA DA INSCRIÇÃO DO BEM CULTURAL NO LIVRO DE TOMBO MUNICIPAL	124
19. CÓPIA DA PUBLICAÇÃO DO ATO DE TOMBAMENTO	127

1. INTRODUÇÃO

O dossiê de tombamento da Cadeira de Dom Pedro está inserido nas atividades desenvolvidas pela Secretaria de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano, da Prefeitura de Ouro Preto, MG, voltadas para proteção do patrimônio cultural do Município de Ouro Preto.

A iniciativa do tombamento do bem partiu da AMIC (Associação de Moradores de Cachoeira do Campo), com a aprovação e concordância da diretoria do Colégio Dom Bosco, onde o móvel localiza-se, encaminhado a solicitação ao Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural de Ouro Preto, obtendo a anuência deste. A Prefeitura Municipal de Ouro Preto, através da Secretaria de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano, realizou, então, os trabalhos de elaboração do dossiê de tombamento da Cadeira, o qual foi aprovado pelo Conselho supra citado. O Decreto de Tombamento da Cadeira de Dom Pedro foi homologado no dia 07 de fevereiro de 2007.

Dessa forma, o presente trabalho reúne uma série de informações – estudo histórico, descrição do móvel, laudo do estado de conservação, partes dos trabalhos do dossiê de tombamento da Cadeira de Dom Pedro – tendo por objetivo fundamentar e justificar seu tombamento.

O trabalho de campo, realizado no dia 16 de fevereiro de 2007, contou com a colaboração da equipe da Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio. Foram levantadas características estilísticas, volumétricas, técnicas e todo o envolvimento que esta possui, com a passagem dos Imperadores D. Pedro I e D. Pedro II.





2. APRESENTAÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO

2.1 O COMEÇO

Quase tudo o que se conta sobre o descobrimento de ouro nos vales do Ouro Preto se originou na versão dada por Bento Fernandes Furtado, filho do Coronel Salvador Fernandes Furtado, que era um paulista dos que primeiro singraram a região. Seguiram os escritos de Bento Fernandes: Pedro Tacques, Silva Ponte, Cláudio Manuel da Costa, Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos e, mais recentemente, Diogo de Vasconcelos. Por exemplo, no seu Fundamento Histórico do poema Vila Rica, Cláudio Manuel da Costa (destacado Inconfidente de 1789) assim descreve nossos primórdios:

Ouro Preto que compreende em si vários ribeiros e morros com diferentes denominações, como são Passa Dez, Bom Sucesso, Ouro Fino, ou Bueno etc., teve por descobridores, nos mesmos anos de 1699, 1700 e 1701, a Antônio Dias, natural de Taubaté, ao Padre João de Faria Fialho, que viera por capelão das tropas de Taubaté e Tomás Lopes de Camargo, que se situou nas lavras, que, ao depois, vieram a ser de Pascoal da Silva e Francisco Bueno da Silva, ambos paulistas¹, e, este último, primo do primeiro descobridor de Ituverava, Bartolomeu Bueno, de todos estes tomaram nome alguns bairros de Vila Rica.²

Baseado neste tipo de descrição provinda do século XVIII, mais próxima dos fatos originais, escreveu Diogo de Vasconcelos, alterando alguns dados, uma versão mais completa. São de 1901 estas linhas:

Conhecido portando o caminho, Antônio Dias entrou por onde os antigos aventureiros haviam saído. Da Serra da Borda, avistando a Itatiaia, veio em direitura ao Rodeio e, transpondo ai a Serra do Pires, alcançou o ribeirão chamado hoje de Cachoeira, de onde subiu para o Campo Grande. Foi esta a jornada decisiva, a memorável vigília da História.

No dia seguinte, alvorecendo, sexta-feira, 24 de junho de 1698, os bandeirantes ergueram-se e deram mais alguns passos: todo o panorama estupendo do Tripuí, iluminado então pela aurora, rasgou-se dali aos olhos ávidos: e o Itacolomi, soberano da cordilheira, estampou-se nítido e firme no cerúleo do céu, que a luz reclamava de púrpura e ouro, de anil e rosas. Tomando o santo do dia, São João Batista foi o patrono da nova terra, voz clamanti sin deserto³; e essa voz, ressoando nos ecos da solidão, despertou a natureza ouvindo a saudação do anjo: Ave Maria! Foi essa a madrugada em que realmente se fixou a era cristã das Minas Gerais. Estava descoberto o Ouro Preto.⁴

¹ Errou Cláudio Manuel da Costa: Pascoal da Silva, o famoso Mestre-de-Campo líder da Revolta de 1720, era português de nascimento.

² JÚNIOR, Augusto de Lima. *Vila Rica do Ouro Preto*, pp. 49 e 50.

³ Alusão às palavras proféticas sobre João Baptista: *a voz que clama do deserto*.

⁴ VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga das Minas Gerais*, p.134.

Esta narrativa, um tanto poética, com floreios literários e exacerbos descritivos, foi bastante contestada. Augusto de Lima Júnior, por exemplo, negando a concomitância das bandeiras de Antônio Dias e João de Faria Fialho, apontou outros possíveis descobridores, como o aventureiro Manuel Garcia. Para Lima Júnior coube a Antônio Dias a descoberta de ouro somente no bairro que hoje leva seu nome. De toda forma, há muito que se reconhece a bandeira de Antônio Dias como a precursora e a data - 24 de junho de 1698 - como a data fundadora dos primeiros arraiais dos morros e vales que compoem Vila Rica.

Para essa versão oficial, lapidada desde os tempos de Diogo de Vasconcelos, a Bandeira de Antônio Dias seria uma expedição - dentre outras - que percorreram o território mineiro em busca do Pico do Itacolomi. Segundo boato corrente, aos pés do pico - estranha formação rochosa servida de baliza para os primeiros desbravadores⁵ - um mulato de Taubaté havia, algum tempo antes, encontrado ouro de excelente qualidade. Uma vez noticiada a descoberta, várias expedições partiram a procura do local onde haviam sido encontradas aquelas pepitas que, pelo negrume da cor e teor único, chamaram muita atenção. Antônio Dias obteve sucesso nessa empreitada, 'redescobrinho' o Ouro Preto em 1698.

Em pouco tempo os vales e morros da região se povoaram de levas de aventureiros de todas as partes da colônia e do reino. Vários arraiais mineradores salpicaram os morros e as margens dos ribeiros. A desorganização fazia da paisagem um emaranhado de gentes, casebres e lavras. A Ouro Preto desta época foi descrita pelo sacerdote jesuíta João Antônio Andreoni (cognominado Antão) em obra publicada em 1711. No seu Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas, este jesuíta florentino descreve o lugar como um imenso acampamento que medonhamente comportava cerca de 30.000 almas!

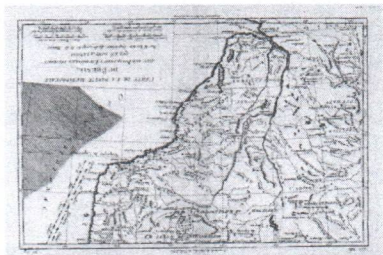


Figura 2.1 - Mapa do interior do Brasil do Séc. XVIII
Fonte: Acervo digital da AMIC

⁵ Ao que tudo indica, do tupi: "a pedra (mãe) e o menino".



Mapa de Vila Rica, fins do Séc. XVIII

Figura 2.2- Mapa de Vila Rica, fins do Séc. XVIII
Fonte: Acervo digital da AMIC

2.2 MINERAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO URBANO

Um antigo relatório assim descreve a exploração aurífera na Serra do Ouro Preto, em 1740:

É esse morro muito alto, tem dado e dará muito ouro e há neste sitio várias paragens de moradores, como o de Ouro Fino, o Ouro Podre, o Soca e Quebra, o Alto do Baiacu, o Jacutinga e o Córrego Seco. Todas essas paragens nomeadas, o foram a custa de muita força de ouro. É este morro muito alto, formado de uma só pedra chamada de tapanhuacanga, tem em si bastante mato carraquento miúdo e, muito por acaso, alguma árvore, que se acha de pouco préstimo por ser a sua criação natal, pedra. Esta, ordinariamente é vermelha, do feitio da terra congelada e de pouca dureza; essa altura de seis até vinte e cinco palmos tem ou segue natureza diferente. Principiamos a fazer buracos; rompida a pedra acha-se barro muito vermelho e neste, às vezes, achamos faísca de ouro a que se chama "ouro de serrapilheira", mais abaixo do barro, acha-se caco muito duro e logo jacutinga, que é areia preta fina, e, entre esta, costuma algumas ordens de cacos também duros. Rompendo mais abaixo, dá-se em piçarra azul, muito magra (...) a formação de ouro corre por debaixo desta pedra (...).⁶

Na verdade as técnicas e os locais de exploração variavam muito: indo desde os vales, nas beiras dos ribeiros, até os altos de serra através de profundas minas. O certo é que a quantidade de ouro produzida foi formidável, ascendendo a várias toneladas. O ouro, aparentemente inesgotável, deu novo fôlego à economia do império português: em pleno declínio luso o 'eldorado mineiro' era um alento para os cofres do reino endividado.

⁶ JÚNIOR, Augusto de Lima. *Vila Rica do Ouro Preto*, pp.35 e 36.

Crescidos os arraiais, finda a confusão inicial pela presença gradativa de representantes da Coroa Portuguesa, se houve por bem, então, criar uma nova capitania com autonomia administrativa (mas que compartilharia o mesmo governador de São Paulo). As terras designadas como Rio das Velhas, Rio das Mortes, Ribeirão do Carmo e Minas Gerais do Ouro Preto, passaram a compor a nova capitania oficializada em 1709.

Em 1711 o governador, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, erigiu nossas primeiras vilas. Naquele ano, no dia 8 de julho, foi oficialmente criada a Vila Rica de Albuquerque. Na mesma data foi constituída a primeira Câmara Municipal, eleita conforme as ordenações do reino português. Os primeiros camaristas foram: Coronel José Gomes de Melo, Fernando da Fonseca Sá, Manuel de Figueiredo Macedo, Félix de Gusmão Mendonça Bueno, Antônio de Faria Pimentel e Manuel de Almeida Costa. Posteriormente o adjunto topônimo "Albuquerque" (uma homenagem ao governador de então) não foi aceito pelo rei de Portugal: "a ilustre Vila Rica caminhou para a História com sua definição própria, significativa e gloriosa",⁷ conforme salientou Augusto de Lima Júnior.

Naquele momento os ânimos ainda estavam turbulentos: a corrida aurífera causava, via de regra, exaltações e sediciosos não faltavam: o clima de montins dominava os ares. Foi especialmente por esta razão que o próprio Antônio de Albuquerque instalou sua capital na vizinha Vila de Ribeirão do Carmo (hoje cidade de Mariana). Posteriormente, com o abandonmentamento da situação, Vila Rica passou a ser a capital oficial da Capitania das Minas, desmembrada oficialmente da de São Paulo em 1720.

Agora, mais especificamente, como se deu o crescimento urbano da Vila Rica? Como os morros e os vales se aglutinaram e contribuíram para a formação da urbe?

O primeiro foco de interesse - e o que mais óbvio nos parece - diz respeito, justamente, à ocupação dos morros e encostas. Aportados aqui os primeiros exploradores a ocupação deu-se de duas formas: nas margens dos ribeiros, onde o ouro abundava, e nos morros que circundam a cidade, repletos de minas e sarilhos. Nos primeiros tempos tomaram vulto os arraiais que ocuparam as íngremes encostas. Dominados por pequenas e pitorescas capelas e por extensas áreas mineradoras, estes arraiais fizeram o fausto de vários aventureiros, alguns erigidos em verdadeiros potentados locais (neste pormenor destaca-se Pascoal da Silva Guimarães, dono das minas do Ouro Podre, incendiadas a mando do

⁷ JUNIOR, Augusto de Lima. *Vila Rica do Ouro Preto*, p.74.

Conde de Assumar em 1720). Estes vários núcleos, de ocupação muito antiga⁸, teriam logo seu brilho ofuscado por outros, nascidos às margens dos ribeiros, nos fundos dos vales que sulcam a cidade.

Dois arraiais se distinguiram fora das montanhas: o Arraial de Nossa Senhora do Pilar e o Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias.⁹ Suas duas capelas, situadas nas proximidades de córregos auríferos, tiveram atuação preponderante na evolução urbana do núcleo maior que então se desenhava. Tanto isto é veraz que em 1711, com a criação da Vila Rica, os dois núcleos foram eixo de discussão, e em 1724, com a instituição das primeiras freguesias colativas das Minas Gerais, Pilar e Antônio Dias tiveram seus templos elevados à categoria de igrejas paroquiais.

Somente mesmo a febre aurífera para erguer uma cidade em terreno tão austero para com a presença humana. Somente o ouro engendraria formas para, conforme imposições locais, driblar as barreiras da natureza e fazer nascer a Vila Rica!

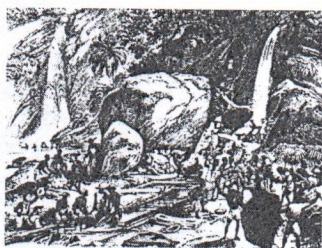


Figura 2.3-Imagem de Lavra de mineração
Fonte: Acervo Inaiana Barbosa Guerra

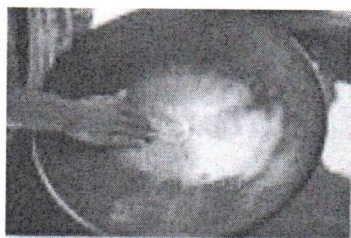


Foto 2.1- Detalhe de uma bateia
Fonte: Acervo Inaiana Barbosa Guerra



Figura 2.4-Cena de ocupações domésticas
Autoria: Moritz Rugendas/ Séc. XIX
Fonte: www.cidadeshistoricas.art.br



Figura 2.5 - Paisagem urbana de Vila Rica
Autoria: Moritz Rugendas
Fonte: MORAES, 2001:69

⁸ O provável primeiro núcleo, desenvolvido ao redor da capela de São João, teve origens por volta de 1698.

⁹ Não se deve esquecer a presença do Arraial do Padre Faria, sito no fundo de um vale, no caminho antigo para Mariana. Porém, nada se compara ao papel preponderante dos dois núcleos citados no texto.

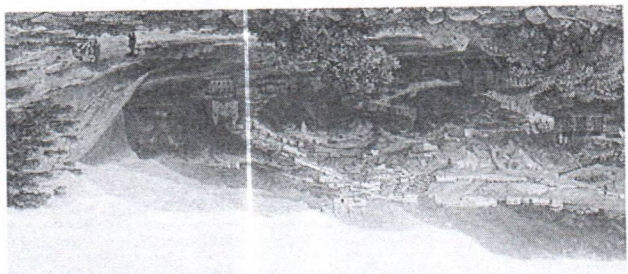


Figura 2.6- Pintura do conjunto urbano de Vila Rica
 Fonte: www.idasbrasil.com.br



Figura 2.7- Pintura do conjunto urbano de Vila Rica
 Fonte: Acervo digital da A/IC

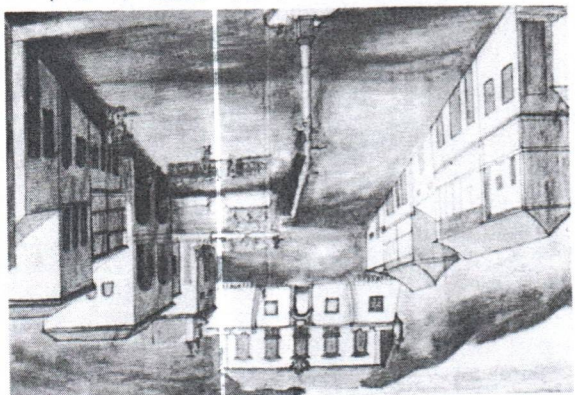


Ilustração de Viajante do Séc. XVIII, da atual
 Praga Tiradentes

Figura 2.8- Vista do conjunto arquitetônico da Praga Tiradentes(Séc. XVIII)
 Fonte: Acervo digital da A/IC

2.3 FORMAÇÃO ECONÔMICA, SOCIAL E RELIGIOSA



A indústria da mineração necessitava de todo um "entorno" econômico, razão pela qual nem todos se dedicavam diretamente às lavras. De acordo com vários pesquisadores da nossa história, foi notória uma fome que assolou as Minas nos anos de 1700 e 1701: preocupados com a bateia, muitos se descuidaram do arado e alguns, literalmente, morreram de fome. Ainda hoje, no distrito de Rodrigo Silva, existe um lugar chamado de Campo da Caveira, termo advindo, segundo alguns, de esqueletos dos miseráveis garimpeiros que tentaram, desesperadamente, abandonar as lavras em busca de alimento. Verdade ou ficção, o certo é que vários arraiais que circundavam Vila Rica (e que hoje constituem distritos) se dedicaram especialmente à agricultura e ao comércio, se destacando entre estes, Cachoeira do Campo e Amarantina (antigo São Gonçalo do Amarante). O comércio de produtos agrícolas ou de utensílios auxiliares fazia a diversidade da vida econômica da Vila. Alguns comerciantes e agricultores enriqueceram, constituindo cabedal portentoso e admirável. Portanto, nem só das minas, Minas vivia...

A heterogeneidade das atividades econômicas tinha paralelo no diversificado mundo social que, aos poucos, foi se constituindo nas Minas e, conseqüentemente, em Ouro Preto.

Ao lado dos mineradores, a sociedade ouropretana possuía um número expressivo de burocratas (lusos ou nativos). Estes funcionários, todos ligados à Coroa Portuguesa, atuavam no que tangia à administração da capitania ou, localmente, estavam ao redor de assuntos que diziam respeito à Vila e seu Termo. Havia também um grande número de clérigos constituindo uma espécie de "burocracia eclesiástica". Em número expressivamente maior que os religiosos, porém, estavam os militares, cujas patentes se multiplicavam sobremaneira.

Havia, fora do poder público e religioso, uma grande quantidade de artistas e artífices (que durante todo século XVIII e parte do XIX iriam dar feição às nossas igrejas barrocas e às requintadas construções laicas), pedreiros, carpinteiros, ferreiros, mercadores, tropeiros, ourives, boticários, quitadeiras, "mulheres erradas", escravos, salteadores, vadios, aventureiros, mendigos etc.

No que diz respeito à formação étnica é notória a quantidade de mestiços (chamados de "pardos"). Este grupo pardo, fruto em grande parte do concubinato não oficial com negras e mulatas (cativas ou forras), influenciaram grandemente a trajetória de Vila Rica e de todas

as Gerais. Braço expressivo de uma geração nativa, os veremos atuar em todas as áreas, desde a mineração até as artes mais elaboradas.

Um potencializador importantíssimo de aglomeração social serão as irmandades que, desde o princípio, extrapolaram os motivos fundamentalmente religiosos. Para entender as irmandades de Ouro Preto, basta entender como eram as irmandades mineiras e como se organizaram.

Como forma de organização religiosa, manifesta na sociedade colonial como meio de congregação e, ao mesmo tempo, segregação social, as irmandades leigas proliferaram nas Minas Gerais. Eram um tudo na vida religiosa. No social eram muita coisa: espaço de convívio entre os pares, fator de coerção social, forma de agremiação política e econômica etc. Eram espécies de associações de pares, para inserção social. Perpassavam a vida e a morte dos seus irmãos, que tinham suas campas ou covas em espaço comum. Espaço comum que compartilhavam em vida.

Com a coibição da instalação de ordens religiosas regulares nas Minas, as irmandades mineiras tomaram feição muito peculiar. Além de formas de organização social, já citadas, as irmandades ingaram o solo mineiro de igrejas e capelas, cujas feições características, adaptadas ao meio (a princípio índio), deram um ar de originalidade à arte e arquitetura vindos da Europa e das cidades litorâneas. Ainda é possível encontrar exemplares das primeiras capelinhas rústicas, feitas em geral nos montes ou colinas de onde se podia observar e ser mais facilmente observadas pelos primeiros incursionistas que se guiavam por caminhos ainda não tão bem delimitados. Eram pontos de referência. Exemplo disto é a pequena capela de Santa Quitéria do Alto da Boa Vista, nos arredores do atual distrito de Rodrigo Silva: a silhueta da velha capela, com as cruzes do seu cemitério, espanta o caminhante, solta como está na vastidão dos campos. Ao seu redor somente ruínas do que foi um dia o antigo povoado da Boa Vista. Muitas capelas deste gênero, construídas nos primórdios de Minas, quando as incertezas dos desbravadores eram muitas, foram cedendo lugar desde cedo a belas igrejas Matrizes, cujos oragos geralmente herdavam das ermidas, suas antecessoras.

No interior destas igrejas coabitavam altares dedicados a outras invocações, que não a principal do altar-mor, erigidos por outras irmandades, e os irmãos - que podiam fazer parte das outras irmandades locais ou irmandades de outras freguesias - também utilizavam o



mesmo espaço comum. Às vezes desavenças havia que culminavam com o pretexto de irmandades construir capelas próprias para si. Casos como estes se multiplicavam.

As origens da irmandade e da capelinha, pode-se dizer, eram quase sempre concomitantes. Ou, como também pode ter acontecido, a irmandade se organizava pouco depois da ereção da capela. Todavia sempre esteve presente na construção do templo definitivo. Como quase tudo o que envolve os primórdios, os documentos também escasseiam nestes primeiros tempos e poucos dados temos da fundação destas primeiras irmandades. O certo é que precederam a instalação do aparelho burocrático e militar da capitania.



Inauguração da Estátua do Tiradentes

Foto 2.2- Inauguração da estátua de Tiradentes
Fonte:Acervo IFAC
Data: 21 de abril de 1894



Detalhe da vestimenta "balana"



Mãe-de-Santo

Fotos 2.3 e 2.4- Procissão em festividade religiosa(séc. XX); população com alta porcentagem de pardos e negros
Fonte:Acervo IFAC



Foto 2.5- Praça Tiradentes; Procissão dos Passos (29 de março de1931)
Fonte:Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto

2.4 UM SÉCULO DE OURO: BATALHAS, SEDIÇÕES E CONSPIRAÇÕES

O século XVIII foi, sem dúvida, o século áureo de Ouro Preto, a fase epopéica de sua formação e consolidação: vem desta centúria a maior parte das riquezas culturais, arquitetônicas e artísticas que projetariam a antiga Vila Rica para o mundo. Mas é correto dizer que o mesmo século XVIII foi também o mais violento e conturbado da história desta cidade. Marcam o setecentos (não só o setecentos vilarrinquenho, mas o setecentos mineiro) três especiais momentos que, por causa mesmo da turbulência, constituem instantes privilegiados de ruptura. São eles: a Guerra dos Emboabas, a Sedição de Filipe dos Santos (também chamada de Revolta de Vila Rica ou Revolta de 1720) e a Inconfidência Mineira (por vezes chamada de Conjuração Mineira). Analisemos sucintamente cada uma.

Alagadamente os bandeirantes paulistas foram os descobridores das primeiras minas de ouro. Natural que as notícias sobre a riqueza repentina advinda da exploração do mineral espalhassem-se pelo Brasil e Portugal. Levas de imigrantes principiaram a chegar não só de São Paulo, guiados pelos antigos caminharos bandeirantes, mas de toda a colônia e reino. Os forasteiros, especialmente os portugueses, não eram vistos com bons olhos pelos paulistas. Estes, como descobridores das minas, julgavam-se usurpados do seu direito de exploração (que queriam fosse exclusivo).

O imaginário nacional idealizou a figura dos bandeirantes paulistas como intrépidos homens, bem vestidos, protegidos e armados. Mas isto não passa de idealização. Andavam nossos bandeirantes em geral descalços, com uma espécie de bermuda. Muitas vezes descamisados. Entre as armas, o arco e flecha indígena. A língua era uma mistura de tupi com português. E foram estas diferenças, irreduzíveis em si, que deram origem aos atritos. Os paulistas começaram a chamar os portugueses de emboabas, palavra indígena que significa "pinto calçado", uma alusão ao fato, estranho aos paulistas, dos portugueses usarem calças e botas!

Os primeiros atritos tiveram origem no Caeté, envolvendo o poderoso português Manuel Nunes Viana, que logo viria a se tornar o líder emboaba. Tanto paulistas, quanto emboabas, reivindicavam o direito de exploração. Não tardou muito e o conflito deu origem às escaramuças armadas que a historiografia consagrou como Guerra dos Emboabas. Corria o ano de 1708.



Do Caeté, cada vez mais acuada, os paulistas vieram se refugiar no Arraial de Cachoeira do Campo (município de Ouro Preto). Em Cachoeira prepararam-se para a grande batalha, fortificaram o arraial, cavaram trincheiras (que ainda podem ser vistas em algumas partes). Vindos pelo vale do Amarante (hoje distrito de Amarantina), seguindo o Rio Maracujá, os portugueses enfrentaram os paulistas numa batalha encarniçada, batizada por Diogo de Vasconcelos como Batalha da Cachoeira. Três dias depois os Emboabas expulsaram os paulistas do arraial. Os atritos entre paulistas e forasteiros marcam decisivamente o período inicial de exploração aurífera, assinalam essencialmente uma época em que o aparelho governamental português ainda não se fazia sentir nas Minas recém descobertas. Ouro Preto nesta época era um amontoado de arraiais, compostos por choupanas pobres, sem nenhuma infraestrutura urbana.

Nos primeiros anos da ocupação do território mineiro foram muitas as revoltas contra o aparelho burocrático e tributário que a metrópole portuguesa estava instalando. Entre as revoltas de caráter fiscal se destaca aquela conhecida como Sedição de Filipe dos Santos.

Em 1720, o governo português propôs a instalação de casas de fundição em Minas, onde todo o ouro descoberto seria recolhido para que 20% dele fosse mandado para a Coroa em forma de impostos. Era o acirramento da política tributária sob a forma do malquistado quinto, que agora seria cobrado com mais eficiência. Isto gerou descontentamento geral entre os mineradores. Logo começaram as manifestações pelos arraiais da região. Filipe dos Santos, um dos líderes do movimento, foi preso no adro da Matriz de Cachoeira do Campo, enquanto agitava a população. Dali foi levado para Vila Rica onde foi enforcado e esquartejado, na presença do governador Conde de Assumar.

O outro líder da revolta, o português Pascoal da Silva, homem poderoso e influente, teve o agrupamento em torno de suas minas incendiado a mando do Conde. Naquela época suas possessões compunham o Morro do Ouro Podre. Algumas ruínas enegrecidas nos morros de Ouro Preto marcam atualmente o lugar do incêndio, sendo conhecidas hoje como Morro da Queimada.

O Conde de Assumar, após este episódio, sugeriu ao rei de Portugal a separação das Minas e São Paulo (que até então formavam uma só capitania). Era o nascimento oficial de Minas Gerais.

Em fins do século XVIII - quando o esgotamento das minas era evidente - começou a ser impossível o pagamento das cem arrobas mínimas de ouro anuais que eram devidas à Coroa Portuguesa, conforme se havia instituído anteriormente. A dívida aumentou de tal forma que o governo da metrópole, não acreditando que a exploração aurífera estava se esgotando, resolveu cobrar à força a quantia restante, sendo chamada esta iniciativa de Derrama. O constante atrito entre o povo e o governo agravado por estas medidas, causou insatisfação geral. Em 1788, começou a se formar um movimento de conspiração que ficou conhecido como Inconfidência Mineira. Influenciado pelo trânsito internacional de idéias¹⁰, o grupo era bastante heterogêneo: participaram do movimento eruditos, poetas, políticos, fazendeiros, mineiros, membros do clero e militares. Entre eles se destacaram: Tomás Antônio Gonzaga, José Álvares Maciel, Francisco de Paula Freire de Andrade, Inácio José de Alvarenga Peixoto, Cláudio Manuel da Costa e Joaquim José da Silva Xavier, conhecido como Tiradentes.

O movimento tinha como principal objetivo formar uma nação livre em Minas. Para tanto, era preciso arquiteatar uma revolução e depor o governador. Tiradentes era o principal propagandista do levante - homem simples, pertencente ao Regimento Regular de Cavalaria de Minas. Porém, a revolução não aconteceu: Joaquim Silvério dos Reis, em 15 de março de 1789, denunciou o movimento ansioso em ter suas dívidas perdoadas. Todos integrantes foram presos e mandados ao Rio de Janeiro, onde três anos mais tarde seriam condenados a degredo perpétuo. Somente Tiradentes sofreu a pena máxima, sendo enforcado no dia 21 de abril de 1792. Seus quartos foram espalhados pelos caminhos de Minas e sua cabeça exposta na praça principal de Vila Rica. É certo que este movimento teve representantes e desdobramentos em várias regiões das Gerais, mas Vila Rica, capital e maior vila de então, foi foco central e ponto de convergência de todos conspiradores.

Pode-se ver que o século XVIII - o Século 'de' e 'do' Ouro - foi um século profundamente irrequeto: eram aqueles os últimos de anos do Brasil colônia. Este período conturbado, foi, contudo uma época de esplendorosa criatividade artística, um dos momentos mais inventivos da história brasileira, como veremos no próximo tópico.

¹⁰ Os Inconfidentes Mineiros estavam influenciados, em grande medida, pelos ideais iluministas franceses, pelo humanismo italiano e pela então recente Revolução Americana de 1776, que culminou com a criação dos Estados Unidos da América. Consta nos arrolamentos do processo de julgamento dos Inconfidentes que vários livros com este teor estavam nas bibliotecas privadas dos mesmos.





Foto 2.6- Casa dos Inconfidentes (foto do século XX)
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto



Foto 2.7- Casa dos Inconfidentes (2005)
Autoria: Raquel A. Ferreira



À esquerda, quartel dos Dragões da Capitania

Foto 2.8- Vista do conjunto urbano de Ouro Preto, tendo à esquerda o antigo quartel dos Dragões da Capitania.(Cerca de 1870)
Fonte: Acervo IFAC

2.5 FAUSTO ARTÍSTICO, ARQUITETÔNICO E CULTURAL

Falar da história da arte e da arquitetura em Ouro Preto é como sintetizar a história da arte em Minas. É em Ouro Preto que o Barroco Mineiro pulsa com maior inventividade e nuances criativas. Este barroco - que começou em primitivas capelas espalhadas nos cimos e pés de morros e nos fundos de vales mineradores - teve como palco de primeira exuberância artística as duas matrizes que, mais tarde, marcariam a vida religiosa de Vila Rica. Poucos anos após o descobrimento das jazidas, as rudimentares capelas que serviam como matrizes foram postas abaixo, sendo iniciada a construção das grandiosas matrizes locais atuais (Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Pilar). Cada uma marcou, bem a

seu modo, os focos principais dos bairros que em torno delas se originaram. Foi, por exemplo, para a inauguração da Igreja Paroquial do Pilar, no bairro de Ouro Preto, que se realizou a procissão e os festejos do chamado Triunfo Eucarístico - que foi das mais pomposas festas barrocas ocorridas na América Portuguesa. Este Triunfo, ocorrido no ano de 1733, foi assentado por Simão Ferreira Machado. Os escritos de Simão, publicados pela mesma época, constituem hoje uma fonte valiosa de informação sobre a grandiosidade das celebrações de caráter barroco durante o setecentos brasileiro.

As diversas imandades que concorreriam no todo das obras paroquiais são de fundamental importância para se entender a sociedade ouropretana do século XVIII, síntese que é de toda sociedade colonial mineira. Várias destas imandades se encarregaram, posteriormente, da construção de novos templos, mais condizentes com a realidade dos confrades. A partir de meados do XVIII, ao lado das imandades, começam também a tomar vulto as Ordens Terceiras. Em Ouro Preto tem destaque a Ordem Terceira de São Francisco de Assis e a de Nossa Senhora do Carmo, ambas patrocinadoras de majestosos templos segundo o gosto rococó, vigente e moderno na época.

É nesse fervilhante ambiente cultural que encontramos explicação para a grande quantidade de capelas, passos e igrejas com os quais nos deparamos em Ouro Preto. Os principais templos são: do lado do Pilar - Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Igreja de São José, Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia, Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Igreja do Bom Jesus do Matosinhos, Igreja de São Francisco de Paula; do lado do Antônio Dias - Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Padre Faria, Igreja de Santa Efigênia, Igreja de Nossa Senhora das Dores, Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões, Igreja de São Francisco de Assis.

Não só as criações de caráter religioso marcam a trajetória da cidade. É bom que se destaquem também os monumentos de origens outras - governamentais ou particulares - como a Casa de Câmara e Cadeia (atual Museu da Inconfidência), o Palácio dos Governadores (atual Museu da Ciência e da Técnica da UFP), Casa dos Contos (antiga residência do contratador João Rodrigues de Macedo, atualmente abriga um Museu e o Centro de Estudos do Ciclo do Ouro). Também chamam atenção, espalhados pela cidade, o expressivo número de chafarzes: alguns imponentes, outros singelos, todos a enfeitar as ruas, compondo uma paisagem única e marcante. Outro monumento digno de nota é a Casa





da Ópera (mais antigo teatro em funcionamento ininterrupto das Américas), que, apesar da arquitetura mirrada, merece palavra a parte pelo muito que nos revela sobre a vida cultural no setecentos e oitocentos.

Vem de longa data o gosto lusitano pelo teatro. Nas Minas Gerais, os mais antigos registros sobre atividades lúdicas datam de 1726, quando, em Vila Rica, se apresentaram comédias por ocasião do casamento dos príncipes portugueses. Em 1733, nos pomposos festejos do Triunfo Eucarístico, foi montado um tablado junto à nova Matriz do Pilar para encenação de três peças de Calderón de la Barca. Contudo, estes dois exemplos (como tantos outros), não passaram de acontecimentos esporádicos, organizados sobre armações efêmeras, improvisadas. Afonso Ávila supõe que entre 1737 e 1740 existiu uma primitiva casa de espetáculos em Vila Rica - mas dela não restaram vestígios.

A Casa da Ópera de Ouro Preto é fruto do empreendedorismo do Contratador dos Reais Quintos e Entradas, o Coronel João de Sousa Lobo, sob os auspícios de quem foi inaugurada a 6 de junho de 1770, aniversário de Dom José I, El Rei. Foram entusiásticos apoiadores do projeto o poeta Cláudio Manuel da Costa e o governador - Conde de Valadares - para quem Cláudio dedicou um drama musicado: o Parnaso Obsequioso. Escolheu-se como local da edificação terreno íngreme que, ao feito de anfiteatro natural, bem à moda dos gregos, serviu para instalação do palco e camarotes. Este fato proporcionou, essencialmente, a aparência que sua fachada conserva até hoje: pavimento único, com frontão triangular simples, de dimensões mirradas perto da sua vizinha Igreja do Carmo.

Há uma interessante relação de contribuintes/assinantes datada de 1772, onde se registram nomes de vulto, pessoas de altas patentes militares, magistrados, intendentos e letrados (entre os quais, o mesmo Cláudio Manoel da Costa). Entre 1772 e 1775, Sousa Lobo dedicou incansável serviço ao seu teatro, agenciando vários atores em Sabará e no Tejuco, encomendando peças em Lisboa e mandando compor outras. Homem de visão, se jactou certa vez por ter inserido na sua Casa da Ópera atrizes, em vez dos travestis, que, via de regra, representavam papéis femininos. Depois da morte de seu fundador, em 1778, o teatro vilarriquenho passou por períodos turbulentos, alternando momentos de glória e malogro.

Somente pela segunda década do século XIX a Casa da Ópera recuperaria seu fausto inicial, conforme se depreende das várias verbas repassadas pelo Poder Público. Por esta época,

pelo menos uma peça era encenada por semana, sendo assistida, então, por alguns ilustres viajantes estrangeiros (como Saint-Hilaire, Luccock, Freyress, Mawe, Johann Pohl, Spix e Martius etc). Durante o século XIX o hábito de assistir encenações lúdicas tomou força entre os ouropretanos, tanto que a Lei nº 668, de 18 de maio de 1854, previu a construção de outro teatro, em lugar mais condigno. Como a obra exigia grandes despesas, o governo provincial decidiu-se por subsidiar a Sociedade Dramática local - que havia tomado para si a árdua tarefa de reformar a já quase centenária Casa da Ópera. A obra, concluída no ano de 1862, alterou bastante a estrutura física do teatro (data desta época, por exemplo, as colunas de ferro que servem de sustentáculo aos camarotes).

Poucos anos antes da mudança da capital, ainda se ventilava a idéia de se construir um novo e espaçoso teatro, idéia, todavia, que nunca se concluiu, e que, por isso, conservou para a posteridade o velho teatro ouropretano, tido como o mais antigo do gênero existente na América do Sul.

Por todas estas credenciais, Ouro Preto é uma das mais importantes cidades brasileiras, símbolo maior da nossa cultura e expressão máxima da História e do Barroco Mineiro.

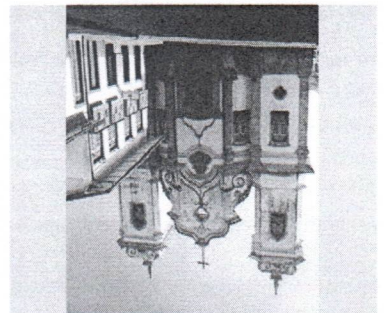


Foto 2.9- Igreja de N. Sra. Do Pilar
Fonte: www.ouropretotur.com



Foto 2.10- Procissão religiosa na Rua Direita
Fonte: www.ouropretotur.com



Foto 2.11- Igreja de N. Sra. Da Conceição de
Antônio Dias (Meados do século XX)
Fonte: Acervo IFAC



Foto 2.12- Igreja de N. Sra. Da Conceição de
Antônio Dias/ 2002
Fonte: Acervo Inaiana Barbosa Guerra



Foto 2.13- Igreja de São Francisco de Assis/ 2003
Fonte: Acervo Inaiana Barbosa Guerra



Foto 2.14- Igreja de N. Sra. Do Carmo/ 2004
Autoria: Raquel A. Ferreira

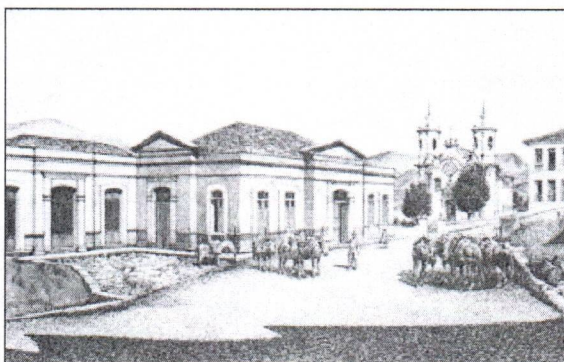


Figura 2.9 – Antigo Mercado em frente ao adro da Igreja de São Francisco de Assis
Fonte: Acervo Itafoto, 2001



Figura 2.10 – Rua Cláudio Manoel, por José Pio
 Fonte: Acervo Itafoto, 2001

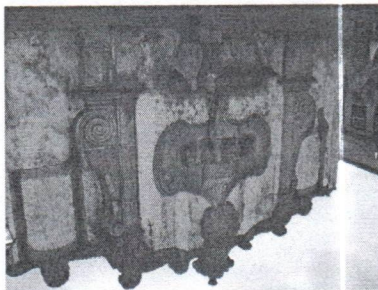


Foto 2.16- Chafariz de Marília
 Autoria: Raquel A. Ferreira/ 2004

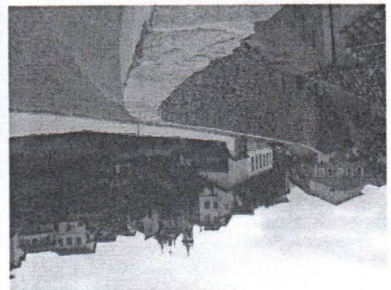


Foto 2.15- Ponte Seca construída para o Triunfo
 Eucarístico
 Autoria: Raquel A. Ferreira/ 2004

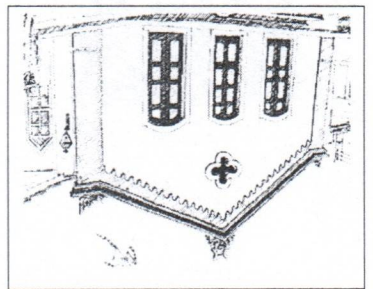


Figura 2.11 – Teatro Municipal Casa da Ópera
 Fonte: www.ciac.gov.br

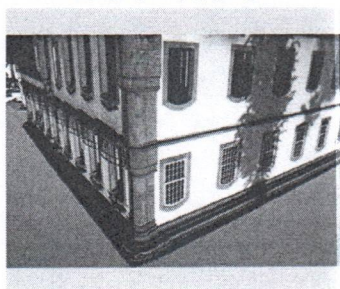
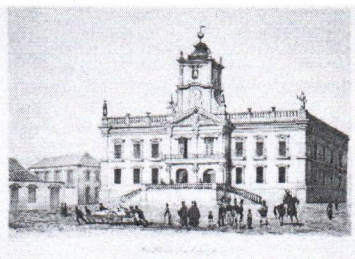


Foto 2.17- Casa dos Contos
 Fonte: www.ouropretolour.com



Gravura de Burmeister

Figura 2.12- Antiga Casa de Câmara e Cadeia
Autoria: Burmeister/ Séc. XIX
Fonte: Acervo digital da AMIC



Foto 2.18- Atual Museu da Inconfidência
Fonte: Acervo Inaiana Barbosa Guerra



Foto 2.19- Antigo Fórum na Praça Tiradentes(Século XIX)
Fonte:Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto



**Saída das Tropas rumo à Guerra do Paraguai
"Voluntários da Pátria"**

compartilhado e 2º Foto Tiradentes em Mariana Soares

Foto 2.20- Praça Tiradentes com a tropa dos
"Voluntários da Pátria" na saída rumo à Guerra do
Paraguai.(1864 a 1870)
Fonte: Acervo IFAC

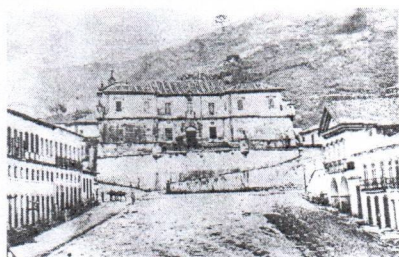


Foto 2.21- Praça Tiradentes
Fonte: Acervo Inaiana Barbosa Guerra



Praça Tiradentes em foto do Século XIX

Foto 2.22- Praça Tiradentes/ Século XIX
Fonte: Acervo Inaiana Barbosa Guerra

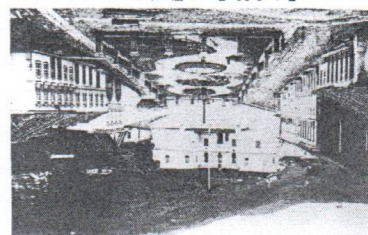


Foto 2-23- Praça Tiradentes
 Autora: José Pio
 Fonte: Acervo Inalana Barbosa Guerra

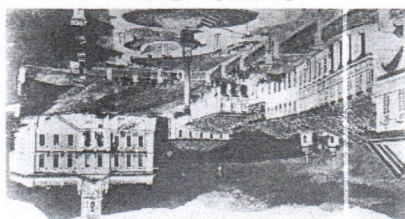


Foto 2-24- Praça Tiradentes
 Autora: José Pio
 Fonte: Acervo Inalana Barbosa Guerra

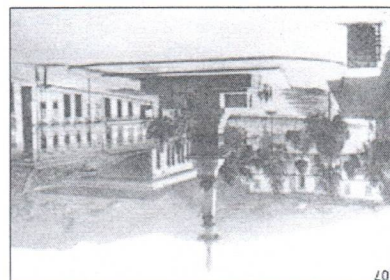


Foto 2-25- Praça Tiradentes (1922-1925)
 Fonte: MORAES, 2001

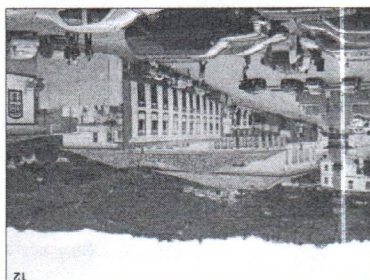


Foto 2-26- Praça Tiradentes: casarão incendiado encoberto por tapumes
 Autora: Alexandre Borim/2004
 Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto

2.6 JACUBAS E MOCOTÓS

Várias cidades coloniais mineiras possuem uma rivalidade bairrista característica. Em Ouro Preto esta "rivalidade" vem gestada desde o período colonial e está intrinsecamente ligada ao surgimento e desenvolvimento urbano da cidade. Durante muitas décadas do século XVIII a Vila Rica era composta de dois núcleos principais separados, cada um com paróquia própria: o Antônio Dias (cuja padroeira é Nossa Senhora da Conceição) e o Ouro Preto (devotada a Nossa Senhora do Pilar). Ambas tinham suas matizes, ambas tinham irmandades com mesmo orago, ambas tinham Ordens Terceiras (Franciscana no Antônio Dias; Carmelita no Ouro Preto). O Pilar de Ouro Preto tinha sua igreja das Mercês, Rosário e seu templo de Ordem Terceira, o Carmo. Antônio Dias tinha também sua Mercês e Rosário (Santa Efigênia) e também sua representante de Ordem Terceira, São Francisco de Assis. A cidade só adquiriu sua feição atual com a terraplanagem do cimo do Morro de Santa Quitéria: a Praça, atualmente chamada Tiradentes, tornou o ponto central e o climax



físico evolutivo do período aurífero - dando à vila o seu aspecto de homogeneidade e unicidade que atualmente possui - já transcorrido a maior parte do século XVIII. Ainda hoje, todavia, para quem caminha nas velhas ruas de um e outro bairro, é possível perceber um “quê” de diferença que perpassa as construções e o arruamento.

Esta diferença, outrora bem mais evidente, foi batizada com terminologia própria pelo menos desde o século XIX: os de Ouro Preto eram chamados de Mocotós e os de Antônio Dias, de Jacobas. As explicações sobre a origem destes termos são as mais variadas. Em 1967 Alcebiades Taciano Jerônimo propôs, baseado em tradição anterior, que o termo “Jacobas” era corruptela popular de jacobino, nome de grupamento importante na Revolução Francesa, em 1789. Mas, por que esta origem distante? Em Antônio Dias residiam os elementos políticos mais irrequietos e os democratas mais destacados da cidade. E “Mocotós”? Para Alcebiades o termo vem do orgulho pitoresco dos moradores do Pilar de Ouro Preto, que se auto-intitulavam Pés-de-Boi ou Mocotós¹¹ (segundo o mesmo pesquisador o termo também pode ser empréstimo do congolês “macota”, que significa pessoa com influência).¹²

Augusto de Lima Júnior dá uma versão diferente. Para Lima Júnior:

os moradores de Ouro Preto denominavam jacobas aos de Antônio Dias, alegando, que, estando o matadouro de rezes na freguesia de Ouro Preto, os outros só se alimentavam de farinha e rapadura. Os de Antônio Dias respondiam que, se o matadouro estava em Ouro Preto, a carne ia para Antônio Dias, contentando-se os fregueses do Pilar com as mãos das rezes ou mocotós.¹³

Esta rivalidade característica proporcionou à cidade uma infinidade de lendas, tipos de rua, anedotas etc. Estas rixas antigas enfeitam a já rica história de Ouro Preto, mostrando quão fecunda é a cultura de nossa gente e quão variados são os enfoques de abordagem que se pode dar os que se aventuram a estudar a sociedade ouropretana.

¹¹ *Mocotó* é a pata de boi que, já sem o casco, é usada na alimentação. Ou seja: mocotó (ou o pé-de-boi) é o sustentáculo do bovino, aquilo que ergue e segura o vigoroso corpo.

¹² Vide JERÔNIMO, Alcebiades Taciano. *Lendas Tradições e Costumes de Ouro Preto*, pp.87 e 88.

¹³ JÚNIOR, Augusto de Lima. *Vila Rica do Ouro Preto*, p.187.

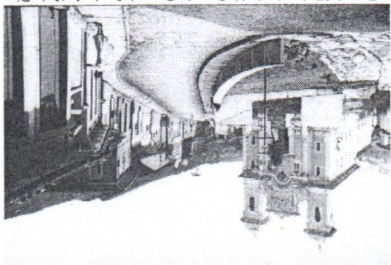


Foto 2.27- Igreja de N. Sra. da Conceição de Antônio Dias

Fonte: Acervo IFAC



Foto 2.29- Torres da Igreja Matriz de N. Sra. do Pilar vista por trás do casarão.

Fonte: Acervo IFAC

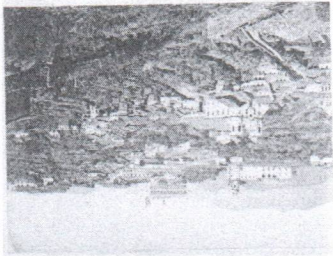


Foto 2.28- Vista do bairro Antônio Dias
Cerca de 1870/ 1875

Fonte: Acervo IFAC



Foto 2.30- Vista do bairro do Pilar, Cerca de 1870/1875

Fonte: Acervo IFAC

2.7 O OITOCENTOS: IMPÉRIO E VIDA SOCIAL

Após a repressão violenta dos movimentos da Inconfidência, acentua-se ainda mais o declínio econômico de Portugal e a decadência do "ciclo" do ouro se manifesta aterroradamente. A riqueza e o fausto de outrora começam a ceder lugar à pobreza e à simplicidade. Minas inteira entra em crescente crise. Povoados são abandonados. A maioria dos pequenos agricultores perde espaço para os grandes fazendeiros que, apesar da crise, conseguem manter sua influência. A população diminui drasticamente. Vila Rica não foge à regra: a população que, no auge do período aurífero devia girar em torno de dezenas de milhares, agora, no século XIX, não passará de 15 mil habitantes (quando não menos).

Apesar da crise e da aparente decadência, Vila Rica ainda permanece a capital de Minas Gerais - Minas que, em 1822, com a proclamação da independência, deixa de ser capitania e passa a ser província. Em 1823 a Vila é elevada a cidade, com o novo nome de Imperial



Cidade de Ouro Preto, permanecendo como sede da Província. Começava a fase Imperial da nossa história.¹⁴

Durante o século XIX serão valiosos os registros feitos por vários viajantes estrangeiros que visitaram as Minas - todos, é obvio, não deixaram de conhecer a famosa Ouro Preto, outrora Vila Rica, cuja existência, já quase lendária, aguçava a curiosidade dos estudiosos europeus que singravam o Brasil de então.

Parece que o geólogo inglês John Mawe foi o primeiro destes viajantes a visitar Ouro Preto. Datam de 1812 suas impressões: o aspecto da veneranda Vila Rica o decepcionou - vinha esperando encontrar o fausto do século anterior e topou com uma cidade em declínio econômico. Encantaram-no, por outro lado, os pomares e jardins bem arrumadinhos. A Rua Direita valeu-lhe elogios, chamando sua atenção, além da arquitetura característica, os orantes postados em oratórios inseridos nas edificações desta ladeira.

Em 1816 foi a vez de Auguste de Saint-Hilaire. O naturalista francês ficou impressionado com o aspecto sombrio, taciturno e triste da velha capital: assim como Mawe, esperava encontrar a cidade reluzente do século de ouro. É interessante que, como outros estrangeiros, queixou-se de não encontrar muitas senhoras pelo caminho. Somente, por ocasião de um baile no Palácio dos Governadores, teve oportunidade de observá-las, dançando (algumas, diga-se, graciosamente).

O negociante inglês John Luccock visitou as Minas pela mesma época que Hilaire: é dele a observação primeira que somente 'o ouro ergueria uma cidade em lugar tão hostil'. Luccock é mais benevolente que os outros para com o aspecto urbano da capital: agradou-lhe alguns edifícios públicos, cuja grandeza desconhecia em outras partes do país. Agradou-lhe também os vários chafarizes, alguns nobremente instalados. Observou ainda que os negros e mulatos eram a maioria dos tipos humanos encontrados nas ruas, sendo pois, a velha Vila, uma capital mestiça.

O reverendo inglês Walsh visitou-nos por volta de 1828-29. Falou da já imperial cidade com simpatia, apesar de tudo. Chamou muito sua atenção a quantidade imensa de manufaturas inglesas encontradas nas lojas da cidade (o que bem testemunha a invasão de produtos

¹⁴ Assim que declarada nossa independência, o país foi transformado em Império, tendo, durante os quase 70 anos de existência, dois imperadores: D. Pedro I e seu filho, D. Pedro II.



ingleses nas possessões portuguesas d'alem mar após a abertura dos portos). A Praça Principal (atual Tiradentes) valeu-lhe palavras elogiosas, tal a localização e a vista panorâmica. Fala ainda do grande número de igrejas (que davam aos ares um certo ar de importância).

Em livro publicado em Viena, em 1837, o naturalista eustraco Johann Emanuel Pohl deixou também seu relato a respeito de sua visita à Ouro Preto. Como vários outros antes dele, chamou-lhe atenção o ar tristonho e decadente. Fez, todavia, uma descrição urbana que se pode chamar de detalhada. Falou ainda - e com bastante minúcia - sobre as apresentações teatrais da cidade: companhias ambulantes visitavam o teatro local propiciando algum regalo aos grandes e/ou aos letrados da cidade. Salienta, com ar pitoresco, que ali os papéis femininos eram desempenhados por homens travestidos (uma vez que não era aceitável que moças de família representassem). Durante sua permanência em Vila Rica Pohl assistiu à apresentação das seguintes peças: uma opera cómica de Dittendorf, a *Donzela de Marenburgo* e a peça mais famosa entre os portugueses, *Inês de Castro*.

Muitos outros estrangeiros visitaram Ouro Preto, não cabendo seus apontamentos nestas linhas sucintas: alguns - para além de palavras - fixaram Ouro Preto em imagens desenhadas ou pintadas (como Rugendas e Burmeister), cujo acervo visual constitui fonte preciosa acerca da aparência da cidade em tempos idos.

É cabido, a título de comparação, relatar pelo menos uma visão diferente desta dos estrangeiros (que, como não podia deixar de ser, estava imbuída de preconceitos). É muito interessante o relato nativo de Henrique Barbosa da Silva Cabral sobre a Ouro Preto de outrora. Apesar de ter passado a maior parte da vida no século XX, são dele várias observações acerca dos hábitos do período imperial. Transcrevemos a seguir, pelo muito que nos legam, longos trechos da sua obra póstuma, editada tardiamente:

Era simples e cheia de encantos a vida social na velha capital mineira. As famílias, entrelaçadas, em geral, pelo mesmo sangue, mantinham convivência agradável pela amizade que as unia. Todas se conheciam, todas se estimavam; todas se dispunham a auxiliar umas as outras nos momentos de dor ou de provações; todas se alegravam nas horas de regozijo.¹⁵

¹⁵ CABRAL, Henrique Barbosa da Silva. *Ouro Preto*, p.179.



Sobre a vida social noturna escreveu:

Na boa sociedade, a festa mais agradável, das que ainda alcançamos, era a que denominavam *soirée íntima* ou *assustado*. Consistia em danças, que se iniciavam às 20 horas e se prolongavam comumente até às duas da madrugada. Em dias como o de Natal, passagem de ano, Sábado da Aleluia, datas natalícias, iam até às 4 e 5 horas da madrugada. Moças e rapazes sempre alegres dançavam incessantemente ao som do piano ou de pequena orquestra de 3 ou 4 figuras. Essas soirées eram sempre muito animadas e iniciadas por uma quadrilha. Seguiam-se valsas, polcas, tangos, schottish e lanceiros. Lanceiros! A dança das medidas e da graça aristocrática com movimentos de recato e polidez!¹⁶

Também haviam os bailes, conforme salientou Henrique Barbosa:

Além destas soirées, havia os grandes bailes ou bailes de luxo, como diziam. As damas se apresentavam com finas toilettes de seda, vindas do Rio, e com grandes decotes. Os cavalheiros compareciam de casaca, luvas, sapato baixo de verniz e chapéu claqué que conservavam fechado e seguro em uma das mãos, quando dançavam. Se em uma soirée ou em um baile uma dama não era tirada para dançar, diziam que estava comendo peru. Nas quadrilhas era comum os pares de namorados se colocarem vis-à-vis. Depois se revezavam.(...)¹⁷

Nas quadrilhas oficiais ou de bailes de luxo, a autoridade maior ou político mais graduado deveria dançar com a senhora de outra igual posição social; se a festa se realizava em casa particular, era de bom-tom que os donos da casa tomassem parte nessas quadrilhas. A autoridade mais elevada dançava com a dona da casa, enquanto seu marido procurava para par a esposa de outra pessoa eminente. Às 23 horas se distribuía um cálice de licor ou vinho Moscatel ou do Porto e à uma hora era servida uma mesa de doces finos, chá e café. Rara era a festa em que ofereciam cerveja e conhaque, embora houvesse destas bebidas para quem as quisesse.¹⁸

Algumas palavras sobre o lazer cotidiano:

Uma outra diversão muito usada era a do piquenique. Diversas famílias amigas, com dias de antecedência, combinavam um passeio campestre que, em regra, tinha lugar na Lagoa do Gambá, em cujas proximidades existe, hoje, o Quartel do 10º Regimento do Exército.¹⁹ (...)

Outra diversão que a velha Ouro Preto muito apreciava era a serenata. Alguns moços se reuniam em noite de luar e conduzindo diversos instrumentos musicais paravam em frente de casas amigas para executarem músicas e cantarem modinhas. Havia serenatas extraordinárias, em que tomavam parte mais de 10 e 15 figuras de bons músicos que levavam o cavaquinho, violino, flauta, violão, clarineta, bombardino, violoncelo, baixo etc.²⁰

¹⁶ *Idem*, p.180.

¹⁷ *Idem*, p.181.

¹⁸ CABRAL, Henrique Barbosa da Silva. *Ouro Preto*, p.182.

¹⁹ Que hoje é o complexo do CEFET-OP. *Idem*, p.182.

²⁰ *Idem*, p.184.

Aliás, a música sempre foi uma constante na vida da capital:

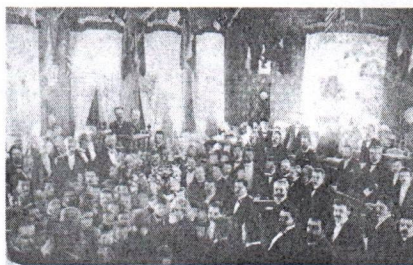
Os ouro-pretanos foram sempre apreciadores da boa música. Rara era a casa onde não se encontrassem, nas salas-de-visita, instrumentos musicais, principalmente piano e violino. Não eram somente as moças que se dedicavam à arte mágica dos sons, que encantam e deleitam o espírito e falam ao coração. Arte que, com facilidade, exprime aquilo que sentimos, mas que as palavras são impotentes para manifestar! Não também rapazes se faziam bons artistas ou musicistas (...).²¹ Entre outros, a velha capital contou com estes: Clube Musical João da Mata, de Egídio Costa. Nesta mesma ocasião, foi organizada a Sociedade União Musical e Confraternidade, que tinha como secretário Francisco Roberto Veloso; Sociedade Musical Henrique de Mesquita, em Antônio Dias e que deu grande concerto em 20 de Janeiro de 1884. Eutérpe Ouro-Pretana: Filarmônica Ouro-Pretana, e outras mais.²²

Quão diferente é esta visão de um nativo daquela visão, austera e estranhada, do viajante estrangeiro! Durante o século XIX a decrepitude descrita pelos viajantes (que nunca sabermos se foi exagerada ou não) foi gradualmente dissipada. Os olhos imperiais deliraram mais de uma vez a visão sobre Ouro Preto - tanto é que, por exemplo, em 1839 foi criada a Escola de Farmácia e, em 1876, nasceu, graças ao empenho de um estrangeiro, Henri Gorceix, a Escola de Minas. Deve-se frisar também que em 1888 Ouro Preto era ligada à capital, Rio de Janeiro, por uma Estrada de Ferro, climax de uma obra demorada, custosa e de soluções construtivas engenhosas.

Em 1897 a capital foi transferida para o antigo Curral del-Rey (Belo Horizonte). Começava outra fase da velha cidade. Houve, é certo, novo declínio, mas, como a lendária fênix, Ouro Preto foi novamente redescoberta e renasceu do ostracismo.

²¹ *Idem*, p.188.

²² CABRAL, Henrique Barbosa da Silva. *Ouro Preto*, p.189.



Cerimônia de posse do governador
Cesário Alvim, em Ouro Preto

Foto 2.31- Cerimônia de posse do governador Cesário Alvim em Ouro Preto/ 1889
Fonte: Acervo I FAC

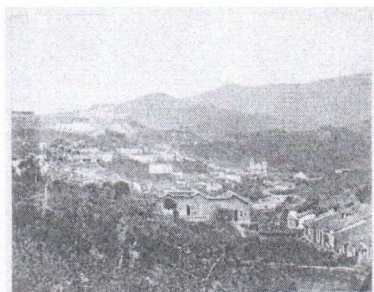


Foto 2.32- Panorama de Ouro Preto: cerca de 1870/1875
Fonte: Acervo I FAC



Foto 2.33- Panorama de Ouro Preto: cerca de 1875
Fonte: Acervo I FAC

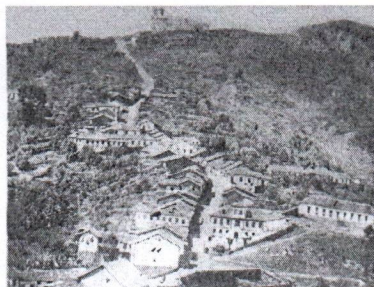


Foto 2.34- Panorama de Ouro Preto com ladeira
de Sta. Efigênia: cerca de 1875
Fonte: Acervo I FAC



Foto 2.35- Rua São José
Autoria: J. Guilherme Libeneau/ 1881
Fonte: Acervo IFAC



Foto 2.36- Vista panorâmica com fundos da Igreja de N. Sra. Do Pilar/ Século XIX
 Fonte: Arquivo IFAC

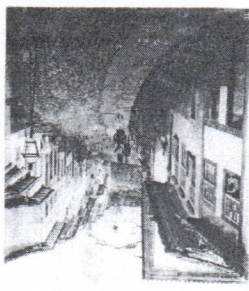


Foto 2.37- Ladeira do Pilar/ 1882
 Fonte: Arquivo IFAC

2.8 O SÉCULO XX

Amanhece o século XX e Ouro Preto - a velha Vila Rica, de passado faustoso e cultura pródiga - já não é mais capital das Minas Gerais. Findo o período da exploração aurífera e o Império, amargurava a cidade a nostalgia de tempos mais prósperos e florescentes. Estava Ouro Preto fadada ao esquecimento? Não! Nosso passado era por demais marcante para deixar patrimônio tão vasto passar despercebido. Coube novamente aos paulistas - desta vez aqueles modernistas de 1922 - a "redescoberta" de Ouro Preto. Procuravam, naquele momento, o reativamento da Memória Nacional, o encontro de uma cultura e arte de caráter brasileiro ou nacionalizante. E é nas Gerais que irão achar a inspiração para esse encontro: o Barroco Mineiro será a tônica das discussões...

É claro que Ouro Preto nunca esteve abandonada ou esquecida: sua fama ainda era lendária e nativos mineiros ainda propagavam nossa história (como Diogo de Vasconcelos). Todavia, coube aos modernistas a difusão nacional (e internacional) da cultura artística mineira. Mas também é bem verdade que Ouro Preto nunca foi uma cidade morta (à semelhança daquelas descritas por Monteiro Lobato). O próprio Manuel Bandeira lhe chama de viva, vigorosa - pitoresca em cada via, panorâmica em cada rua. Enfim, a partir dos modernistas estava inaugurado, a bem dizer, mais um período da nossa história: o período dos turistas, na atual acepção da palavra.



O patrimônio de Ouro Preto, redescoberto e então em voga, foi prontamente reconhecido pelos dirigentes da época: em 1931 o prefeito João Veloso promulga lei impedindo a descaracterização do casario colonial da cidade. Em 1933 o governo do presidente Getúlio Vargas eleva Ouro Preto a Cidade Monumento Nacional. Em 1938 o conjunto urbano foi tombado pelo instituto que hoje constitui o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Seguindo a onda de revalorização histórica, em 1944 é criado o Museu da Inconfidência. Por aquela época escritores como Augusto de Lima Júnior apregoavam nossa história através de textos e livros. No campo educacional dão projeção à cidade a criação, em 1944, da Escola Técnica Federal, e, em 1969, da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto). Em 1980 a cidade é declarada Patrimônio Cultural da Humanidade.

Em 1994 a cidade se torna sede da primeira grande conferência do Mercosul, justamente aquela que tratava da criação do organismo. Em 1998 houve grande comemoração por ocasião do tricentenário de fundação do arraial. Em 2003 um grande incêndio destrói o antigo Hotel Pilão, que seria reinaugurado em 2006 como Centro Cultural e Turístico FIEMG. No mesmo ano de 2006 houve a reinauguração da Estrada de Ferro Ouro Preto-Mariana.

Atualmente, muito se escuta sobre as questões relativas ao crescimento desordenado da sede. O problema da ocupação irregular do solo de Ouro Preto, especialmente dos morros, é problema antigo: questões pertinentes ao uso e regulação do espaço urbano de Ouro Preto já existem desde o século XIX, conforme atesta a documentação camarária. Não custa salientar que um dos motivos para mudança da capital, em 1897, foi justamente a falta de condições técnicas viáveis para se ocupar as encostas da sede. Nas últimas décadas, todavia, grande parte das encostas, à montante da cidade, foi ocupada desordenadamente, transformando os verdejantes morros em bairros apinhados de casas, com ruas tortuosas e becos intransitáveis aos automóveis.²³ Parte desta ocupação se deve ao crescimento populacional, intensificado a partir da década de 1970 com a instalação de diversas mineradoras na região. As tentativas do Poder Público em organizar os espaços urbanos citados têm sempre causado conflito entre determinados setores da sociedade. As atuações conjuntas recentes entre a Prefeitura e o IPHAN dão mostras, contudo, de sinais favoráveis.

E é desta forma que nasceu a Ouro Preto de hoje, irrequieta e dinâmica, cheia daqueles ares do passado que tanto impressionam os turistas. Suas montanhas ainda produzem

²³ A questão do trânsito urbano é problema também no centro histórico, cuja passagem de veículos pesados é ameaça constante ao patrimônio edificado.

inestimáveis riquezas minerais, como o ferro e o Topázio Imperial. O ouro, todavia, ficou no passado: preservou-se nas igrejas mineiras e nos palácios portugueses ou esvali-se nas chaminés das indústrias inglesas. Ouro, montanhas, riquezas, patrimônio: esses são os componentes da bem sucedida e famosa história de Vila Rica!

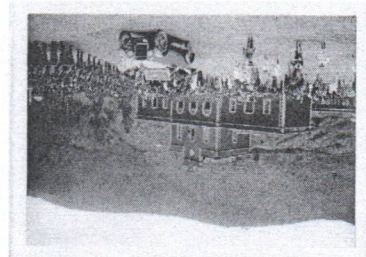


Foto 2.38- Epitáfio Pessoa sai da Estação Ferroviária/
 Início do século XX
 Fonte: Acervo IFAC

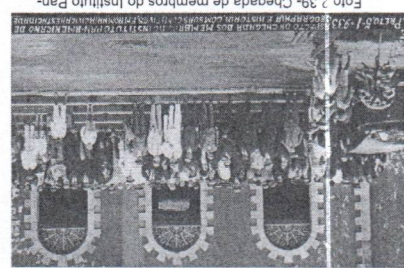


Foto 2.39- Chegada de membros do Instituto Pan-
 Americano de Geografia e História/ 1933
 Autora: Luiz Fontana
 Fonte: Acervo IFAC

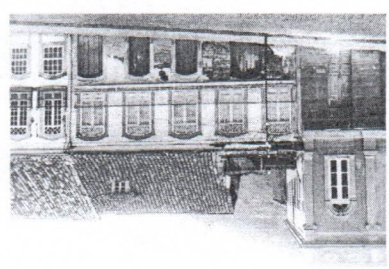


Foto 2.40- Casa da Baronesa, início do século XX
 Fonte: Acervo IPHAN

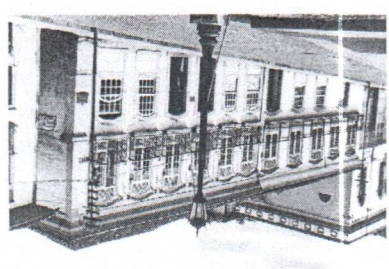


Foto 2.41- Casas do Conjunto Alipor, início do século XX
 Fonte: Acervo IPHAN



Foto 2.42- Estação Ferroviária e entorno, início do
 século XX
 Fonte: Acervo IFAC

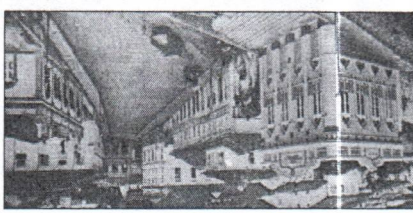


Foto 2.43- Praça Reinado Alves de Brito/ século XX
 Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto



Foto 2.44- Vista aérea de Ouro Preto/ 1935
Autoria: Alcebiades Delamare
Fonte: Acervo Alcebiades Delamare



Foto 2.45- Antigo Lyceo de Artes e Ofícios e atual Cine Vila Rica/ século XX
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto

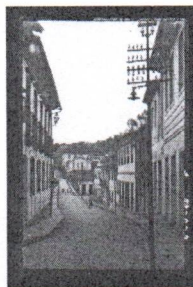


Foto 2.46- Ponte do Rosário no Início da Rua Alvarenga/ século XX
Fonte: Acervo IPHAN



Fotos 2.47, 2.48 e 2.49- Fases do processo de ocupação visto a partir do largo da Igreja de N. Sra. da Conceição de Antônio Dias
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto

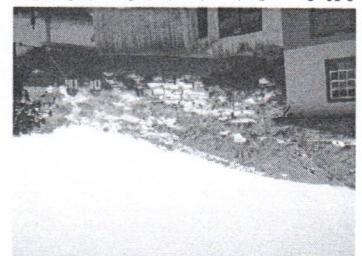


Foto 2.50- Ocupação desordenada da Serra de Ouro Preto
 Autora: Raquel A. Ferreira
 Data: Março de 2007



Foto 2.52- Situação atual de ocupação dos morros
 Fonte: Maria Cristina Cairo Silva



Foto 2.51- Anexos que descaracterizam os fundos das edificações da Rua São José
 Autora: Raquel A. Ferreira
 Data: Março de 2007

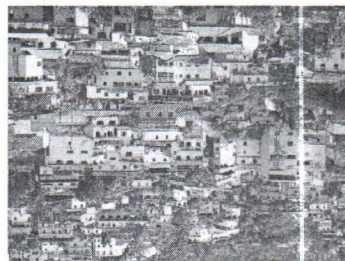


Foto 2.53- Situação atual de ocupação dos morros
 Fonte: Maria Cristina Cairo Silva

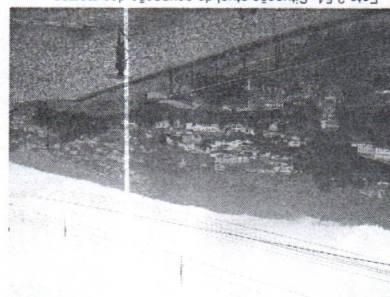


Foto 2.54- Situação atual de ocupação dos morros
 Fonte: Acervo Alex Bohrer

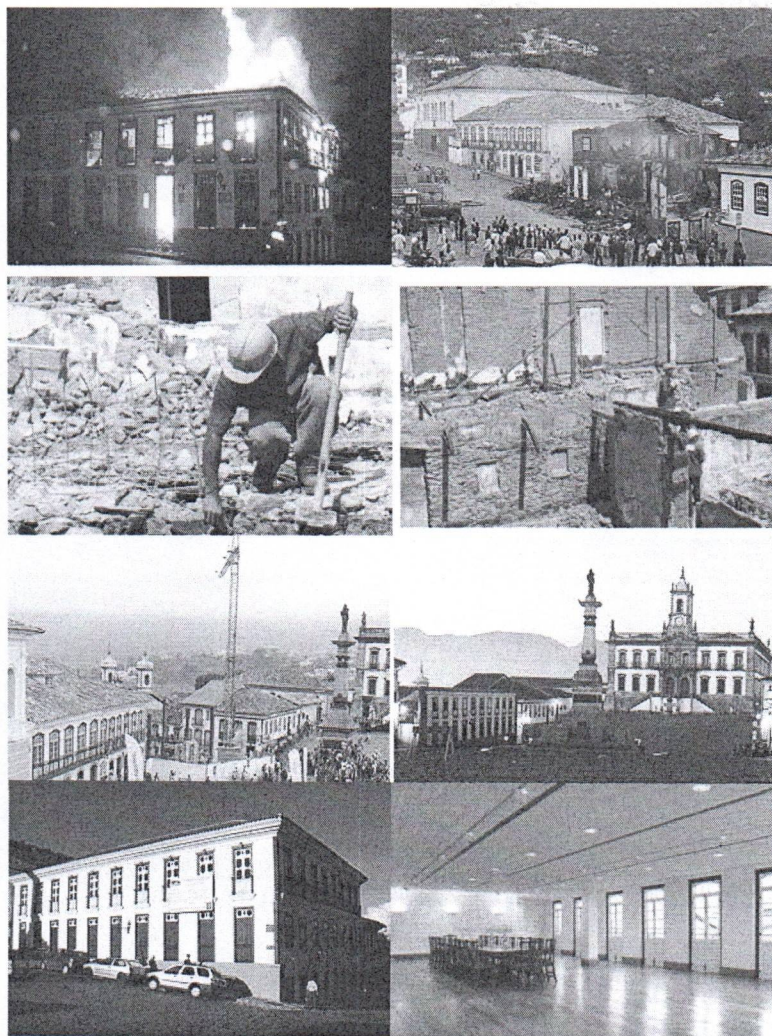


Foto 2.55- Casarão da Praça Tiradentes incendiado em abril de 2003 e depois restaurado para sediar um Centro Cultural da FIENG em abril de 2006.
Fonte: www.ouropreto.com.br

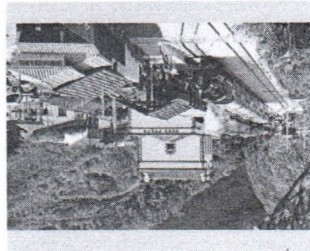


Foto 2.56- Estação Ferroviária restaurada pelo Projeto Trens da Vale
Fonte: www.ourcprelojour.com

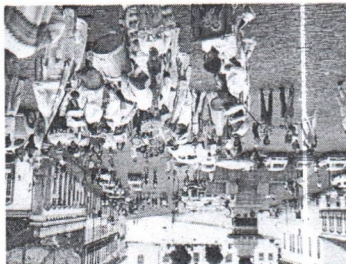


Foto 2.58- Grupo de Congado na Praça Tiradentes
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto

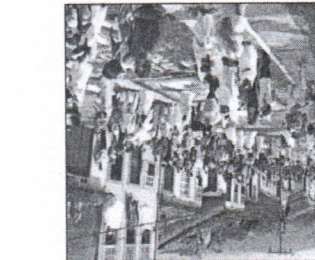


Foto 2.57- Procissão da Semana Santa
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ouro Preto

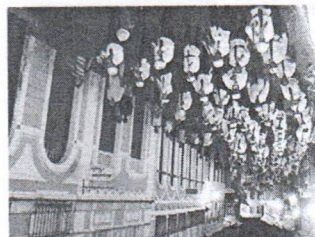


Foto 2.59- Grupo carnavalesco Bandalheira na Rua São José
Fonte: www.ourcprelojour.com.br



Foto 2.61- Encontro do Mercosul em Ouro Preto/2004
Autoria: E. Tropia
Fonte: www.ourcprelojour.com.br



Foto 2.60- Grupo carnavalesco Zê Pereira
Autoria: Raquel A. Ferreira
Data: fevereiro de 2005



2.9 NOMES DE VULTO E TIPOS POPULARES

Muitas personalidades fizeram a história de Vila Rica - tantas que se torna impossível listar todas. Escolhemos aquelas figuras emblemáticas de época: alguns são filhos de Ouro Preto outros tem sua biografia de tal forma enlaçada às páginas de nossa história que torna-se dificultoso falar de Ouro Preto sem delas dizer palavra.

Joaquim José da Silva Xavier (o Tiradentes)

Joaquim José da Silva Xavier nasceu em 1746 na Fazenda Pombal nas proximidades de São José del-Rey (hoje Tiradentes). Foi criado por seu padrinho - que era cirurgião e do qual aprendeu a profissão de dentista que lhe valeria o seu famoso apelido: Tiradentes. Ainda jovem também foi tropeiro e mascate, além de mostrar conhecimentos em engenharia e mineralogia.

Com mais de 30 anos alistou-se no Regimento dos Dragões das Minas Gerais, alcançando a patente de alferes²⁴. Por volta de 1787 conheceu José Álvares Maciel, jovem cientista brasileiro recém chegado da Europa. Provavelmente data daí os primeiros contatos que o Alferes Tiradentes teve com revolucionários ideais libertários. Em breve formou-se um grupo de idealistas conhecido, mais tarde, como Inconfidentes. Os principais inconfidentes eram: Joaquim José da Silva Xavier, Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Inácio José de Alvarenga Peixoto, José Álvares Maciel, entre outros.

A Inconfidência Mineira foi denunciada por Joaquim Silvério dos Reis ao Visconde de Barbacena no dia 15 de março de 1789, no Palácio de Veraneio em Cachoeira do Campo, local onde residia o governador. Todos os Inconfidentes foram presos e julgados, contudo somente Tiradentes sofreu o suplício máximo. Foi enforcado e esquartejado no dia 21 de abril de 1792, no Rio de Janeiro. Seus quartos foram espalhados pelos caminhos de Minas e sua cabeça foi exposta na praça central de Vila Rica. Quando da Proclamação da República, Tiradentes foi elevado a Herói Nacional.

Silva Jardim, orador do movimento republicano, assim o descreve:

²⁴ Posto hoje correspondente ao de Segundo Tenente.



Não era belo. Não lhe coubera instrução fora do comum, porém era sagaz, podendo de um olhar aprender o valor e a extensão de uma idéia; era um coração bem formado, generoso, cheio de bondade... Sua ambição tinha os mais nobres fins: seu amor e veneração à pátria foi sem limites. Sua franqueza selvagem, sua indignação por toda a vileza, seu anseio pela idéia que o possuía, eram tais que os vulgares apodavam-no louco, e os bem nascidos estimavam-no herói.

Antônio Francisco Lisboa (o Aleijadinho)

Antônio Francisco Lisboa nasceu escravo, filho natural do arquiteto e mestre-de-obras português Manoel Francisco Lisboa e de sua escrava Isabel. Nasceu nos arrabaldes de Antônio Dias, Vila Rica, no ano de 1738 (ou 1730, como querem alguns). Provavelmente alfornado ao nascer, recebeu o sobrenome do pai. Certamente aprendeu com o pai a técnica dos riscos e os preceitos básicos de arquitetura. A arte da escultura deve tê-la aprendido com artesãos renomados, especialmente os da oficina de seu tio Antônio Francisco Pombal (de quem certamente herdou o nome). Muitos aventam que foi com o artista português João Gomes Batista, desenhista e gravador, que Aleijadinho se instruiu nos elementos teóricos e eruditos pertinentes à sua formação.

Por volta de 1777 apareceram-lhe os primeiros sintomas da doença deformante que lhe valeu o apelido:²⁵ era corrente afirmar que, para obrar, fazia com que se lhe atassem o cinzel e o martelo de escultor nas mãos mutiladas.

Suas obras, quase todas de caráter religioso, se espalham por igrejas da região de Ouro Preto (São Francisco de Assis, Carmo etc), Congonhas do Campo (Profetas e Passos da Basílica do Bom Jesus do Matosinhos), São João del-Rey (São Francisco de Assis, Carmo), Sabará (Carmo), Tiradentes (novo risco da fachada da Matriz de Santo Antônio) etc. É considerado o maior artista brasileiro de todos os tempos, pelo conjunto e grandeza da obra.

Morreu em 1814 e foi sepultado na Igreja Matriz de Antônio Dias, em frente ao altar de Nossa Senhora da Boa Morte.

²⁵ A doença do escultor tem sido aventada por muitos pesquisadores e as hipóteses variam desde a lepra, passando pela poliomielite, AVC (Acidente Vascular Cerebral) e porfiria (conforme defende o Dr. Geraldo Barroso, médico que coordenou a recente exumação das ossadas do escultor).



Somente em meados do século XIX vai lhe aparecer o primeiro biógrafo, fazendo jus ao seu acervo criativo. Data de 1858 os dados biográficos recolhidos e publicados por Rodrigo José Ferreira Bretas.

Tomás Antônio Gonzaga

Nasceu em 1744 na cidade do Porto, Portugal. Com sete anos de idade veio para o Brasil com seus pais. Iniciou seus estudos no Colégio Jesuíta na Bahia. Em 1761 ingressa na Universidade de Coimbra, bacharelando-se em Leis. Exerceu o cargo de Juiz de Direito em Beja. Em 1782 foi nomeado ouvidor de Vila Rica. Em Vila Rica apaixonou-se por Maria Dorotéia Joaquina de Seixas Brandão, musa enamorada que imortalizaria nas líras de seu poema mais famoso: "Marília de Dirceu". Uma vez envolvido na Inconfidência Mineira, foi preso e transferido para o Rio de Janeiro. De lá, em 1792, foi degredado para Moçambique. Na África recompôs sua vida, casando-se com a filha de um abastado negociante.

O poema Marília de Dirceu é dos mais lidos e editados da língua portuguesa, sendo a obra máxima do arcadismo brasileiro. O arcadismo, modismo literário pautado pelo gosto do bucolismo e da vida pastoril, inspirou sobremaneira nossos poetas setecentistas, tanto que em 1768 foi fundada em Vila Rica a Arcádia Ultramarina, onde se congregavam os aficionados pelas belas letras. É neste estilo que Gonzaga compõem suas líras, exemplificadas a seguir pela Lira I:

*Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!
Eu vi o meu semblante numa fonte,
Dos anos inda não está cortado;
Os Pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o próprio Alceste:
Ao som dela concerto a voz celeste
Nem canto letra que não seja minha.*

Também lhe é atribuído a composição das "Cartas Chilenas": escritos de caráter satírico em que criticava o governador da época.

Faleceu no exílio em 1810.



Cláudio Manuel da Costa

Cláudio Manuel da Costa nasceu na Fazenda da Vargem, pertencente ao município de Mariana, em 1729. Fez os estudos introdutórios em Vila Rica. Com 20 anos de idade foi para Lisboa e depois a Coimbra, onde ingressou na Universidade, se formando em Cânones em 1753. Ali publicou três poemas: "Munusculo Métrico", "Labirinto de Amor" e o "Epicedio". Nestes poemas o caráter barroco da composição é ainda evidente. Uma vez regresso ao Brasil, publica, em 1768, o poema *Obras*, marco de nascimento do arcadismo brasileiro. Em 1773 compõe o poema épico *Vila Rica*, homenagem à cidade em que agora vivia Envolvido na Inconfidência Mineira, foi encontrado morto em 1789 no cubículo em que estava aprisionado. O laudo da época apontou como causa da morte o suicídio, mas até hoje há quem afirme que o venerando poeta foi assassinado.

É o patrono da Cadeira n.º 8 da Academia Brasileira de Letras.

Manoel Silva Alvarenga

Nasceu em Vila Rica em 1749. Como tantos outros contemporâneos e companheiros de letras, estudou em Coimbra. Defensor resolutivo do Marquês de Pombal, escreveu um poema heróico-cômico para exaltar as atuações do primeiro-ministro. Voltou ao Brasil em 1776, estabelecendo-se em de Vila Rica. Posteriormente mudou-se para o Rio de Janeiro, onde fez parte de uma importante sociedade literária. Suspeito de conspiração, foi detido em 1794. Permaneceu preso por três anos ao fim dos quais recebeu indulto real. Dois anos depois publicou seu poema mais famoso: *Glaura*. Morreu no Rio de Janeiro em 1814.

Glaura, nome fictício da sua musa, fez sucesso e foi também marco importante da nossa literatura. Seguem, como amostra, alguns versos do poema:

Carinhosa e doce, ô Glaura,
Vem esta aura ilsonjeira,
E a mangueteira já flor da
Nos convida a respirar.
Sobre a relva o sol dourado
Bebe as lágrimas da Aurora,
E suave os dons de Fôra
Neste prado vê brotar.

Hoje um dos distritos de Ouro Preto chama-se 'Glaura' em homenagem a esta obra e seu idealizador.





Bernardo Vasconcelos

Nasceu em Vila Rica em 1795. É considerado com justiça o político mais importante do período imperial e o verdadeiro solidificador do império brasileiro. Foi deputado na Primeira Câmara Legislativa Imperial, em 1826. Como ministro ocupou as pastas da Fazenda em 1831 e do Império em 1837.

Dentre as inúmeras contribuições de Bernardo de Vasconcellos à nossa formação política estão o Ato Adicional de 1840 e os Códigos Civil e Criminal. Foi fundador do Arquivo Nacional. É autor de inúmeros artigos para *O Universal*, de Ouro Preto, o *Sete de Abril* e a *Sentinela*, do Rio de Janeiro. Seu escrito mais importante é a famosa "Carta aos Eleitores Mineiros", redigida em 1827 na sua terra natal e publicada em São João del Rei. Faleceu em 1850, no Rio.

Bernardo de Vasconcelos é sem dúvida a maior personalidade política ouropretana do século XIX.

Rodrigo José Ferreira Bretãs

O imortal biógrafo do Aleijadinho, Rodrigo Bretas, nasceu em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto, em 1815. Entre 1820 e 1839 alfabetiza-se e forma-se em humanidades nos Colégios do Caraça e Congonhas do Campo. Entre 1839 e 1844 leciona latim, filosofia e retórica em Barra Longa, Barbacena e Ouro Preto, além de ter sido nomeado Promotor Interino da Comarca. Em 1845 casa-se com Maria Cândida de Souza Maciel. Entre 1846 e 1849 funda e dirige um colégio em Bonfim do Paraopeba. Em 1850 é nomeado Oficial Maior da Secretaria do Governo da Província. Em 1852 é eleito deputado provincial, o primeiro de quatro mandatos. Em 1854 publica um livro sobre as origens das idéias do espírito humano. Em 1855 é agraciado com a nomeação de Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa. Em 1859 instala a Biblioteca Pública de Ouro Preto. Em 1861 é nomeado Inspetor da Instrução Pública em Ouro Preto e em 1862 assume a direção do Colégio de Congonhas. Além de professor e político Rodrigo Bretas foi um iminente inventor, criando e aperfeiçoando um novo e prático tear mecânico. Faleceu em 27 de agosto de 1866.

Em 1858 Bretas concluiu sua obra mais famosa: a primeira biografia do Aleijadinho, o que lhe valeu a eleição de sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Nesta biografia Bretas resgata para a posteridade a vida e as obras do famoso Mestre do Barroco Mineiro. Valeu-se de documentos e de entrevistas realizadas com idosos que haviam conhecido o Aleijadinho em vida, entre eles Joana, a nora do escultor. Por tudo isso Rodrigo Bretas é justamente reconhecido com um dos maiores vultos mineiros do século XIX.

Bernardo Guimarães

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, escritor, magistrado e poeta, nasceu em Ouro Preto em 1825. Dos 4 aos 16 anos viveu em Uberaba e Campo Belo. De volta a Ouro Preto terminou os cursos preparatórios. Em 1847 ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo. Juntamente com Alvaros de Azevedo e Aureliano Lessa fundou a "Sociedade Epicurêia", que granjeou fama em São Paulo. Em 1852 Bacharelou-se. Nesse mesmo ano publicou *Cantos da Solidão*. Exerceu o cargo de juiz municipal e de órfãos em Catalão (em Goiás). Em 1864-65 o escritor viveu na Corte carioca. A partir de 1866 fixou-se em Ouro Preto, sendo nomeado professor de retórica e poética no Liceu Mineiro. Casou-se no ano seguinte com Teresa Maria Gomes. Entre 1869 e 1872 escreveu várias obras. Em 1873 foi nomeado professor de latim e francês na Vila de Queluz, atual Conselheiro Lafayette, MG. Em 1875 publicou o seu romance mais famoso e que melhor define sua campanha abolicionista: *Escrava Isaura*. Dedicando-se inteiramente à literatura escreveu vários romances e duas coletâneas de versos. Em visita a Ouro Preto, em 1881, Dom Pedro II prestou homenagem ao escritor que tanto admirava. Em 1884 morreu em Vila Rica. Hoje um vigoroso monumento funerário marca-lhe o túmulo no cemitério da Igreja de São José.

A 'Escrava Isaura' teve duas versões para televisão em forma de telenovela, o que prova o sucesso da obra deste imortal ouropretano.

Bernardo Guimarães é o patrono da Cadeira n.º 5 da Academia Brasileira de Letras

Honório Esteves

Pouca gente sabe, mas um dos maiores artistas mineiros do século XIX, Honório Esteves, nasceu em Santo Antônio do Leite, distrito de Ouro Preto, por volta de 1860. Conta-se que desde cedo manifestou gosto pela pintura, executando pequenos trabalhos e expondo-os





em Ouro Preto. Em 1871 já estudava desenho com o professor Chenoti. No mesmo ano torna-se moedor de tintas do pintor ouropretano Cardoso Resende. Em 1873 continuou seus estudos no Liceu Mineiro. Em 1875 aperfeiçoou seu desenho com o professor Bernardino de Brito.

Em 1880, com apenas 20 anos, fez retoques no forro da capela-mor da Matriz de N. Sra. de Nazaré de Cachoeira do Campo, serviço primoroso que certamente lhe deu projeção e fama. Conta-se que D. Pedro II, impressionado com a perícia do jovem pintor, concedeu-lhe bolsa de estudos no Rio de Janeiro, para onde rumou, consagrando-se como exímio artista. De retorno à sua terra, Santo Antônio do Leite, executou excelentes pinturas de forro na Igreja de Santo Antônio. Em Cachoeira do Campo, além da Matriz, há obras suas no Colégio D.Bosco e na Escola Estadual Pe. Afonso de Lemos. Na diretoria desta última está o belo quadro, de 1883, retratando Pe. Afonso de Lemos. Na parte inferior da pintura, a assinatura caprichosa de Honório Esteves.

No começo da década de 80 foi organizada a exposição “Eu, Honório Esteves” no Museu Mineiro.

Sinhá Olympia

Olympia Angélica de Almeida Cotta nasceu em Santa Rita Durão, distrito de Mariana, em 1889.²⁶ Se celebrizaria com a alcunha de Sinhá Olympia, tipo de rua dos mais folclóricos e lendários de Minas Gerais. É - com muito bom humor - considerada, pelo modo de vida e jeito de se vestir, como a 'precursora' da moda *hippie* no Brasil. Diz-se que foi a partir da década de 40 que Olympia começou a perambular pelas ruas de Ouro Preto, prosseguindo nesta “tarefa” até 1976, ano de sua morte.

Na sua imaginação se via como a favorita de Dom Pedro II e parente do Conde D'Eu. Afirmava que era alvo dos amores de vários fidalgos. Suas vestimentas eram um misto de luxo e trapos: cobria-lhe um vestido ou capa cheia de atavios coloridos, andava sempre com um chapéu enfeitado e um cajado (não menos colorido e enfeitado).

Em 1990 foi tema da Mangureira, no carnaval carioca. Deu nome também a uma escola de samba de Ouro Preto.

²⁶ Algumas fontes secundárias dão como local de nascimento o distrito de Santa Rita de Ouro Preto.



João Pé-de-Rodo

João da Mota Sobrinho Filho - natural de Santo Antônio do Salto, distrito de Ouro Preto - provinha de família tradicional, sendo filho do cabo militar Manuel da Mota e de Josina Pereira Guimarães. Nasceu em 1910, época em que os recursos eram poucos para que tratasse a enfermidade que lhe acompanhava a vida toda: João possuía um defeito congênito que lhe impossibilitava de andar normalmente, fato que lhe rendeu o apelido. Nos primeiros anos da adolescência foi para Rodrigo Silva (também distrito do município), para casa de seu parente, José Pereira da Silva. Conta-se por lá que um dia João desapareceu sem deixar rastro. Com muita procura foram localizá-lo nas ruas de Ouro Preto, vivendo nas repúblicas estudantis. Como tinha ido parar ali? Acompanhou uma vaca pela Estrada de Ferro, desde Rodrigo Silva até Ouro Preto.²⁷ Verdade ou lenda, o certo é que durante grande parte da sua vida residiu num quartinho, entre as repúblicas Butantã e Cassino, no Pilar. Pelas ruas da velha cidade foi montando, aos poucos, o tipo humano que todos conheceram: homem baixinho, com roupas grandes e desengonçadas, o sapato, bem maior que seu número real, a arrastar pelas ruas (o que lhe reforçou o apelido *Pé-de-Rodo*). Sempre cismava que era militar, com a patente de capitão, razão pela qual costumava se apresentar com roupas militares, chela de condecorações imaginárias, de plástico.

João Pé-de-Rodo inspirou algumas belas linhas do escritor Adhalmir Elias dos Santos Maia, que assim o descreve:

Baixo, muito baixo mesmo, talvez um metro de altura. Vestes alheias, que lhe são dadas pela população, que muito gosta dele, pela sua inocência, pelo seu comportamento, quase sempre hilariante (...) Ele costuma anunciar: -Sou do Salto (como se o Salto fosse metrópole), distrito de Barbacena, estado da Bahia.²⁸

Quando faleceu causou grande comoção. A população lhe devotava imenso carinho.

2.10 DISTRITOS

Ouro Preto continua polarizando seus distritos, sendo o município, contudo, somente sombra do que foi outrora o Termo de Vila Rica. Em 1923, pela Lei Nº 843 de 7 de setembro,

²⁷ Outra variante da lenda reza que a vaca foi acompanhada desde o Salto até Ouro Preto. É interessante notar que, mesmo não tendo transcorrido muito tempo e existindo ainda alguns parentes de João e várias pessoas que o conheceram, os fatos começam a se envolver nas lendas. É exatamente desta forma que nascem os mitos populares.

²⁸ MAIA, Adhalmir Elias dos Santos. *Ouro Preto, Momentos*, p. 34.



emancipa-se a antiga Itabira do Campo, atual Itabirito e em 1953 cria-se o município de Ouro Branco, desmembrado do de Ouro Preto pela Lei N°1039, de 12 de dezembro.

Atualmente são os seguintes os distritos de Ouro Preto: Cachoeira do Campo, Amarantina, Glaura (Casa Branca), São Bartolomeu, Santo Antônio do Leite, Rodrigo Silva, Miguel Burnier, Engenheiro Correia, Santa Rita, Santo Antônio do Salto, Antônio Pereira e Lavras Novas.

Destes, os que têm origem colonial²⁹ são: Cachoeira do Campo, São Bartolomeu, Glaura (Casa Branca), Amarantina, Antônio Pereira, Lavras Novas. Tomaram vulto no século XIX pela atividade comercial: Santa Rita de Ouro Preto, Santo Antônio do Salto, Santo Antônio de Leite (apesar dos três também terem cerne no século XVIII, só tomaram impulso no XIX). Se desenvolveram no século XIX em consequência da presença da ferrovia (com marcante presença de arquitetura ferroviária): Rodrigo Silva, Miguel Burnier, Engenheiro Corrêa.

Segue-se abaixo resumo histórico destes.

Amarantina

Cresceu a cidadezinha aos pés da velha capela que mais tarde os féis transformariam em uma grande igreja, com duas torres imponentes. Insiste a lenda em dizer que a atual igreja, que no século XIX substituiu a antiga capelinha, é réplica em menor tamanho da Igreja de São Gonçalo do Amarante, em Portugal. Vinte anos atrás sua capela-mor foi, infelizmente, destruída. A imagem original do santo também se perdeu. Conserva hoje em seu interior, de interesse artístico, dois altares em estilo D João V, simplificados, e um curioso chafariz de pedra.

Pouco distante da igreja encontram-se as ruínas de uma imensa casa construída de pedra. Atribui a tradição popular que o casarão foi construído pelos primeiros bandeirantes que lá chegaram nos idos do século XVII. Parece realmente, pela análise estrutural, que se trata de construção muito antiga. Porém não foram encontrados documentos acerca da verdadeira origem da 'Casa Bandeirista' e, nem tampouco, da própria Amarantina. Acredita-se que o povoado tenha surgido em meados do XVIII quando a produção agrícola de Cachoeira entrou em seu apogeu, reservando para os agricultores da baixada o plantio de alguns

²⁹ *Origem colonial* no sentido da existência como povoado, com arruamento e característica urbana (e não somente com presença de fazendas e paragens).



produtos especiais cujo terreno encharcado era propício - como o alho, por exemplo. Esta baixada, porque estava constantemente inundada pelas águas do Rio Maracujá, recebeu o nome de Tijucó. Posteriormente São Gonçalo do Tijucó, em homenagem ao santo vindo de Portugal. Coexistiu daí em diante com a denominação de São Gonçalo do Amarante, em lembrança da cidade de origem da imagem. No século XX - Decreto-Lei nº 1.058, de 31 de dezembro de 1943 - mudaram-lhe o nome para Amarantina.

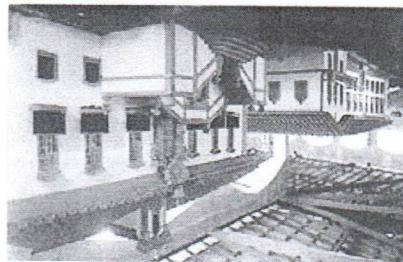


Foto 2.62- Peças do Museu das Reduções
Fonte: www.idasbrasil.com

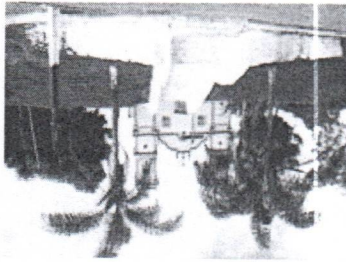


Foto 2.63- Peças do Museu das Reduções
Fonte: www.masterix.com.br/pmop

Antônio Pereira

Nos fins do século XVII milhares de aventureiros afluiram aos territórios mineradores das Gerais. Dentre estes cumpre frisar o *Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Pereira*, raro exemplo - entre estes principais núcleos afastados da Vila - em que o topônimo é lembrança direta aos primeiros povoadores.

Mas, quem era o *homem Antônio Pereira*? Vários historiadores estão de acordo que se trata de Antônio Pereira Machado, português, nascido na Freguesia de São João de Caldas, Termo da Vila de Guimarães, Arcebispo de Braga. Este imigrante, dos muitos que de Portugal vieram na febre aurífera, foi certamente o descobridor e primeiro explorador da região que hoje leva seu nome. Entre 1700 e 1701, fugindo da fome que grassava entre os mineradores, estabeleceu-se nas cercanias do atual distrito.

Em 1703 o mesmo Antônio Pereira mudou-se para o Arraial do Carmo. Diz Salomão de Vasconcelos que o verdadeiro fundador do Arraial do Carmo também foi Antônio Pereira que o encontrou, em 1703, exaurido de viveres. Anos depois, uma vez necessário, doou sua sesmaria quando da criação da Vila do Carmo, em 1711. Vê-se que a Cidade de Mariana deve muito ao Antônio Pereira.



Das muitas minas que se espalharam pela região de Antônio Pereira cumpre citar: Mata-Mata, Romão, Macacos, Manuel Teixeira, Capitão Simão, Fazenda do Barbaçal, Mateus, Mateus das Moças, Rocinha etc.

Devem-se destacar no distrito como pontos históricos importantes: as ruínas da antiga Matriz, incendiada no século XIX, e a Gruta de Nossa Senhora da Lapa, alvo de romarias intensas no mês de agosto. Observe-se, entretanto, que o povoado se desenvolveu no eixo, outrora provável rota processional, formado entre a antiga Matriz, destruída, e a atual, adaptada no século XIX para os ofícios paroquiais, sendo este espécie de caminho tronco, parte da 'estrada do mato-dentro'.



Foto 2.64- Ruínas da antiga matriz
Fonte: www.idasbrasil.com

Cachoeira do Campo

Segundo a tradição, por volta de 1680 um aventureiro chamado Manuel de Mello teria se estabelecido em Cachoeira, tornando-se o seu primeiro morador. Provas concretas sobre sua existência são escassas. Um dos livros da Irmandade do Santíssimo Sacramento deixa entrever, num assento de 1709, que o primeiro nome do lugar foi *Cachoeira do Manuel de Mello*. Recentemente foi encontrada na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré (obra digna de visita pelos labores em talha dourada) uma pequena bússola confeccionada em meados do século XVII. Este instrumento, típico dos bandeirantes, talvez seja a prova mais convincente que realmente aventureiros se estabeleceram em Cachoeira no último quartel dos anos de 1600.

Em sua *Monografia Histórica* Pe. Afonso de Lemos afirma que o povoado teve início nos anos de 1700 e 1701 quando uma grande fome abateu os mineradores, forçando a procura

de espaços propícios para o plantio. Pela fertilidade do solo e amenidade do clima, Cachoeira tornou-se então um dos centros regionais de produção agrícola.

Cabe ainda salientar que - pela posição estratégica (proximidade do Capão do Lana e do Xiqueiro dos Alemães, pontos de convergências das principais estradas mineiras do XVIII) aliada a outros fatores (como a amenidade do clima) - Cachoeira foi escolhida como lugar ideal para se construir um *Palácio de Campo dos Governadores* (também chamado de *Palácio da Cachoeira* ou *Palácio de Recreio* ou ainda, *Palácio de Veraneio*). Em 1782 Dom Rodrigo Jozé de Menezes transformou a edificação numa luxuosa residência, que contava, entre outras regalias, com um imenso lago artificial (100 x 35m) com capacidade de armazenamento estimada em mais de 20 milhões de litros d'água. Neste lago ziguezagueava até uma embarcação a vela, um *scalier*, de 7m de comprimento. A poucos quilômetros deste Palácio, mandou outro governador - desta vez Dom Antônio de Noronha - construir um quartel destinado a ser a Sede da Cavalaria Paga das Minas, isto no ano de 1779, conforme ainda se lê no brasão de pedra-sabão do seu frontispício. Ambas edificações foram doadas aos salesianos e são hoje, respectivamente, o chamado 'Colégio das Irmãs' e o Colégio Dom Bosco.

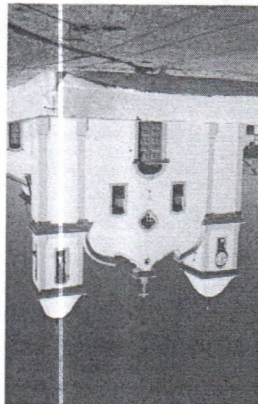


Foto 2.65- Matriz de N. Sra. De Nazaré/
2001
Autoria: Rodrigo Gomes
Fonte: Acervo digital da AMIC

Engenheiro Corrêa

Nas cercanias do atual Engenheiro Corrêa existiu em outros tempos um antigo povoado cognominado Santo Antônio do Monte. Em torno da pequena capela (ainda existente) várias fazendas se estabeleceram (vestígios de vãos e extensos muros de pedra seca, limitrofes destas fazendas, ainda podem ser vistos em várias partes). A poucos metros do adro da



capelinha existe ainda uma pequena e rústica construção de pedra, herança de um povoado a muito desaparecido.

A atual sede do distrito se desenvolveu em torno da estação ferroviária inaugurada em 1º de dezembro 1896, com o nome de Estação Sardinha (lembrança àquela vasta região banhada pelo Ribeirão Sardinha). Por ocasião da inauguração houve grandes festejos que prenunciavam, de certa forma, o desenvolvimento futuro. Devido ao crescimento urbano considerável (em 1930, por exemplo, o cartório já fora instituído), em 1953 o lugar foi elevado à categoria de distrito pela Lei N° 1039, de 12 de dezembro daquele ano, com território desmembrado de Miguel Burnier.

O topônimo atual é uma homenagem a Manuel Francisco Corrêa Júnior, engenheiro supervisor da Estação Sardinha e falecido em desastre nas proximidades da estação.

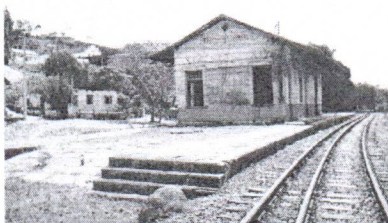


Foto 2.66- Estação Ferroviária
Autoria: Gutierrez L. Coelho
Data: Set. de 2004
Fonte: www.estacoesferroviarias.com.br

Glaura (Casa Branca)

O nome mais antigo de Casa Branca do qual se tem registro é *Santo Antônio das Minas de Balthazar de Godoy*. Este Balthazar possuía, segundo Pe. Afonso, uma ermida com três altares e uma imagem de Santo Antônio. Quando em meados do século XVIII deu-se início a construção da atual Matriz estes altares foram inseridos no interior da igreja, como estão até hoje, preservados na nave. Estes retábulos, mesmo estando atualmente muito repintados, deixam entrever partes do douramento da talha primitiva, em um Nacional Português que muito se assemelha ao de São Bartolomeu.

Dispomos de poucos dados acerca da construção da antiga Matriz de Casa Branca. O início das obras se deu em 1757 e o fim provável foi em 1764, data existente na peanha da cruz que encima o frontão. Foram arrematantes José Coelho de Noronha, Antônio Moreira Gomes e Tiago Moreira. Ereta originalmente para servir de Matriz somente em meados do

Em 1943 o poder público municipal mudou o velho nome do povoado para Glaura, alusão ao poema do árcade Silva Alvarenga (Decreto-Lei nº1.058, de 31 de dezembro). Contudo, a população ainda conserva o nome primitivo, chamando o povoado somente de *Casa Branca*.

Lavras Novas

Em 9 de outubro de 1762, a pedido dos moradores do lugar, a Capela de Nossa Senhora dos Prazeres foi erigida à capela filial da Freguesia de Santo Antônio de Itatiaia (atual Itatiaia, distrito de Ouro Branco). Este orago - Nossa Senhora dos Prazeres - é bastante incomum na região das minas.



Guarda o povoado ainda a característica dos primeiros arruamentos abertos pelos mineradores, sem grandes intervenções posteriores: é certo que o casarão não é original ou possui homogeneidade, mas o formato de acampamento, ereto em torno da antiga ermida, foi mantido no largo que se formou à frente e aos fundos da atual igreja (reerguida, ao que parece, na segunda metade do século XVIII). O gracioso cruzeiro de pedra, que orna o largo citado, é símbolo da fé dos primeiros povoadores, marcando o fervor religioso barroco no espaço público das ruas.

Corre lenda muito disseminada que o local tenha em sua origem um quilombo para o que, contudo, não encontramos documentação comprobatória. A nosso ver a prevalência da população negra tem cerne no século XIX quando o exaurimento das lavras deve ter forçado o abandono da população branca que, já à esta época, deveria estar em profundo processo de mestiçagem.

Lavras Novas só foi elevada à categoria de distrito no ano de 2005, no dia 22 de outubro.



Foto 2.69- Capela de N. Sra. Dos Prazeres
Autoria: Bruno Tropia
Data: Janeiro de 2007

Miguel Burnier

Desde o século XVIII dominava as cercanias do atual distrito de Miguel Burnier o lugar conhecido por Chiqueiro do Namon ou Xiqueiro do Alemão (sendo chamado somente de "Xiqueiro" no famoso mapa de Cláudio Manoel da Costa). Possuía especial importância, pois que aí perto se encontravam o Caminho Novo e o Caminho Velho, no local chamado de "Rodeio", já referido por Antonil.

No começo do século XX, nas proximidades do 'Xiqueiro', se instalou uma famosa fundição - a Usina Wigg - cuja produção era escoada pela estrada de ferro que ia a Ouro Preto e que passava nas proximidades. O 'Xiqueiro' foi gradualmente abandonado quando o lugarejo de

São Julião passou a ser ponto estratégico pela maior proximidade da ferrovia e da usina (já em 1884 uma promissora estação ferroviária foi instalada no local).

Em 1911 São Julião - pela Lei nº 556, do dia 30 de agosto - foi elevado à categoria de distrito (em detrimento do antigo 'Xiqueiro' que nunca fora elevado a tal). Em 1948 o distrito passou a se chamar Miguel Burnier - Decreto Nº 336 de 27 de dezembro - em homenagem ao engenheiro Miguel Noel Nascentes Burnier, diretor da estrada no ano da inauguração da estação (1884).

Parte do casario se desenvolveu em torno da antiga estação, com arquitetura típica. Outra vertente da expansão urbana se deu nas proximidades da imponente igreja do arraial. Esta expansão, irregular, deu a feição atual do distrito, ainda com arruamento confuso, e, por isso mesmo, curioso e pitoresco.

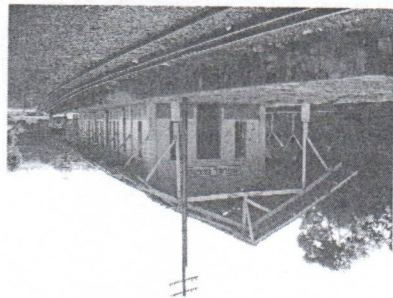


Foto 2.700- Estação Ferroviária
Autoria: Alex Bohrer
Data: Set. de 2006

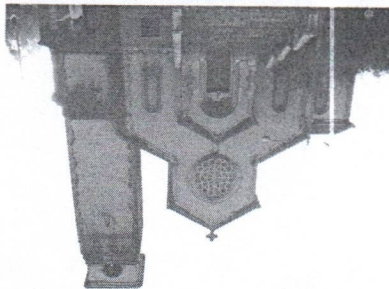


Foto 2.71- Igreja do Sagrado Coração de Jesus
Autoria: Alex Bohrer
Data: Mar. de 2007

Rodrigo Silva

Os primeiros registros relativos ao local denominado José Correia sempre estão ligados à Santa Quitéria do Alto da Boa Vista, antiga paragem colonial, hoje abandonada, nas proximidades de Rodrigo Silva. A mineração de topázio sempre esteve presente na história do lugar. Viajantes estrangeiros já registravam a exploração de topázio no início do século XIX. Algumas destas lavras eram gigantescas, empregando centenas de escravos.

Até a chegada dos ferroviários José Correia compunha-se de fazendas espalhadas por léguas de distância. A mais famosa delas é a Fazenda do Fundão, ainda existente. Nesta fazenda nasceu em 1870 Alfredo Fernandes dos Prazeres personagem importante na



construção da nova cidadezinha ferroviária. Quando no começo da década de 1880 fez-se o projeto da estrada de ferro ligando o Rio de Janeiro à Ouro Preto, projetou-se também uma nova paragem a se estabelecer em José Correia, que teria seu nome mudado para Rodrigo Silva em homenagem a um ministro imperial. O complexo ferroviário - inaugurado por Dom Pedro II em 1888 - estendeu-se posteriormente de um lado a outro, paralelo à estrada de ferro. Esta conformação urbana em torno da antiga ferrovia deu a feição atual do arruamento, que, grosso modo, se estende por uma larga e comprida rua principal paralela aos trilhos. Desta rua principal partem pequenas ruelas ou becos que atingiam, outrora, sítios e fazendas, nos fundos dos vales.

No começo do século XX fundou-se a Sociedade Musical Santa Cecília de Rodrigo Silva, símbolo primeiro da cultura desenvolvida pelos ferroviários. No arquivo desta banda encontram-se composições feitas pelos ferroviários, demonstração de grande apuro musical.

Hoje nos trilhos de Rodrigo Silva não passam mais trens, mas a cultura do topázio continua, com a exploração do famoso topázio imperial, raríssimo.

O distrito, propriamente dito, foi criado pela Lei nº 2.764, de 30 de dezembro de 1962, com território desmembrado do distrito sede.



Foto 2.72- Estação Ferroviária
Fonte: www.idasbrasil.com

Santa Rita de Ouro Preto

Sabe-se que no século XVIII pequena capela já marcava o solo do atual distrito de Santa Rita. Esta pitoresca capela, típica das primitivas edificações religiosas mineiras (com frontão triangular e telhado simples de duas águas), possuía uma portada em pedra-sabão e capela-mor com altar artisticamente trabalhado. Em 1964 a capelinha foi infelizmente destruída. Em seu lugar se ergue hoje uma ampla igreja de feição moderna. O antigo acervo de imagens, contudo, ainda está conservado no interior da nova igreja. O povoado,



propriadamente dito, só se desenvolveu com arruamento expressivo durante o século XIX. Caminhos de tropeiros e rotas antigas de comércio fizeram a prosperidade dos fazendeiros e comerciantes da região, invariavelmente ponto de pouso de tropeiros e rotas das suas caravanas. Estes velhos caminhos guiaram, como era de se esperar, a expansão urbana.

A pedra-sabão que ornava o frontispício da igreja citada acima foi abundantemente extraída no século XVIII para manuseio nos canteiros de obras de toda região, porém seu uso desde meados do século XIX foi esporádico. A partir da década de 1970 a extração de pedra-sabão toma novo fôlego, impulsionada pelo artesanato e turismo. Hoje o distrito de Santa Rita é o maior produtor de pedra-sabão do município.

O antigo povoado de Santa Rita de Cássia só foi elevado a distrito pelo Decreto-Lei Nº 148, de 17 de dezembro de 1938 - com território desmembrado da sede -, quando passou a ser denominado, oficialmente, com o nome de Santa Rita de Ouro Preto.



Foto 2.73- Paisagem do entorno
Fonte: www.idasbrasil.com



Foto 2.74- Vista panorâmica do distrito
Fonte: www.masterx.com.br/pmop

Santo Antônio do Leite

Desde sua fundação Santo Antônio do Leite esteve ligado à Cachoeira do Campo. Várias famílias dos dois locais possuem troncos familiares comuns. Santo Antônio do Leite só se separou oficialmente de Cachoeira, como distrito autônomo, nos primeiros anos do século XX. As fazendas da região abasteciam Cachoeira de leite e bananas - Santo Antônio do Leite já foi um dos maiores produtores de bananas do Brasil.

O principal monumento do "Leite", visível de vários pontos e ao longe, é a Igreja de Santo Antônio. Conta a lenda que certo personagem apareceu por lá nos idos do século XIX. Veio cumprir uma promessa: construir uma grande igreja para Santo Antônio, santo de quem



alcançara um milagre. Com muito esforço e esmola, por fim, a capelinha deu lugar a uma ampla e graciosa igreja. Para decorar os tetos do templo contrataram um filho de Santo Antônio do Leite, o famoso pintor Honório Esteves.

Na década de 80, infelizmente, a capela-mor da igreja foi derrubada para ampliação do espaço interno e o altar principal se perdeu. Fruto da falta de conscientização patrimonial, este tipo de ação tem suprimido muitas páginas da história de Minas. Porém o visitante pode ainda vislumbrar a grandiosidade das pinturas de Honório Esteves. As obras deste pintor estão entre os principais legados do século XIX à cultura mineira.

O arruamento se desenvolveu em torno da igreja que, por sua vez, se encontra à beira de movimentado caminho antigo. Este caminho outrora rumava, como trajeto secundário e opcional, ao Ouro Branco e às Congonhas.

Santo Antônio do Leite foi elevado a distrito, desmembrado de Cachoeira do Campo, em 7 de setembro de 1923, pela Lei nº 843. Em 1948, pela Lei nº 336, de 27 de dezembro, passa a se chamar Bárbara Heliodora, homenagem à esposa de Inácio de Alvarenga Peixoto, Inconfidente. No dia 12 de dezembro de 1953, pela Lei nº 1.039, retorna ao nome antigo.



Foto 2.75- Igreja de Sto. Antônio
Fonte: www.masterix.com.br/pmop

Santo Antônio do Salto

Entre os vestígios físicos remanescentes dos primórdios do povoamento minerador no atual distrito de Santo Antônio do Salto, cumpre destacar a paragem denominada Fundão da Cintra, com graciosa capelinha ainda existente. Esta paragem situava-se às margens de um antigo caminho de abastecimento, rota secular de tropeiros que negociavam nas fazendas e vendas da região.



Confina o atual distrito com o município de Mariana em cujas terras, do outro lado da imponente serra, nasceu o poeta inconflente Cláudio Manuel da Costa. Corre interessante lenda local que o menino Cláudio teria sido batizado na capelinha do Fundão da Cintra. A verdade é que um caminho tortuoso e íngreme ligava as fazendas maranhenses ao Salto, não sendo improvável visitas frequentes da ilustre família Costa.

O arruamento antigo do distrito se concretizou em torno da pequenina Capela de Santo Antônio (hoje profundamente descaracterizada). Outras vertentes da expansão urbana se insinuaram timidamente às margens de velhos caminhos.



Foto 2.76- Paisagem do entorno
Fonte: www.idasbrasil.com

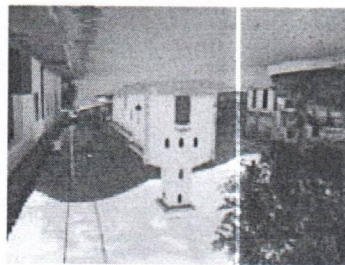


Foto 2.77- Capela de Sto. Antônio
Fonte: www.mastrix.com.br/pmp

São Bartolomeu

O Arraial do Apóstolo São Bartolomeu é dos mais antigos das Minas, sendo seus mais remotos documentos datados de fins do século XVII. Entre os vestígios remanescentes do período áureo cumpre destacar a Igreja do padroeiro, cujos altares demonstram uma fatura recuada em Estilo Nacional Português, isenta ainda da ornamentação antropomorfa (que está presente na Matriz de Cachoeira, por exemplo). A própria arquitetura desta igreja é prova também da antiguidade do local, sendo a fachada - com suas três janelas, as torres com telhadinho e os cunhais de madeira - típica da primeira 'fase' construtiva que Minas conheceu. Sua fachada e seu interior, bem preservados, nos dão uma idéia de como eram as primeiras igrejas matrizes erguidas com o esforço dos mineradores.

No interessante casario preservado neste povoado podemos encontrar certas curiosidades. Em algumas casas, por exemplo, encontram-se raridades do século XVIII e XIX: oratórios públicos inseridos nas construções. Há pelo menos três destes oratórios na rua principal. O casario se estende por uma comprida rua retilínea (certamente projetada), sendo dominada, de um lado, pelo largo da Matriz, com seus muros de arimo de pedra.



Os enormes monturos de cascalho ao longo do Rio das Velhas (a poucos quilômetros das nascentes), as muitas minas e *saris* (ou sarilhos) indicam a atividade mineradora dos primeiros anos do setecentos. Foi encontrado há poucos anos, perto desses monturos, um delicado estojo de cadinhos, com numeração ainda preservada, usado, ao que parece, na pesagem do ouro.

Em agosto a imagem de São Bartolomeu é alvo de romarias vindas de várias partes do Brasil, à procura dos milagres do padroeiro. Na festa do santo apóstolo, o mundo profano se mistura com o sagrado, barracas de jogos e doces se misturam com vendedores de velas e terços. Gente de toda a parte movimenta o pequeno povoado. Esta religiosidade, sempre presente em São Bartolomeu, nos legou várias manifestações culturais.



Foto 2.78- Matriz de S. Bartolomeu
Autoria: Alex Bohrer
Data: Jan. de 2007

2.11 CRONOLOGIA

- 1698 - "Redescoberta" de Ouro Preto pelo Bandeirante Antônio Dias;
- 1708 - Guerra dos Emboabas;
- 1711- Criação de Vila Rica (sede municipal), pelo governador da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, Antônio de Albuquerque;
- 1720 - Sedição de Vila Rica (ou sedição de Filipe dos Santos);
- 1724 - Elevação das Paróquias de Vila Rica (junto com outras de Minas) à categoria de colativas;
- 1733 - Triunfo Eucarístico (traslado do Santíssimo Sacramento da Capela do Rosário para a Igreja Matriz do Pilar, por ocasião de sua inauguração);
- 1738 (?) - Nascimento de Antônio Francisco Lisboa, O Aleijadinho;
- 1789 - Inconfidência Mineira;
- 1792 - Morte de Tiradentes (21 de Abril);



1814 - Morte do Aleijadinho;
1822 - Visita do príncipe regente Dom Pedro I (futuro Pedro II);

1822 - A antiga Capitania das Minas Gerais é transformada em província do Império Brasileiro;

1823 - Elevação de Vila Rica a Imperial Cidade de Ouro Preto, pelo Imperador Dom Pedro I;
1831 - Segunda visita do Imperador Dom Pedro I;
1839 - Criação da Escola de Farmácia;

1876 - Criação da Escola de Minas;
1881 - Primeira visita do Imperador Dom Pedro II;
1889 - Segunda visita do Imperador Dom Pedro II e inauguração da Estrada de Ferro Ouro Preto-Rio;

1897 - Mudança da Capital Mineira para Belo Horizonte;
1911 - Comemorações do Bicentenário de Ouro Preto (200 anos de elevação a Vila)

1924 - Visita dos Modernistas a Ouro Preto;
1931 - Proibição, pelo prefeito João Veloso, de construções em desacordo ao estilo colonial;
1933 - Ouro Preto é elevada a Monumento Nacional pelo presidente Getúlio Vargas;

1938 - Registro de Ouro Preto no Livro de Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;
1944 - Inauguração do Museu da Inconfidência e Criação da Escola Técnica Federal de Ouro Preto;

1969 - Criação da Universidade Federal de Ouro Preto;
1962 - O pintor Alberto da Veiga Guignard é sepultado no cemitério da Igreja de São Francisco de Assis;
1980 - Ouro Preto é declarada Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco;

1998 - Comemoração do Tricentenário de Ouro Preto (300 anos da criação do arraial);
2003 - Incêndio do antigo Hotel Pilião;
2006 - Reinvenção do antigo Hotel Pilião (agora Centro Cultural e Turístico FIEMG) e reinvenção da Estrada de Ferro Ouro Preto-Mariana

2.12 DADOS GERAIS

Área do Município: 1.248,56 km²



Limites do Município: Catas Altas da Noruega, Itaverava, Ouro Branco, Congonhas, Belo Vale, Moeda, Mariana, Itabirito e Santa Bárbara.

População (Conforme Censo de 2000 - IBGE):

Pessoas Residentes: 66.277

Homens Residentes: 32.566

Mulheres Residentes: 33.711

Pessoas Residentes Área Urbana: 56.292

Pessoas Residentes Área Rural: 9.985

População Total Estimada em 2004: 68 208 habitantes (IBGE).

Rios da Região:

Rio das Velhas: Nasce na Cachoeira das Andorinhas em Ouro Preto, passa pelos distritos de São Bartolomeu e Glaura (Casa Branca) de onde segue para Itabirito, para, finalmente, desaguar no São Francisco, no norte de Minas.

Gualaxo do Norte: Nasce em Antônio Pereira e rumo ao Espírito Santo, se unindo antes com outros da Bacia do Rio Doce.

Gualaxo do Sul: Nasce no povoado de Dom Bosco em Cachoeira do Campo, segue em direção a Santa Rita, se unindo a riachos e formando o Rio Mainart em Ponte Nova.

Ribeirão do Funil: Nasce próximo ao Tripuí e forma, em Ouro Preto, o Ribeirão do Carmo (que atravessa a cidade de Mariana).

Outro rios destacáveis: *Piracicaba, Paraopeba e Maracujá.*

Altitude:

Altitude na Praça Tiradentes - 1.150m

Altitude na Praça da Estação - 1.060m

Altitude Máxima do Município - 1.891m (na divisa com o município de Santa Bárbara)

Altitude Mínima do Município - 989m na foz do Rio Maracujá (arredores de Amarantina)

Clima:

O clima ouropretano é o tropical de altitude.

Temperatura Média Anual: 17,4° C



Posição e Coordenadas Geográficas:

O município de Ouro Preto insere-se na Região Central da Macrorregião Metalúrgica. Situa-se na Serra do Espinhaço, na região conhecida com Cuadrilátero Ferrífero. Suas coordenadas são 20°23' de Latitude Sul e 43°30' de Longitude Oeste.

Prefeitos de Ouro Preto (desde 1931):

1931 - Dr. Alfredo Baeta Neves
1931 a 1936 - Dr. João Batista Veloso
1936 a 1947 - Dr. Washington de Araújo Dias
1947 a 1951 - Dr. Serafim da Silva Gomes

1951 a 1955 - Dr. Amadeu Barbosa (Vice: Dr. José Pedro Xavier da Veiga)
1955 a 1959 - Dr. Orlando Ramos (Vice: Dr. José Pedro Xavier da Veiga)
1959 a 1963 - Dr. Benedito Gonçalves Xavier (Vice: Dr. Jair Pena)

1963 a 1967 - Prof. José Benedito Neves (Vice: Dr. José de Araújo Dias)
1967 a 1968 - Dr. Genival Alves Ramalho (Vice: Antônio Cardoso Roriz)
1968 - Dr. Theódulo Pereira (substituiu Genival Ramalho por 60 dias)

1968 - Dr. Genival Alves Ramalho (Vice: Antônio Cardoso Roriz)
1971 a 1973 - Dr. Benedito Gonçalves Xavier (Vice: Rodrigo Vicente Tófolo)
1973 a 1977 - Dr. Genival Alves Ramalho (Vice: Antônio Cardoso Roriz)

1977 a 1983 - Dr. Alberto Caram (Vice: Dr. Emanuel Resende)
1983 - Dr. Benedito Gonçalves Xavier (Vice: Dr. José Leandro Filho)
1983 a 1989 - Dr. José Leandro Filho (assumiu após a morte de Dr. Benedito Xavier)

1989 - Dr. Carlos Maurício Carmassi (Presidente da Câmara - Assumiu em razão da anulação das eleições)
1989 a 1992 - Dr. Wilson Milagres dos Santos (Vice: Paulo Marcos Xavier da Silva)

1993 a 1996 - Dr. Angelo Oswaldo de Araújo Santos (Vice: Flávio Márcio Alves de Brito Andrade)
1997 a 2000 - Dr. José Leandro Filho (Vice: Dr. Renan Guimarães)

2001 a 2004 - Marisa Maria Xavier Sans (Vice: João Bosco Perdigão)
2005 a 2008 - Dr. Angelo Oswaldo de Araújo Santos (Vice: Dr. Renato Moreira Figueiredo)

2.13 Descrição Física Geral do Município

O relevo do município de Ouro Preto varia desde as baixadas do Maracujá nos limites de Amarantina (900 m) e os mais de 1700 metros do Pico do Itacolomi (do tupi, "menino de



pedra") e da elevada Serra de Rodrigo Silva (da velha formação geológica do Alto da Varanda e do Alto da Figueira, ponto mais elevado da Central do Brasil no país), passando para formações mais brandas no planalto cachoeirense (1100 m).

O relevo acidentado não favorece as atividades agropastoris em grande escala. As indústrias extrativas se destacam: minério de ferro em Antônio Pereira; topázio branco e o famoso topázio imperial (único do mundo) em Rodrigo Silva; calcário e mármore em Cachoeira do Campo e Miguel Burnier; pedra-sabão em Santa Rita (processo artesanal) e em Cachoeira do Campo (processo artesanal e industrial). Vale ainda destacar a presença da NOVELIS (antiga ALCAN) e da CVRD (esta, espalhada pelo município; a outra, grande metalúrgica, localizada no Bairro de Saramenha na sede).

Os principais pontos turísticos do município são: Museu da Inconfidência (1784-1855), Museu do Oratório (único deste tipo no mundo), Casa dos Contos (1787), Teatro Municipal (1770, primeiro teatro das Américas, em funcionamento), Matrizes do Pilar (1711-1733) e do Antônio Dias (1727-1760), Igrejas de São Francisco de Assis (1765-1810), do Carmo (1765) e do Rosário (1780), Capela do Padre Faria (1701-1710), Escola de Minas (1741-1749), *(todos em Ouro Preto)*; Matriz de Nossa Senhora de Nazaré (1700-1725), Igrejas de Nossa Senhora das Dores (1756-1761) e das Mercês (1908), Capela do Bom Despacho (1ª metade do século XVIII) e Colégio Dom Bosco (1775-1779), *(em Cachoeira do Campo)*; Matriz de São Bartolomeu e Igreja das Mercês *(em São Bartolomeu)*; Matriz de Santo Antônio *(em Santo Antônio do Leite)*; Matriz de Santo Antônio *(em Glaura)*; Matriz de São Gonçalo e Museu das Reduções *(em Amarantina)*; Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres *(em Lavras Novas)*. O turismo ecológico começa também a se destacar nas belíssimas paisagens entre Lavras Novas e Rodrigo Silva.

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO BEM CULTURAL

3.1 Apresentação

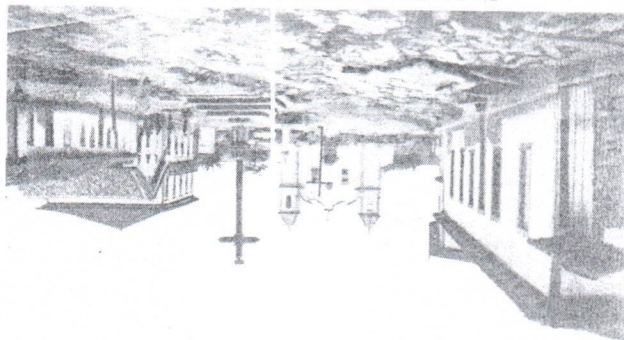


Foto 3.1 – Vista parcial de cachoeira do Campo com a
Matriz de Nossa Senhora de Nazaré – Ano 1896
Fonte: Acervo Alex Fernan-Jes Böhrer

Desde sua visita a Cachoeira em 1881 - quando conheceu a obra educativa de Pe. Afonso - D. Pedro II manifestou interesse em doar as antigas terras da Coroa Portuguesa, na época já sob domínio imperial, à uma obra de ensino. Todavia, foi somente na república que estas terras passaram, com intermédio e empenho pessoal de Pe. Afonso, às mãos dos Salesianos. A primazia coube aos padres que, reformando o antigo prédio do Quartel e Coudelaria, inauguraram o Colégio Dom Bosco em 1896, primeiro estabelecimento do gênero em Minas e o quarto do Brasil.

Entre as relíquias reunidas pela obra salesiana está a "Cadeira de Com Pedro", peça única na história cachoeirense, lembrança maior da passagem dos "Dom Pedros" por estas paragens. O móvel histórico, usado pelos dois Imperadores do Brasil, é o alvo principal deste estudo.



3.2 Ouro Preto: Contexto Histórico

A povoação de Ouro Preto foi fundada pela Bandeira de Antônio Dias em 24 de Junho de 1698 e alçada à categoria de vila em 1711 com o nome de Vila Rica. Em 1823 foi elevada à Imperial Cidade de Ouro Preto. A antiga capital de Minas conservou grande parte de seus monumentos coloniais e em 1933 foi elevada a Patrimônio Nacional, sendo, cinco anos depois, tombada pela instituição que hoje é o IPHAN. Em 2 de setembro de 1980, na quarta sessão do Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO, realizada em Paris, Ouro Preto foi declarada Patrimônio Cultural da Humanidade.

A cidade de Ouro Preto, sede do grande município, situa-se nas ladeiras do vale do Córrego Tripuí à cerca de 1060 metros de altitude e a 20° 23' 28" de lat. S e 43° 30' 20" de long. O. Nenhuma outra localidade brasileira acumulou tantos fatos históricos como este vasto município. São os seguintes os distritos de Ouro Preto: Cachoeira do Campo, Amarantina, Glaura (Casa Branca), São Bartolomeu, Santo Antônio do Leite, Rodrigo Silva, Miguel Burnier, Engenheiro Correia, Santa Rita, Santo Antônio do Salto, Lavras Novas e Antônio Pereira.

Firmando-se desde muito cedo na história mineira como sede da capitania, nada mais lógico que, literalmente, todas as estradas oficiais mineiras convergissem para Vila Rica. Estradas oficiais, construídas a mando ou sob a concessão da Coroa Portuguesa, eram chamadas de Estradas Reais (ou seja, "do rei"). Centenas de quilômetros de outros caminhos secundários existiam nas Minas, mas as grandes vias de acesso, passagem e escoamento da produção mineral foram as Estradas Reais.

O caminho trilhado pelos primeiros bandeirantes paulistas foi aberto em fins do século XVII e esteve intrinsecamente ligado à descoberta das jazidas auríferas. Para facilitar o acesso às minas, que se descobriam em quantidade, o governo autorizou, posteriormente, a construção de um outro caminho, mais curto e melhor desenhado, o qual chamou-se de "Caminho Novo" em contraposição ao outro, dos bandeirantes, apelidado já de "Caminho Velho". Ambos os caminhos ligavam a região mineradora às cidades litorâneas, como Parati e Rio de Janeiro (que a partir de 1763 tornou-se a capital da colônia). Os dois caminhos convergiam num lugar chamado "Chiqueiro dos Alemães", paragem sita no atual distrito de Miguel Burnier. A partir deste ponto, a estrada transformava-se num emaranhado de entroncamentos, multiplicando-se o acesso à capital. A principal destas vias foi aquela feita

no governo de Dom Rodrigo José de Meneses, entre Cachoeira do Campo e Ouro Preto, e do qual falaremos mais adiante.

3.3 Cachoeira Do Campo: Contexto Histórico



Foto 3.2 – Vista de Cachoeira do Campo
Fonte: Acervo A.MINC

Desde o final do século XVII, aventureiros já haviam se estabelecido na região de Cachoeira do Campo. Por volta de 1700-1701 uma grande fome se abateu sobre os moradores das minas, que tiveram que se debandar à procura de alimentos. Pela fertilidade do solo e amenidade do clima, Cachoeira tornou-se então um dos centros de produção agrícola. Logo se estabeleceram, ao lado dos pequenos agricultores, grandes fazendeiros, senhores de terra que, pelo acúmulo de riquezas através do comércio de alimentos, se tornaram membros de grande poder e influência política.

Alguns sugerem que as cascatas que deram origem ao topônimo "cachoeira" são as formadas abaixo da Ponte do Palácio, mais próximas ao centro do antigo arraial. Outros, porém, argumentam que estas cascatas seriam as que deságuam à margem do antigo caminho do Morro da Mata, cuja beleza natural havia chamado a atenção dos primeiros exploradores que assim denominaram o lugar de "Cachoeira". Por se localizar o povoado na região dos campos e em homenagem à padroeira trazida pelos bandeirantes, passou a ser o Arraial de Nossa Senhora de Nazaré dos Campos da Cachoeira ou Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira do Campo ou, simplesmente, Cachoeira do Campo.



Em Cachoeira do Campo ficava o Palácio de Campo dos Governadores (reformado e ampliado por Dom Rodrigo José de Meneses) e o Quartel General da Cavalaria das Minas (atual Colégio Dom Bosco), monumentos tornados célebres durante a Inconfidência Mineira. Nada mais justo e óbvio que a estrada ligando os palácios de Vila Rica e Cachoeira fosse a mais bem conservada de Minas. Ainda hoje este caminho pode ser visitado: sua maior ponte (chamada 'do Palácio' e já engolida pela área urbana de Cachoeira) ainda é utilizada e seu chafariz (erguido num contraforte da serra), ainda mata a sede dos transeuntes.

3.4 Colégio Dom Bosco: Contexto Histórico

O Colégio Dom Bosco é outro grande referencial na nossa história. Foi construído em 1779 por D. Antônio de Noronha para abrigar o recém formado Regimento Regular de Cavalaria de Minas, conforme está escrito na tarja de sua portada externa que, segundo se crê, é obra do Aleijadinho. O Quartel, como era chamado na época, foi um dos focos do movimento da Inconfidência, servindo aí, como alferes, o Tiradentes. Em 1819 uma Carta Régia de D. João VI criou a Coudelaria Real - que se tornou famosa como o maior centro criador de cavalos de raça da província, partindo dali a gênese de algumas das raças mais apreciadas no Brasil e no exterior (como o mangalarga e o campolina). Esta Coudelaria foi estabelecida em época de declínio econômico de toda região e foi uma forma eficaz de aproveitar as vastas possessões da Cora Portuguesa em Cachoeira.

Pela importância do documento, segue transcrição da Carta Régia e começo do regimento da Coudelaria a se estabelecer:

"Carta Régia e Regulamento Provisório sobre o estabelecimento das Manadas Reais na Cachoeira

Dom Manoel de Portugal e Castro, Governador e Capitão General da Capitania de Minas Gerais. Amigo: Eu El Rey de Portugal vos envio muito saudar. Havendo me sido presente a maneira por que haviéis começado executar o que houve por bem determinar-vos por Carta Régia de vinte e nove de julho do corrente ano, sobre o Estabelecimento das Manadas Reais, que mandei criar na Fazenda e Pastos da Cachoeira do Campo, e tendo-me parecido muito acertadas algumas providências, que submeter-tes a minha real consideração, para servirem interinamente de Regulamento para a marcha, e serviço do mencionado estabelecimento, ordenei que elas se reduzissem ao Regimento Provisório, que com ela vos mando remeter, e que



será desde logo posta em sua dívida, e exata observância; para o que o fareis presente na Junta da Administração da Minha Real Fazenda dessa Capitania, onde se ficará conhecendo que a vós, como Governador, e Capitão General da mesma Capitania, cometo única e exclusivamente a Inspeção, Direção, e Regime do sobredito Estabelecimento. Bom me pareceu participar-vos para vossa inteligência, para que se cumpra, não obstante quaisquer regulações, ou ordens em contrário. Escrita no Palácio do Rio de Janeiro aos 25 de Outubro de 1819 = Rey = com guarda = para Dom Manoel de Portugal e Castro = Cumpra-se, registre-se. Vila Rica, 9 de dezembro de 1819.

Regulamento Provisório para o Estabelecimento das Mandadas Reais da Capitania das Minas Gerais, que por Carta Régia de 29 de julho do corrente ano se mandou criar nos Pastos da Cachoeira do Campo, o que ora se manda por em execução por Carta Régia da data de hoje.

Título Primeiro

Das Pessoas Empregadas Artigo 1º (...)³⁰

Parece que houve duas Cartas Régias acerca da criação da Coudelaria: uma é a apresentada aqui, datada de 25 de outubro de 1819; a outra, anterior, data de 29 de julho de 1819. A transcrição acima parece ser de uma Carta Régia encaminhando o Regimento da futura Coudelaria e reafirmando algumas pendências. Após a Carta Régia, segue o extenso e curto Regimento com 7 títulos e 41 artigos.

O prédio serviu para fins militares pela última vez na Revolta de 1833. Permaneceu vários anos abandonado até que se tornou sede da colônia agrícola Cesário Alvim e, em 1896, quando os salesianos vieram para Cachoeira, um estabelecimento de ensino destinado a formar agrônomos. Com o tempo tornou-se conhecido como Colégio Dom Bosco.³¹ Primeiro estabelecimento salesiano de Minas, nele estudaram personagens importantes de nossa história (como o historiador Augusto de Lima Junior).

³⁰ Livro de Registro de Ordens Imperiais. Arquivo da Casa dos Contos. Microfilme.
³¹ Atualmente chamado de Centro Dom Bosco.

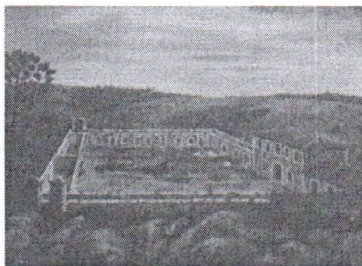
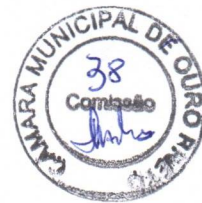


Figura 3.1 – Vista do antigo Quartel da Cavalaria
(Pintura o.s.t.)
Fonte: Acervo Centro Dom Bosco



Figura 3.2 – Vista do antigo Quartel da Cavalaria
(Pintura o.s.t.)
Fonte: Acervo Centro Dom Bosco



Foto 3.3 – Vista parcial do Centro Dom Bosco
Fonte: Bruno Tropia Caldas



Foto 3.4 – Vista parcial do Centro Dom Bosco
Fonte: Bruno Tropia Caldas

Envolve a vinda dos padres, uma terrível tragédia, narrada em todas crônicas salesianas da época: a morte, num acidente ferroviário em 6 de novembro de 1895, nas proximidades de Juiz de Fora, de D. Luís Lasagna, Superior Geral das Casas Salesianas na América do Sul e Bispo de Trípoli. O choque dos trens aconteceu quando o prelado vinha para Cachoeira, justamente para inauguração do estabelecimento, que, depois do acidente, foi adiada. Superado o trauma, o Colégio Dom Bosco foi inaugurado com festa, discursos de autoridades e a primeira aula (em 24 de maio de 1896, dia de Nossa Senhora Auxiliadora, padroeira dos salesianos).

Em 1911 foi a vez das irmãs salesianas inaugurarem sua obra educativa em prédio próprio para isso (pois desde 1904 estavam já em Cachoeira). O local escolhido foi o antigo Palácio de Campo dos Governadores de Minas (O Palácio da Cachoeira), tão célebre na história brasileira.

Voltaava Cachoeira, a partir de 1896, e de forma mais enfática ainda a partir de 1911, a figurar brilhantemente nas páginas da história mineira, sendo a obra dos salesianos daqui referencial do tipo em todo país.

Conserva o Colégio Dom Bosco ainda, além do brasão de sua portada, algumas relíquias como a primeira imagem de Nossa Senhora Auxiliadora a entrar em Minas, um grande relógio de sol situado no pátio interno e a primeira serralheria hidráulica do Brasil, construída no início do século XX (tem um funcionamento muito interessante e original, mas hoje infelizmente bastante deteriorada). A principal relíquia abrigada pelo edifício, contudo, é a famosa "Cadeira de Dom Pedro", usada, em ocasiões diferentes, pelos dois Imperadores do Brasil. Esta cadeira setecentista, estilo Dom José, valeu descrição feita por Dom Pedro II, de próprio punho, em 1881, por ocasião de sua visita a Cachoeira do Campo.

3.5 Os Governadores Em Cachoeira

Após o esmagamento da Revolta de Filipe dos Santos, em 1720, o Conde de Assumar propôs que se construíssem em Cachoeira do Campo um quartel e uma residência para os governadores de Minas, tendo em vista o ponto estratégico que o arraial era por excelência. O quartel seria construído já em 1720 e reconstruído em 1779. O Palácio dos Governadores foi construído em 1730 e ampliado em 1782 por Dom Rodrigo José de Meneses.

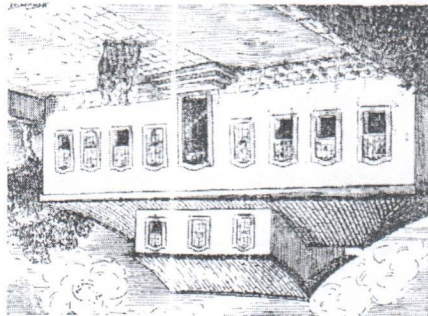


Figura 3.3 – Vista parcial da antiga residência de verão dos governadores.
Fonte: AMINCO

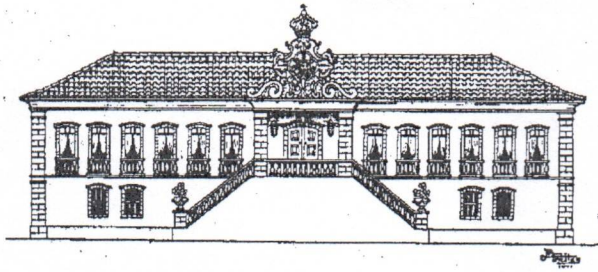


Figura 3.4 – Vista parcial do antigo Palácio dos Governadores
Fonte: Acervo Alex Bohrer

Em Cachoeira ainda é possível visitar estas construções famosas, como o antigo quartel e as ruínas do Palácio. Nestas ruínas se vêem as imensas muralhas do Lago do Governador (que foi considerado uma das principais obras de engenharia da época). O imenso lago podia armazenar 25 milhões de litros d'água! Possuía até mesmo, singrando suas águas calmas, uma pequena embarcação à vela de 7 metros de comprimento!

Pouco distante do lago - e ainda em uso - está a famosa Ponte do Palácio, construída no século XVIII para dar acesso ao Palácio. Possui 30 metros de comprimento e é toda feita de pedra. Esta ponte antecedia o portão de entrada do palácio e dava início aos caminhos que, de Cachoeira, demandavam à Vila Rica.

Em 1782 o mesmo governador que reconstruiu o Palácio - Dom Rodrigo José de Meneses - mandou abrir uma nova e excelente estrada ligando o Palácio da Cachoeira ao de Ouro Preto. Esta estrada substituiu uma mais antiga, construída no cimo da serra, sendo, a partir da sua inauguração, usada como atalho - grande parte do caminho se faz em curva de nível, tornando-o menos árido, sinuoso e cansativo, especialmente entre José Henriques e a Pedra de Amolar.³²

Dom Rodrigo José de Meneses tomou posse como governador da Capitania das Minas em 20 de fevereiro de 1780, sendo a solenidade realizada na Igreja de Nossa Senhora do Pilar, em Vila Rica, como era costume. O Conde de Cavaleiros - título nobre e honorífico que Dom Rodrigo ostentava - veio para as Minas com sua esposa e condessa, Dona Maria José Ferreira d'Eça.

³² A Pedra de Amolar empresta, por vezes, seu nome ao Chafariz de Dom Rodrigo.



Homem de visão, dotado de verdadeiro fôlego administrativo e espírito empreendedor, tornou como primeira providência a reforma das estradas que conduziam à capital, todas, então, em precário estado de conservação e intransitáveis nos meses de chuva. Ainda no começo da década de 1780, Dom Rodrigo, além de melhorar as vias de acesso, delibrou também construir pelo menos mais três estradas, todas obras louváveis de engenharia, dotadas de pontes, muros de arrimo, chafarizes e obras de arte. São as três: a Estrada entre Vila Rica e Mariana, a Estrada da Soledade (a qual rumava ao Rodeio, no atual distrito de Miguel Burnier) e a Estrada da Cachoeira.

Dentre estas, cumpre destacar a Estrada da Cachoeira. Esta via era parte essencial e prolongamento das obras que Dom Rodrigo empreendeu na Casa de Recreio que os governadores mantinham em Cachoeira do Campo. Depois de várias reformas, a citada casa foi transformada em um aprazível Palácio de Campo (palácio que muito lembrava as requintadas residências da nobreza rural lusa).

Entre as várias propostas que o dinâmico Conde enviou a el-Rei de Portugal, estava a liberdade das indústrias em Minas (o que era explicitamente proibido). Como a sugestão soasse aos ouvidos reais quase como heresia, a proposta de Dom Rodrigo foi ignorada. Tivesse a Coroa aceito (ou pelo menos ter feito valer o empenho daquele governador) e a História de Minas e do Brasil seria, certamente, outra.

Um governador que se tornou amante e usufruiu por longo período do Palácio de Dom Rodrigo foi o Visconde de Barbacena que, vindo para Minas em 1788, passou a residir permanentemente em Cachoeira do Campo com sua família. Devido ao apego do Visconde, Cachoeira se tornou importante durante a Inconfidência Mineira, abrigando, entre outros, José Álvares Maciel, proeminente conspirador, e professor dos filhos de Barbacena.

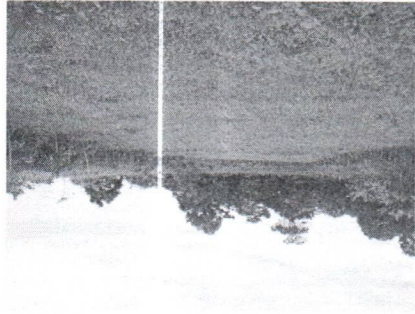


Foto 3.5 – Vista das ruínas do antigo Palácio dos Governadores
Fonte: Maria Raquel Alves Ferreira



Parece que o Palácio não atraiu muito os governadores subseqüentes, que o visitavam esporadicamente. Por volta de 1819 estava praticamente abandonado. Durante o século XIX viria a se tornar um amontoado de ruínas. Em 1896, quando da chegada dos salesianos, o faustoso Palácio de Dom Rodrigo não passava de uma montanha de muros enegrecidos, com seus móveis roubados ou dispersos entre as famílias de Cachoeira.

3.6 Os Imperadores Em Cachoeira

Pouca gente sabe, mas durante os séculos XIX e XX Cachoeira do Campo recebeu a visita de várias pessoas famosas, verdadeiros medalhões da história brasileira. Tal é o caso dos nossos dois imperadores: D. Pedro I e D. Pedro II. As visitas de D. Pedro I envolvem um complicado contexto político que mereceria abordagem mais detalhada. A visita de seu filho, D. Pedro II, envolve, por sua vez, aspectos mais curiosos e peculiares, que transformaram este episódio em um dos fatos mais memoráveis de Cachoeira do Campo. Alguns idosos ainda lembram das histórias que seus pais contavam sobre o velho Imperador de barbas brancas e sorriso bonachão.

Há basicamente dois relatos sobre a visita de D. Pedro II. Um vem do escritor cachoeirense Lúcio Fernandes Ramos, autor de *Cachoeira do Campo - A Filha Pobre do Ouro Preto*, baseado em relatos de contemporâneos. O outro vem do próprio imperador, que no seu diário dedicou carinhosamente algumas linhas à Cachoeira. A comitiva imperial vinda de Ouro Preto chegou à Cachoeira no dia 2 de abril de 1881. Quando a carruagem do imperador apontou nas Mercês (na época quem vinha de Ouro Preto chegava à Cachoeira pelo Tombadouro) a multidão que apinhava a Praça da Matriz disparou um foguetório ensurdecedor que, a pedido da Imperatriz D. Teresa Cristina, teve que cessar, pois estava assustando os cavalos. Quando chegou à Praça o Imperador foi recebido pelo Pe. Afonso, Cel. Ramos e algumas autoridades locais. A Imperatriz subiu logo ao quarto que lhe estava preparado. Antes de almoçar, Dom Pedro fez questão de conhecer a Matriz, cujos altares o 'agradaram muito', como ele escreve.

O banquete fora preparado em um dos sobrados do vigário, na Praça da Matriz (este casarão de dois andares foi infelizmente demolido). Durante o almoço, Dom Pedro sentou-se em uma cadeira imponente que, anos antes, havia também sentado seu pai Pedro I, fato



que lhe foi relatado por Manoel Murta, companheiro de caçadas de Pedro I quando das suas visitas a Cachoeira.

Na ocasião o Imperador visitou ainda a Coudelaria (antigo Quartel da Cavalaria, atual Colégio D. Bosco) e o Palácio (atual Colégio das Irmãs), cujas terras à época pertenciam à Coroa, sendo de "seu usufruto", segundo suas próprias palavras. Conheceu também a obra educacional do Pe. Afonso, visitando várias casas onde o vigário lecionava, o que o deixou admirado. Uma destas casas ainda existe: o Chale das Mercês.

À tarde o velhinho de barbas brancas despediu-se da multidão, depositou uma vultosa quantia nas mãos de Pe. Afonso para prosseguimento da sua obra educacional e, de chapéu à cabeça, entrou na carruagem que o levou à Casa Branca. Pelo visto sua doação para a escolinha de Pe. Afonso surtiu efeito, ou não teríamos hoje uma escola com o nome do famoso vigário.

3.7 A Cadeira de Dom Pedro

3.7.1. O Registro de Pedro II

O segundo imperador do Brasil anotava, com acuidade e curiosidade, vários pormenores de suas constantes viagens nacionais e internacionais. Em Cachoeira não foi diferente, tamanha festa e garbo com que foi recebido. A festa organizada pelos cachoeirenses, liderada pelo Padre Afonso, foi tamanha que valeu tradição duradoura, impregnando a memória dos mais velhos. Lúcio Ramos diz que aquele dia 2 de abril de 1881 foi o mais importante e memorável da história de sua Cachoeira. Diz Lúcio, entre outros pormenores, que Dom Pedro passou desaparecido entre a multidão, que, absorta, espiava o alto do Tombadouro e as Mercês, de onde viria as carruagens. Mas Pedro, conforme sua modesta característica, afastou-se da sua comitiva e percorreu parte das ruas a pé. Atravessando a multidão, como anônimo, foi ter à Matriz, onde orou. A festa estava armada no casarão ao lado do adro, imponente sobrado desaparecido.

Pelo muito que nos revela, segue abaixo o relato completo do Imperador, feito de próprio punho.

2 de abril de 1881 (sábado) - 6 h. Partida (de Ouro Preto). Entrada na Igreja



de Antônio Dias. Esculturas em pedra sobre a porta. A rua que aí conduz chama-se do Alvarenga. Bela vista para o lado da cidade ao aproximar-se do antigo Jardim Botânico. Lá fui. Abandonado. Belas jaboticabeiras. Ainda há pés de chá. Guardam na casa a pólvora - 20 barricas. O Estado vendeu por 5 contos a prazos esta propriedade tão aproveitável. Teria ficado talvez melhor aí que no Seramenha a Escola Agrícola.

Subida da serra que divide águas do rio Doce de águas do rio das Velhas. Alto da pedra de amolar. Vasta e bela vista. O caminho é todo muito pitoresco. Descobri ao longe o Rio das Velhas. Chafariz do tempo do governo de D. Rodrigo de Meneses 1722 creio eu.³³ Arraialzinho dos Taboães com ponte. Cachoeira do Campo arraial de muitas casas. Almocei; fui orar à Igreja que tem dois altares laterais que muito me agradaram por seus labores de talha. Visitei só a coudelaria. Casa arrumadíssima. O arrendatário fulano Castro não quis responder-me claramente sobre a extensão das terras e as cabeças de gado por causa de pequena renda que paga e assim mesmo sem tê-lo feito pontualmente. A terra da coudelaria é só de meu usufruto mas a fazenda do buraco igualmente arrendada ao mesmo é minha propriedade. Pensarei em aproveitá-las para colonos.

Voltei à casa onde vi uma cadeira de forma antiga onde meu Pai se assentou e um Murta de 88 anos que lhe cuidava dos animais de viagem.³⁴ Entreguei as duas cartas de alforria dadas pelo dr. Fernandes Torres a dois cônjuges ao marido estando ausente a mulher. O arrendatário das duas fazendas disse-me que cada alqueire já produziu 8 carros de mantimentos.

Fui ver as aulas de meninos e de meninas. Casas acanhadas. Naquela os alunos estavam ausentes, porém nesta achei meninas interrogando a uma e a professora irmã de um Modestino discípulo de preparatórios da Escola de Minas pareceu-me muito inteligente.

Partida às 1 ½ e chegada à Casa Branca às 4. Caminho sempre belo.

A parte grifada diz respeito à cadeira usada no banquete, justamente aquela que é alvo deste estudo. A descrição de Dom Pedro, apesar de sucinta, revela pormenores interessantes: nela havia se assentado seu pai, *Pedro I*, e a mesma tinha *forma antiga*.

3.7.2. Possíveis Origens

Há quatro possíveis origens desta famosa cadeira: 1) ela pertencia às famílias tradicionais de Cachoeira; 2) ela pertencia à Coudelaria (antigo Quartel); 3) era uma cadeira da Paróquia; 4) ela pertenceu, outrora, ao Palácio de Campo dos Governadores, sito em Cachoeira.

³³ Dom Pedro acerta o Governador, mas erra a data - 1782 é o ano certo, não 1722. Certamente a data, gravada em pedra, devia estar coberta de musgo ou semi-apagada, pois a dúvida é explícita: *creio eu...*

³⁴ Ao repórter do Jornal do Comércio declarou Manuel de Neves Murta ter sido companheiro de caçada de Dom Pedro I, numa das vezes que este visitou Minas (1822 e 1830-1831).



Se a primeira hipótese estiver certa, há duas procedências mais prováveis: ou a cadeira pertencia ao Pe. Afonso de Lemos ou era posse do Coronel Ramos, homem mais abastado do lugar.

Todavia, a mais certa dessas assertivas é que a cadeira tenha pertencido ao Palácio dos Governadores, sendo confeccionada para compor as ampliações de Dom Rodrigo José de Meneses, segundo estilo afinado com a época.

3.7.3 Descrição

Trata-se de uma cadeira estilo Dom José, de três pés, atualmente sem poltromia. Seu assento de palhinha combina perfeitamente com o encosto e os apoios de braços, circulares, o que a faz ser bastante confortável. Orna o frontal da cadeira, sob a linha do assento, uma delicada rocalha. Os dois pés frontais, elegantemente encurvados, têm forma de patas leoninas. Por estas características, podemos datar essa cadeira como um móvel do terceiro quartel do século XVIII.

Sobre o assento de palha corre interessante lenda: quando Dom Pedro II se preparava para se sentar, percebeu que o tecido que cobria a cadeira escondia uma base de palha, rasgada. Constrangidos, os anfitriões argumentaram que escolheram aquela velha cadeira por nela ter sentado o pai de Dom Pedro. Admirado com o fato, o Imperador quis saber mais detalhes das visitas de seu pai a Cachoeira (duas, no total).³⁵ Um dos presentes, um velho do tronco dos Murta, narrou então as aventuras vividas pelo *boa-vidas* Pedro I em suas caçadas nos terrenos cachoeirenses da coroa (conforme já dito mais acima).

Passada a visita, a primeira iniciativa foi trocar o assento original, rasgado, por um novo, pois que, se um dia o Imperador voltasse, não mais passariam vergonha...

3.7.4 Peripécias Recentes

³⁵ Quando Dom Pedro I regressou para Portugal, o herdeiro, Príncipe Pedro - futuro Pedro II do Brasil -, tinha somente 5 anos, não tendo conhecido muito o pai.



Com a inauguração do Colégio Dom Bosco, em 1896, a cadeira passou a ficar exposta na capela principal. Naquele lugar foi vista e registrada por vários viajantes.

Cerca de duas décadas atrás foi transportada, a mando de um distraído salesiano, para São João Del Rei, onde esteve anônima até 2003. Neste ano, atendendo apelo da AMIC (Associação Cultural Amigos de Cachoeira do Campo), o dirigente da época, Pe.Dídimo Amaral, conseguiu trazê-la de volta ao Colégio. Este gesto, simples no ato, representou, contudo, uma grande ação pela preservação da história do município de Ouro Preto e, mais especificamente, de Cachoeira do Campo.

Hoje a Cadeira de Dom Pedro voltou a se abrigar nas velhas paredes do Colégio Dom Bosco.



A Cadeira de Dom Pedro consiste em um móvel de descanso estilo D.José, com encosto, braços, três pés em madeira e assento em palhinha. Este assento de palhinha combina perfeitamente com o encosto e os apoios de braços, circulares, o que a faz ser bastante confortável.

Os pés frontais são no estilo de patas leoninas, cujas pernas são ligeiramente curvadas em "S", quanto ao pé posterior, este, é do mesmo feitio porém com maior simplificação de desenho na pata. Uma armação em "Y" une as três pernas da cadeira um pouco acima do nível do chão.

As pernas da cadeira, elegantemente encurvadas, delinham-se em direção ao assento, cujo arremate é dado por uma talha de curvas e contracurvas com sutis elementos florais nas extremidades e no centro ornado por uma delicada rocailha.

O assento é conformado por uma moldura de madeira em formato uma semi-cúpula oval estruturando a trama de palhinha, conferindo maior graciosidade à peça.

Junto ao assento saem três apoios (de semelhante tamanho) que sustentam os braços e o encosto que consistem numa só peça. A desenvoltura destes é ligeiramente curva, também em "S", mas agora, um pouco mais simples e menos trabalhado, possuindo apenas uma marcação estriada nas laterais. Quanto ao anteparo das costas, este é mais trabalhado em recorte, possuindo ao fim, a aparência da silhueta de um vaso.

O encosto é liso e semi-curvo com acabamento superior escalonado em singelos degraus até alcançar em uma contracurva o anteparo dos braços e, mais ao fim um circundar da própria madeira (uma volta) cuja organicidade se faz repousar as mãos.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO BEM CULTURAL





5. JUSTIFICATIVA DE TOMBAMENTO

O Tombamento da Cadeira de Dom Pedro justifica-se pela importância histórica e cultural do bem, relacionada à história dos dois imperadores do Brasil, D. Pedro I e D. Pedro II, em suas viagens à região de Ouro Preto, com passagem por Cachoeira do Campo, já considerada pelos moradores e pesquisadores como relíquia local.

Torna-se imprescindível, desta maneira, a salvaguarda no âmbito legal desse bem histórico para os cachoeirenses e ouro-pretanos, efetuando o tombamento da referida cadeira, como também fazendo com que este ato jurídico decorrente das aspirações da comunidade local iniciem outros processos de mesma natureza.

- Higienização periódica do móvel;
- Proteção contra incêndio (instalação de sistema de prevenção contra incêndios no prédio e em local próximo ao móvel) e umidade, calor e luz em excesso, precauções a serem tomadas quanto à escolha da localização do bem para exposição;
- Remoção de elementos estranhos que danifiquem o bem cultural, como pregos ou emendas mal executadas;
- Uso de técnicas corretas de restauração, como consolidação estrutural da peça;
- Diagnóstico do estado de conservação a ser realizado por especialista;
- Quanto à transferência do móvel, a Cadeira de Dom Pedro só poderá sair do distrito de Cachoeira do Campo, Ouro Preto, M. G. com autorização prévia da Secretaria de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano e por curto período, a ser determinado no documento de autorização.

6. DIRETRIZES DE INTERVENÇÃO





7. DOCUMENTAÇÃO CARTOGRÁFICA E FOTOGRÁFICA

7.1 – Cartografia

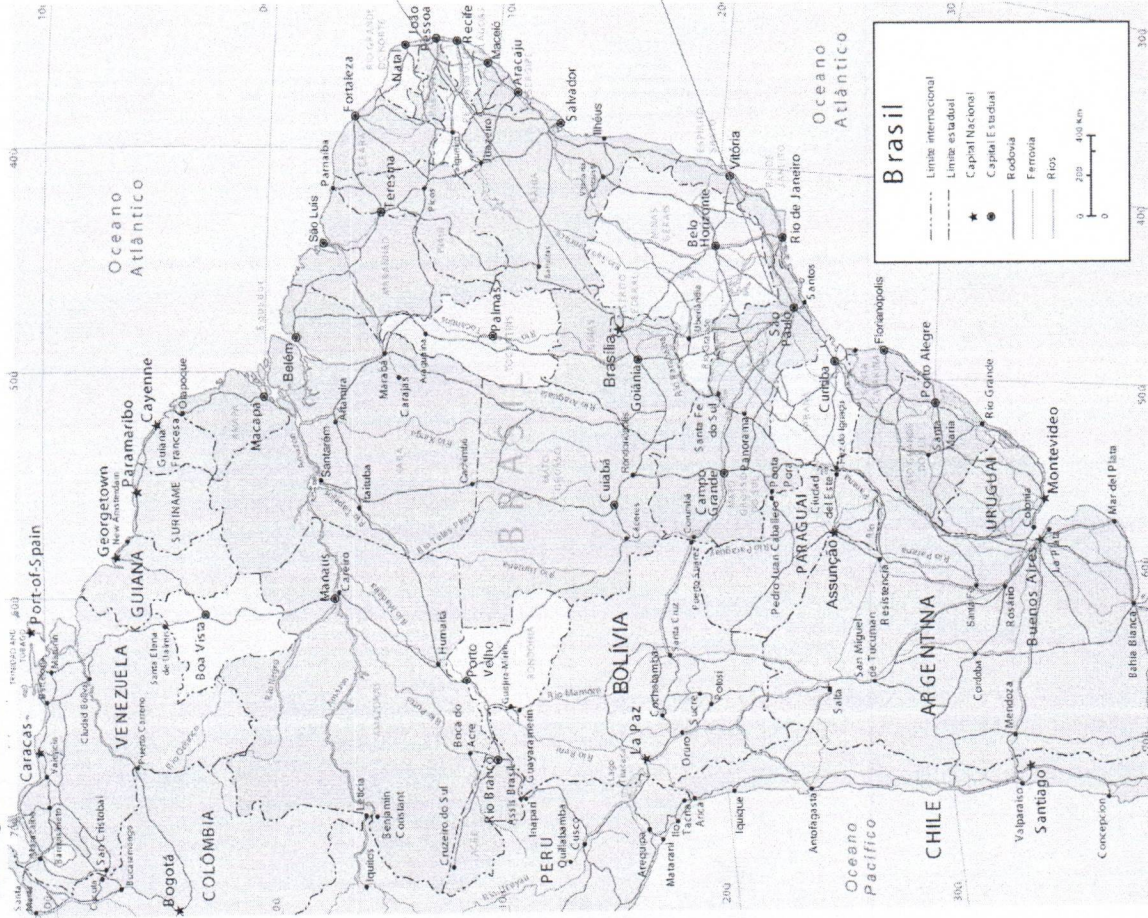




Município	OURO PRETO	Distrito	Cachoeira do Campo
Plantas Cadastrais	Mapa 1 – MAPA DE SITUAÇÃO: Situação do Estado de Minas Gerais no Brasil; Situação do Município de Ouro Preto no Estado; Situação dos Distritos de Ouro Preto no Município; Situação do Colégio Dom Bosco no Distrito. Escala Gráfica.	Mapa 2 – MAPA DE LOCALIZAÇÃO: Mapa do distrito de Cachoeira do Campo – Localização do Colégio Dom Bosco. Escala Gráfica.	
Referências Bibliográficas	Mapa: 1 e 2 – Mapa Base – IGA (Instituto de Geociências Aplicadas da Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia) – 1980; Folhas da Carta – IBGE, escala 1:75.000; Mapa Rodoviário – DER-MG – 1977; Trabalho de Campo.		
Informações complementares	MONTAGEM: 1 e 2 – Inaiana Barbosa Guerra – N°vargo de 2007		
Ficha Técnica	Inaiana Barbosa Guerra		Data: 12/03/2007

Mapa 1

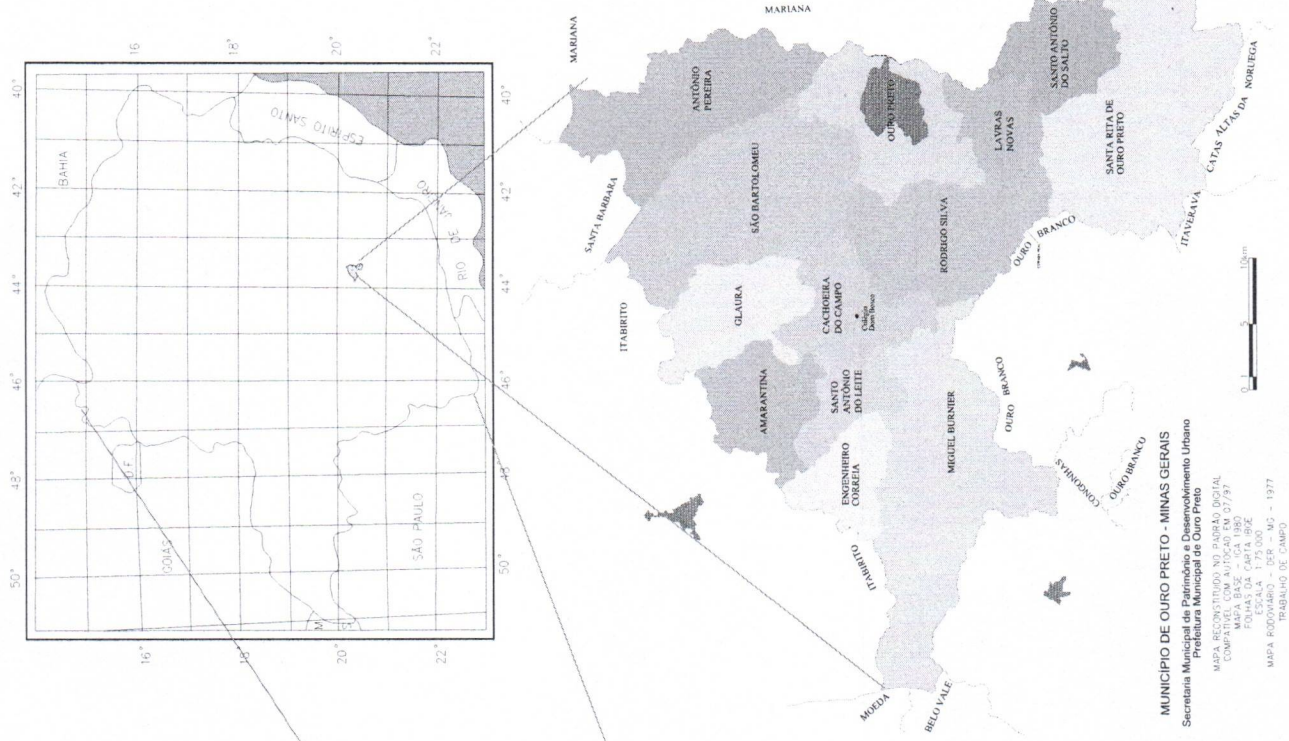
Montagem: Inaiana Barbosa Guerra



MAPAS DE LOCALIZAÇÃO

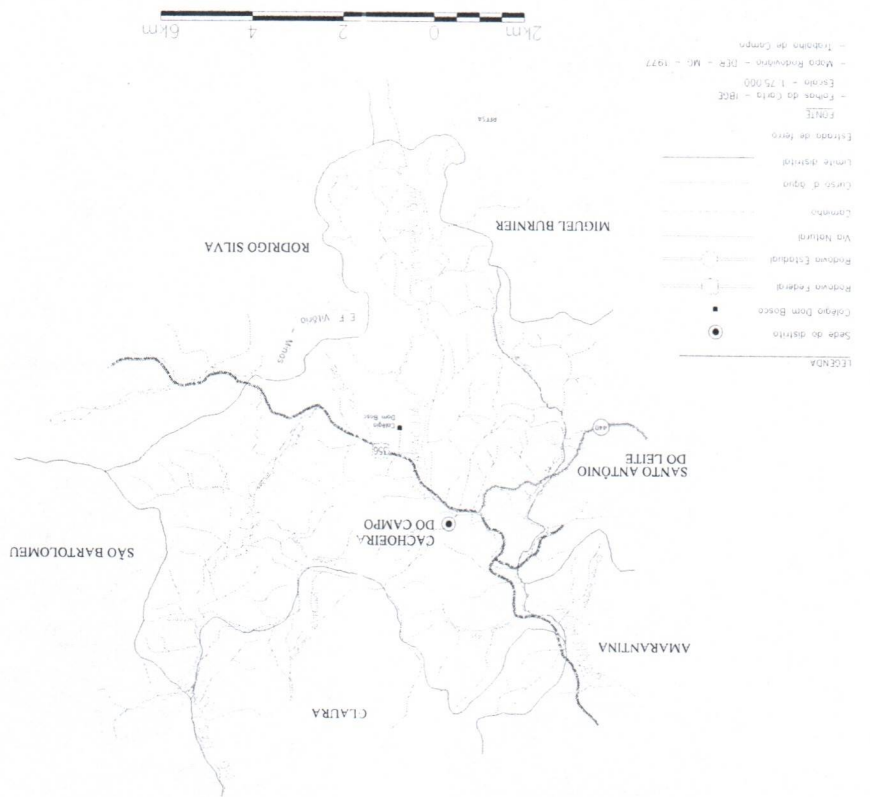
- SITUAÇÃO DO ESTADO DE MINAS GERAIS NO BRASIL
- SITUAÇÃO DO MUNICÍPIO DE OURO PRETO NO ESTADO
- SITUAÇÃO DOS DISTRITOS DE OURO PRETO NO MUNICÍPIO
- SITUAÇÃO DO COLÉGIO DOM BOSCO NO DISTRITO

SITUAÇÃO DO MUNICÍPIO NO ESTADO



MUNICÍPIO DE OURO PRETO - MINAS GERAIS
Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano
Prefeitura Municipal de Ouro Preto

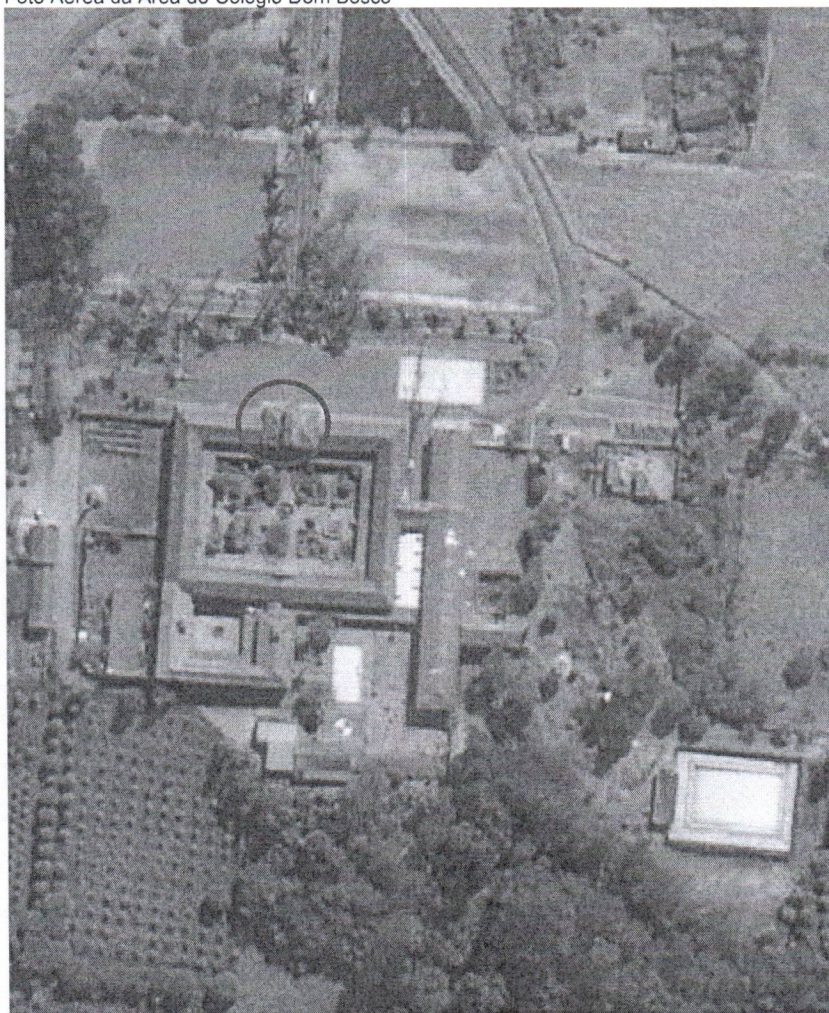
MAPA RECONSTITUÍDO NO PADRÃO DIGITAL
COMPATÍVEL COM AUTOCAD EM 07/97
MUNICÍPIO DE OURO PRETO
FOLHAS DA CARTA 1:50.000
ESCALA 1:75.000
COORDENADAS UTM - 1977
TRABALHO DE CAMPO



MAPA DO DISTRITO DE CACHOEIRA DO CAMPO
LOCALIZAÇÃO DO COLÍLIO DOM BOSCO

Foto aérea 1:

Foto Aérea da Área do Colégio Dom Bosco

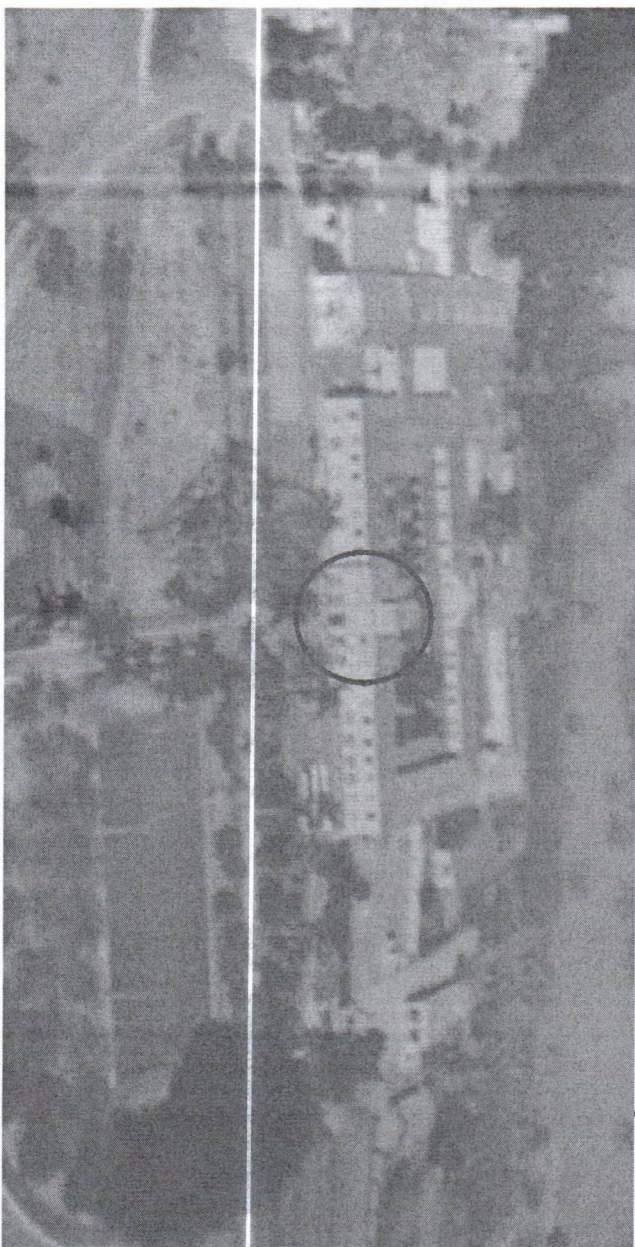


Delimitação local da edificação onde se encontra a Cadeira de Dom Pedro

Foto aérea 2:

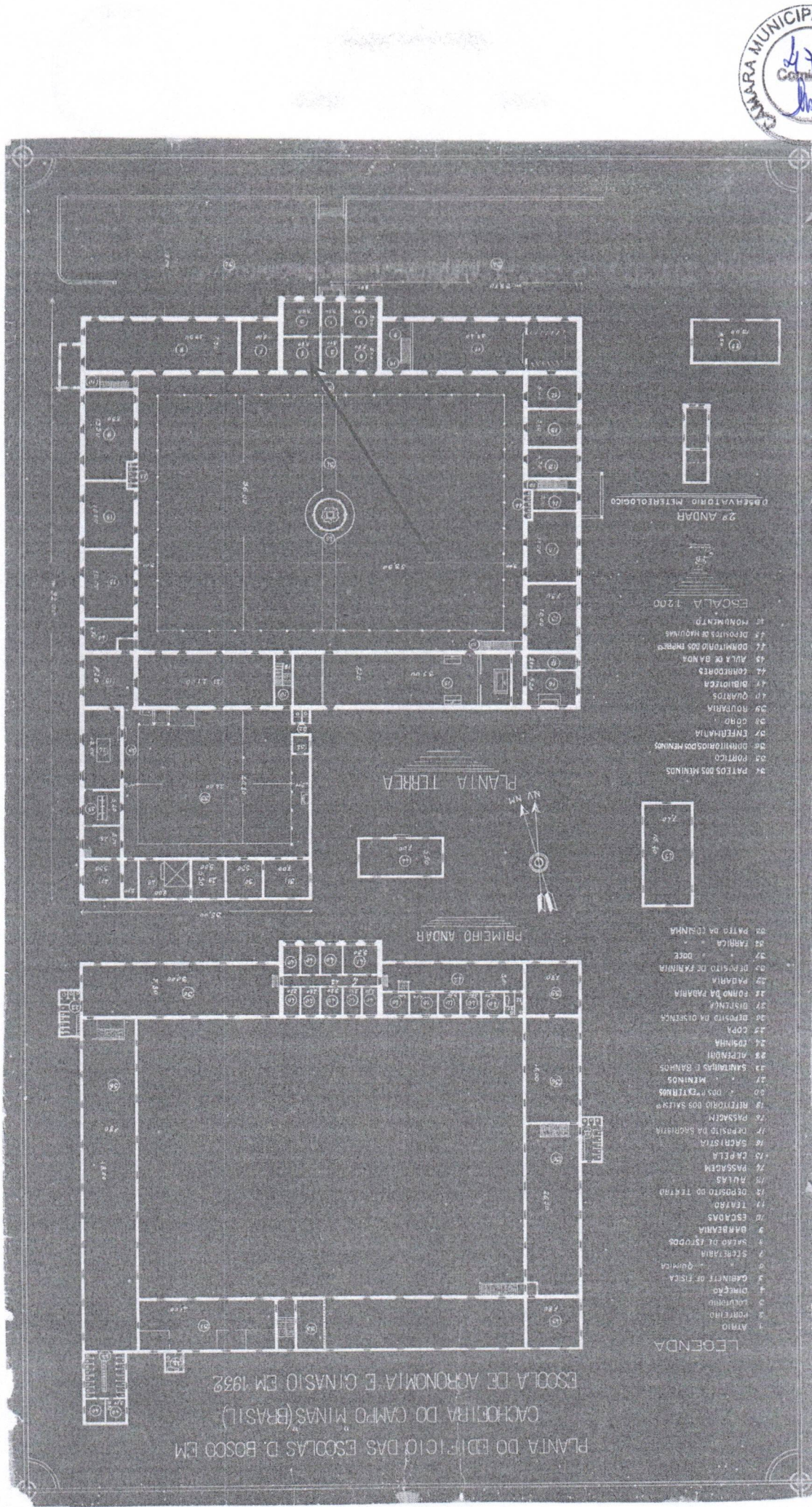
Foto Aérea da Área do Colégio Dom Bosco

Fonte: Colégio Dom Bosco



_____ Delimitação local da edificação onde se encontra a Cadeira de Dom Pedro

Planta do Colégio Dom Bosco



Cômodo da edificação onde se encontra a Cadeira de Dom Pedro



7.2 – Fotografias



Foto 7.1 – Vista da Entrada do Centro Dom Bosco.
Escadaria e fachada principal.
Fonte: Inaiana Barbosa Guerra
Colégio Dom Bosco - Cachoeira do Campo,
fevereiro de 2007.



Foto 7.2 – Vista do Brasão
talhado por Aleijadinho –
Pordada da Fachada
principal
Fonte: Inaiana Barbosa
Guerra
Colégio Dom Bosco -
Cachoeira do Campo,
fevereiro de 2007.



Foto 7.3 – Vista do Corredor
que acessa a Sala da
Diretoria – local onde se
encontra a Cadeira D. Pedro
Fonte: Inaiana Barbosa
Guerra
Colégio Dom Bosco -
Cachoeira do Campo,
fevereiro de 2007.

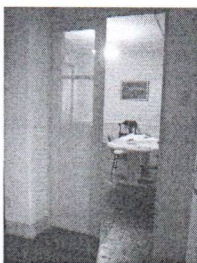


Foto 7.4 – Vista da entrada
da Sala da Diretoria – local
onde se encontra a Cadeira
D. Pedro
Fonte: Inaiana Barbosa
Guerra
Colégio Dom Bosco -
Cachoeira do Campo,
fevereiro de 2007.

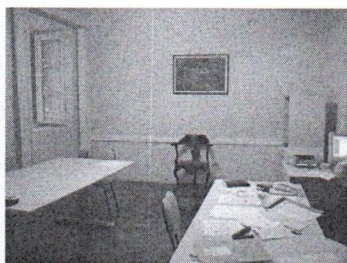


Foto 7.5 – Vista Sala da Diretoria e Cadeira D.
Pedro ao fundo
Fonte: Inaiana Barbosa Guerra
Colégio Dom Bosco - Cachoeira do Campo
fevereiro de 2007.



Foto 7.6 – Vista frontal da
Cadeira D. Pedro
Fonte: Inaiana Barbosa
Guerra
Colégio Dom Bosco -
Cachoeira do Campo,
fevereiro de 2007.

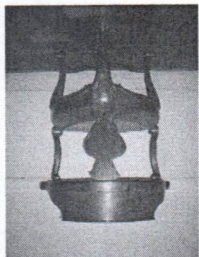


Foto 7.7 - Vista posterior da Cadeira D. Pedro
Fonte: Inaiana Barbosa Guerra
Cachoeira do Campo - Museu do Campo
Fevereiro de 2007.

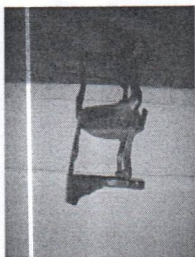


Foto 7.8 - Vista lateral direita da Cadeira D. Pedro
Fonte: Inaiana Barbosa Guerra
Cachoeira do Campo - Museu do Campo
Fevereiro de 2007.

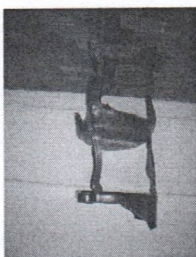


Foto 7.9 - Vista lateral esquerda da Cadeira D. Pedro
Fonte: Inaiana Barbosa Guerra
Cachoeira do Campo - Museu do Campo
Fevereiro de 2007.

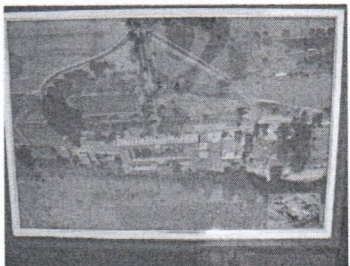


Foto 7.10 - Vista aérea do Centro Dom Bosco - moldurada situada junto à Cadeira D. Pedro
Fonte: Inaiana Barbosa Guerra
Cachoeira do Campo - Museu do Campo
Fevereiro de 2007.

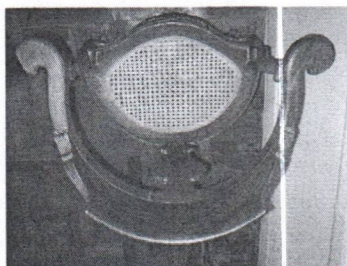


Foto 7.11 - Vista superior da Cadeira D. Pedro - destaque para o assento de palhinha em medalhão, os braços e o encosto
Fonte: Inaiana Barbosa Guerra
Cachoeira do Campo - Museu do Campo
Fevereiro de 2007.

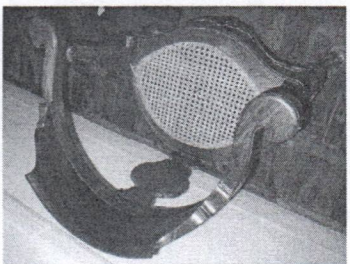


Foto 7.12 - Vista superior / lateral da Cadeira D. Pedro - destaque para o assento de palhinha em medalhão, os braços e o encosto
Fonte: Inaiana Barbosa Guerra
Cachoeira do Campo - Museu do Campo
Fevereiro de 2007.

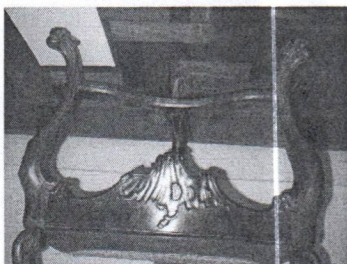


Foto 7.13 - Vista frontal da Cadeira D. Pedro - destaque para a parte inferior: pernas, armadilha em "V" e ornatos junto ao assento com roscilha no centro.
Cachoeira do Campo - Museu do Campo
Fevereiro de 2007.

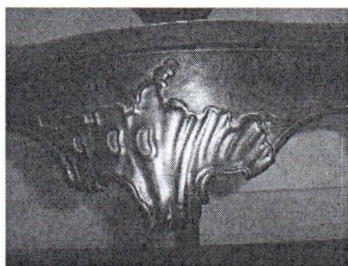


Foto 7.14 – Vista do ornato da rocalha no centro da linha do assento
Fonte: Inaiana Barbosa Guerra
Colégio Dom Bosco - Cachoeira do Campo, fevereiro de 2007.

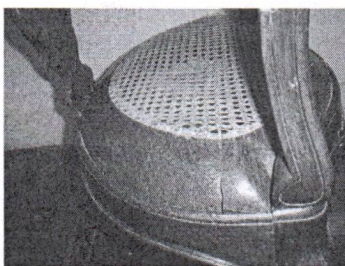


Foto 7.15 – Vista parcial do assento de palhinha em medalhão com moldura e detalhe do apoio dos braços e encosto
Fonte: Inaiana Barbosa Guerra
Colégio Dom Bosco - Cachoeira do Campo, fevereiro de 2007.

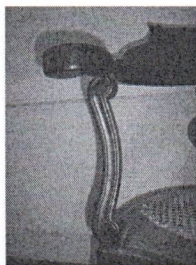


Foto 7.16 – Vista parcial esquerda do assento de palhinha, apoio de braço e encosto
Fonte: Inaiana Barbosa Guerra
Colégio Dom Bosco - Cachoeira do Campo, fevereiro de 2007.

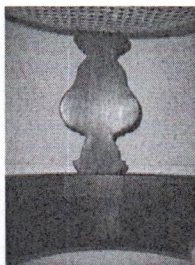


Foto 7.17 – Vista parcial frontal do encosto
Fonte: Inaiana Barbosa Guerra
Colégio Dom Bosco - Cachoeira do Campo, fevereiro de 2007.



Foto 7.18 – Vista parcial direita do assento de palhinha, apoio de braço e encosto
Fonte: Inaiana Barbosa Guerra
Colégio Dom Bosco - Cachoeira do Campo, fevereiro de 2007.



Foto 7.19 – Vista do detalhe do pé da direita
Fonte: Inaiana Barbosa Guerra
Colégio Dom Bosco - Cachoeira do Campo, fevereiro de 2007.



Foto 7.20 – Vista do detalhe do pé da esquerda
Fonte: Inaiana Barbosa Guerra
Colégio Dom Bosco - Cachoeira do Campo, fevereiro de 2007.

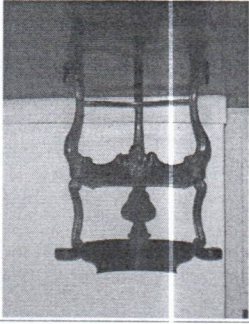
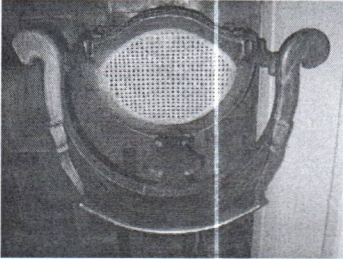
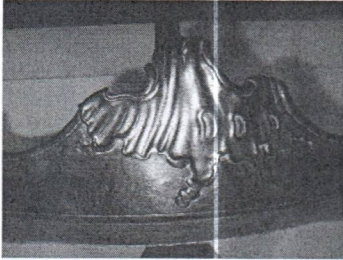


INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL
BENS MÓVEIS



Ref.:01

Município	Ouro Preto
Distrito	Cachoeira do Campo
Acervo	Salesianos – Centro Dom Bosco
Endereço	Rodovia dos Inconfidentes, Km 75 – Cachoeira do Campo - MG
Propriedade/situação	Centro Dom Bosco
Responsável	Salesianos – Centro Dom Bosco
Designação	Cadeira D. Pedro
Localização específica	Sala da Diretoria
Espécie	Móvel de descanso
Época	Final do século XVIII.
Autoria	Autoria desconhecida
Origem	Minas Gerais, Ouro Preto
Procedência	Sobre a Cadeira D. Pedro existem quatro possíveis procedências: 1.: Pertencia às famílias tradicionais de Cachoeira do Campo; 2.: Pertencia à Coudelaria (antigo quartel); 3.: Pertencia à uma Paróquia e 4.: Pertencia ao Palácio dos Governadores (Cachoeira do Campo) Caso seja a primeira hipótese a correta, há duas prováveis procedências: ou a cadeira pertencia ao Pe. Afonso de Lemos ou ao homem mais abastado do lugar na época, o Coronel Ramos. Entretanto, a procedência mais aceita é que esta tenha pertencido ao Palácio dos Governadores – para compor (ao estilo da época) as ampliações de Dom Rodrigo José de Meneses.
Material/técnica	Madeira / Entalhe / Recorte; encaixe
Marcas/ inscrições/ legendas	Não há registro de marcas / inscrições / legendas
Documentação fotográfica	Ref: DSC04281, Imagem 015, DSC04299, DSC04285 Autor: Bruno Trópia Data: 24/01/2007  Vista frontal do Colégio D. Pedro

<i>Descrição</i>	 Cadeira D. Pedro – Vista frontal  Cadeira D. Pedro – Vista superior  Detalhe do ornato do acabamento do assento Trata-se de uma cadeira estilo D. José, com encosto, braços, três pés e assento em palhinha. Os pés frontais são no estilo de <i>patas leoninas</i>, cujas <i>pernas</i> são ligeiramente curvadas em “S”, quanto ao pé posterior, este, é do mesmo feitio, porém com maior simplificação de desenho na <i>pata</i>. Uma armação em “Y” une as três pernas da cadeira um pouco acima do nível do chão. As pernas da cadeira delinham-se em direção ao assento, cujo arremate é dado por uma talha de curvas e contracurvas com sutis elementos florais nas extremidades e no centro é ornado com uma rocalha. O assento é conformado por uma moldura de madeira arredondado de formato oval, com palhinha ao centro. Junto ao assento saem três apoios (de semelhante tamanho) que anteparam
-------------------------	--



	os braços e o encosto numa só peça. Os apoios frontais são idênticos e enquadram-se na mesma continuidade das pernas situadas abaixo. A desenvoltura destes é ligeiramente curva, também em "S", mas agora, um pouco mais simples e menos trabalhado; possuindo apenas uma marcação estriada nas laterais. Quanto ao anteparo das costas, este é mais trabalhado em recorte, possuindo ao fim, a aparência da silhueta de um vaso. O encosto é liso e semi-curvo com uma altura que se escalona em singelos degraus até alcançar em uma contracurva o anteparo dos braços e, mais ao fim um circundar da própria madeira (<i>uma volta</i>) cuja organicidade se faz repousar as mãos.
Condições de segurança	Boas
Proteção legal existente	Nenhuma
Proteção legal proposta	Tombamento Municipal
Dimensões	H(total da cadeira): 92cm , Assento H: 51cm X L: 71cm P: 50 cm
Estado de conservação	Razoável
Análise do estado de conservação	O móvel apresenta alguns arranhões e marcas gerais do tempo, uma pequena fissura na rocalha central abaixo da linha de assento, partes quebradas nos pés, falha no assento de palhinha no canto direito, início de rachaduras nas duas laterais da moldura de madeira do assento, acúmulo de cera nos ornatos em auto-relevo e existência de pregos na parte traseira na altura do encosto.
Intervenções – Responsável/Data	Remoção do assento recoberto com tecido, citado na passagem da estadia de D. Pedro II por Cachoeira do Campo; intervenção realizada em data desconhecida.
Características técnicas	Trata-se de uma cadeira de madeira recortada, entalhada.
Características estilísticas	Estilo Dom José - Rococó
Características iconográficas	Móvel em estilo Dom José, de três pés, atualmente sem policromia. Orna o frontal da cadeira, sob a linha do assento, uma delicada rocalha. Os dois pés frontais, elegantemente encurvados, tem forma de patas leoninas.
Dados históricos	No final do século XIX a burguesia brasileira tinha como hábito exibir sua riqueza, através da ostentação mobiliária e decorativa de suas residências. Assim, o que caracteriza esta época é exatamente o chamado "mobiliário de estilo", criado em três tempos diferentes, durante os reinados de Dom João V, Dom José e Dona Maria, em Portugal. E foi assim que o Brasil não gerou seu próprio estilo, já que os móveis que serviam à classe abastada ou vinham diretamente da Europa ou eram então simplesmente imitados pelos marceneiros brasileiros. Nessa variação de tipologia e de estilos os móveis acompanhavam as estruturas econômicas e sociais, incluindo aí também as exigências de conforto e maneiras de viver. Entre um período e outro, portanto, vão se firmando as diferenças marcantes das estéticas, como, por exemplo, a influência do barroco e do rococó, com sua exuberância no século XVII, até as peças de composições mais simples, típicas do século XVIII. Especificamente sobre a cadeira em estudo, podemos classificá-la no estilo D. José. A respeito de seu histórico específico, sabe-se bem pouco; tendo registrado apenas a passagem dos referidos que a nomeia, os imperadores D. Pedro I e D. Pedro II e alguns fatos recentes:

Ficha Técnica Lev. Campo: Inaiana Barbosa Guerra e Maria Raquel Alves Ferreira Elaboração: Bruno Tropia Caldas Revisão:	Informações complementares Sem informações complementares	Referências Bibliográficas C:\Documents and Settings\user\Desktop\Inventário 2007 - Bruno Tropia\Distrito de Cachoeira do Campo\Cadeira D. Pedro\Fotografias - Cadeira D. Pedro - Pasta 01
Data: 16/02/2007 Data: 05/03/2007	Sobre dados recentes, tem-se o seguinte relato:	...quando Dom Pedro II se preparava para se sentar, percebeu que o tecido que cobria a cadeira escondia uma base de palha, rasgada. Constrangidos, os anfitriões argumentaram que escolheram aquela velha cadeira por nela ter sentido o pai de Dom Pedro. Admirado com o fato, o Imperador quis saber mais detalhes das visitas de seu pai a Cachoeira (duas, no total). Um dos presentes, um velho do tronco dos Murtas, narrou então as aventuras vividas pelo boa-viada Pedro I em suas caçadas nos terrenos cachoeirenses da coroa...." "Passada a visita, a primeira iniciativa foi tocar o assento original, rasgado, por um novo, pois que, se um dia o Imperador voltasse, não mais passariam vergonha...." (Texto do historiador Alex Fernandes Bohrer) "Com a inauguração do Colégio Dom Bosco, em 1896, a cadeira passou a ficar exposta na capela principal. Naquele lugar foi vista e registrada por vários viajantes". Cerca de duas décadas atrás foi transportada, a mando de um distrito salesiano, para São João Del Rei, onde esteve anônima até 2003. Neste ano, atendendo apelo da AMIC (Associação Cultural Amigos de Cachoeira do Campo), o dirigente da época, Pe. Didiño Amaral, conseguiu trazê-la de volta ao Colégio. Este gesto, simples no ato, representou, contudo, uma grande ação pela preservação da história do município de Ouro Preto e, mais especificamente, de Cachoeira do Campo. Hoje a Cadeira de Dom Pedro voltou a se abrigar nas velhas paredes do Colégio Dom Bosco ". (Texto do historiador Alex Fernandes Bohrer)



9. LAUDO TÉCNICO DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO

RESPONSÁVEL PELO LAUDO TÉCNICO: Maria Raquel Alves Ferreira, arquiteta e urbanista

IDENTIDADE: 19.733.027-7

ESPECIALIZAÇÃO EM: Patrimônio

NOME DO BEM TOMBADO: Cadeira D. Pedro

LOCALIZAÇÃO: Centro Dom Bosco – Cachoeira do Campo – Ouro Preto - MG

DATA: 06/03/2007

DATA DO TOMBAMENTO - 07 de fevereiro de 2007.

HÁ RESTAURAÇÃO EM ANDAMENTO? SIM (X) NÃO

HÁ PROJETO APROVADO POR LEI DE INCENTIVO À CULTURA? SIM

(X) NÃO

EM CASO POSITIVO: LEI FEDERAL LEI ESTADUAL

OUTRO

ELEMENTOS ESTRUTURAIS	SIM		NÃO APRESENTA PROBLEMAS
	50%	100%	
1. Ataque de insetos	-	-	100%
2. Perdas	2%	-	98%
3. Furos (pregos, cravos etc.)	1%	-	99%
4. Apodrecimentos causados por umidade	-	-	100%
5. Rachaduras, lascas, fissuras, frestas	1%	-	99%
SUPORTE			
6. Sujidade superficiais e aderidas	inexistente	inexistente	inexistente
7. Ataque de insetos	inexistente	inexistente	inexistente
8. Perdas de partes (elementos em relevo)	inexistente	inexistente	inexistente
9. Furos (pregos, cravos, cupim etc.)	inexistente	inexistente	inexistente
10. Apodrecimentos causados por umidade	inexistente	inexistente	inexistente
11. Rachaduras, lascas, fissuras, frestas	inexistente	inexistente	inexistente
12. Queimaduras	inexistente	inexistente	inexistente
13. Desprendimento de fragmentos	inexistente	inexistente	inexistente
14. Sujidade	2%	-	98%
15. Descolamentos	inexistente	inexistente	inexistente
16. Perdas	inexistente	inexistente	inexistente
17. Craquelês	inexistente	inexistente	inexistente
18. Manchas (causadas por umidade, ceras etc.)	inexistente	inexistente	inexistente
19. Oxidações, escurecimentos	inexistente	inexistente	inexistente
20. Abrasões	1%	-	99%
21. Repinturas	inexistente	inexistente	inexistente
22. Verniz oxidado	-	100%	-

OBSERVAÇÃO: No prédio do Colégio Dom Bosco há sistema de prevenção e combate à incêndio, com extintores instalados segundo projeto específico e em funcionamento. Também há sistema de segurança, porém a queda de um raio nas proximidades do colégio danificou os equipamentos, não tendo ainda sido consertados.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
EXISTÊNCIA DE INSTALAÇÕES DE SEGURANÇA NO PRÉDIO	BOM	REGULAR	RUIM, NECESSITANDO INTERVENÇÃO
		-	-
Instalação de equipamento de prevenção e combate a incêndio			
(X) sim			
não			
Sistema de segurança			
(X) sim			
não			
		-	100%
		-	100%

FOTOGRAFIAS

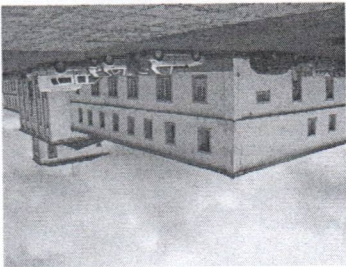


Foto 01 – Vista da fachada frontal Colégio Dom Bosco

Autor: Alex Bohrer
 São Bartolomeu, março de 2007

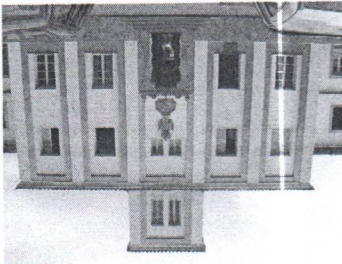


Foto 02 – Vista do acesso principal do colégio

Autor: Alex Bohrer
 São Bartolomeu, março de 2007

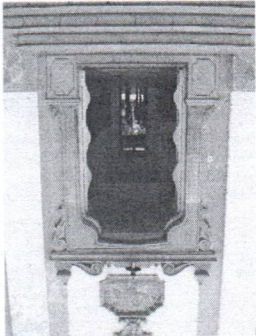


Foto 03 – Detalhe da portada da fachada do colégio

Autor: Alex Bohrer
 São Bartolomeu, março de 2007

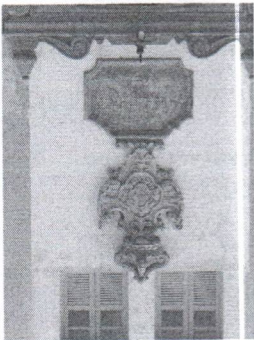


Foto 04 – Detalhe do medalhão da portada

Autor: Alex Bohrer
 São Bartolomeu, março de 2007

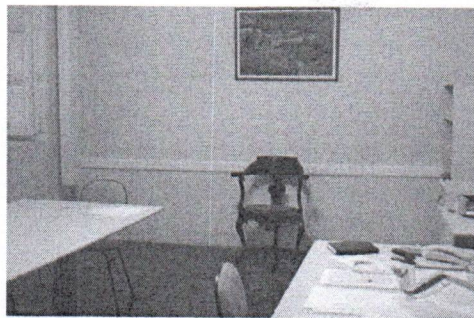


Foto 05 – Vista da sala onde se encontra a cadeira
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
São Bartolomeu, março de 2007



Foto 06 – Vista frontal da cadeira
Autor: Alex Bohrer
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 07 – Vista posterior
Autor: Alex Bohrer
São Bartolomeu, março de 2007.

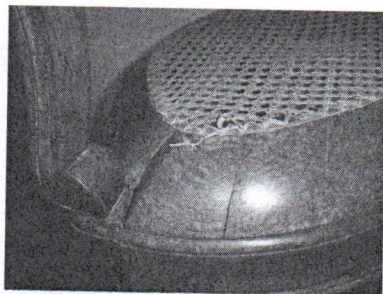


Foto 08 – Detalhe do assento com rachadura na moldura de madeira e palhinha se desfazendo
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 09 – Detalhe do pé traseiro com partes faltando e acúmulo de cera.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
São Bartolomeu, março de 2007.



Foto 10 – Detalhe do pé frontal do lado direito com partes faltando e acúmulo de sujidade.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
São Carlos/Paraná, março de 2007.



Foto 11 – Detalhe do pé frontal do lado esquerdo com partes faltando e acúmulo de sujidade.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
São Carlos/Paraná, março de 2007.

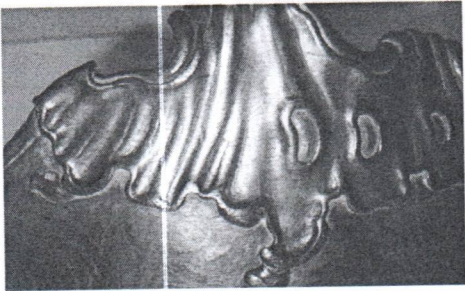


Foto 12 – Detalhe da rocalha no arremate do assento com acúmulo de sujidade.
Autor: Inaiana Barbosa Guerra
São Carlos/Paraná, março de 2007.

BEM CULTURAL		BOM	REGULAR	RUIM, NECESSITANDO INTERVENÇÃO
ESTADO DE CONSERVAÇÃO				
		62,2	0,3	37,5
Cadeira de Dom Pedro				

CONCLUSÃO: O bem encontra-se em bom estado de conservação, não apresentando problemas estruturais, porém possui riscos madeira, partes quebradas nos pés, palhinha do assento com trecho desfazendo-se, rachaduras nas duas laterais da moldura de madeira do assento, acúmulo de sujidade nos ornatos em auto-relevo e existência de pregos oxidados na parte traseira na altura do encosto.



10 – REFERÊNCIA DOCUMENTAL E BIBLIOGRÁFICA

10.1. Arquivos Consultados

- Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré – Cachoeira do Campo
- Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (AEAM)
- Arquivo João Batista Costa - Cachoeira do Campo
- Arquivo Municipal de Ouro Preto
- Arquivo Ultramarino de Lisboa
- Casa Setecentista (Casa do Pilar) – Ouro Preto
- Centro de Estudos do Ciclo do Ouro – Casa dos Contos / Ouro Preto

10.2. Livros e Trabalhos

- ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil*. Belo Horizonte: EDUSP; Editora Itatiaia, 1982.
- ÁVILA, Affonso. *O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1971 (Debates 35).
- BARBOSA, W. de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.
- BATISTA, Nylton Gomes. *Banda de Música - A Alma da Comunidade*. Ouro Preto: Imprensa Universitária da UFOP, s/d.
- BAZIN, Germain. *Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1983, 2v.
- BOHRER, Alex Fernandes. *Imaginário da Paixão de Cristo. Cultura Artística e Religiosa no Alto Rio das Velhas nos Séculos XVIII e XIX*. Mariana: ICHS/UFOP (Monografia de Bacharelado), 2004.
- BOSCHI, Caio C. *Os Leigos e o Poder - Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986.
- BURMEISTER, Hermann. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: EDUSP/Editora Itatiaia, 1980.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A Terceira Devoção do Setecentos Mineiro: O Culto a São Miguel e Almas*. Universidade de São Paulo, São Paulo, Tese de Doutorado, 1994.



- COSTA, João Baptista da. *Memória Histórica I. Cachoeira do Campo*: (manuscrito), 1965.
- GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- IPHAN, Bens Móveis e Imóveis Inscritos nos Livros do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4ª Edição Revista e Atualizada, Rio de Janeiro, 1994
- LEMOS, José Vicente de. *Da Mocidade à Velhice*. Cachoeira do Campo: Edição do Autor, 1978.
- LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A Capitânia de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.
- MACHADO, Carlos Augusto Pessoa. *Projeto de Implantação de Infra-Estrutura Turística em São Bartolomeu*. EA/UFMG (Monografia de Pós-Graduação Latu-Sensu), 2001.
- MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco Mineiro*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- MARAVALL, J. Antonio. *A Cultura do Barroco*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- MARTINS, Judith. *Dicionário de Artistas e Artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Publicações do IPHAN, 1974, 2 vols.
- NAVARRO, Isidoro Moreno. *La Semana Santa de Sevilla, Conformación, Mixtificación y Significaciones*. Sevilla: Imprenta Escandón, 1986.
- OLIVEIRA, Miguel Archanjo de. *O Papel e o Surgimento do Entorno de Vila Rica / 1700-1750*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG (Monografia de Bacharelado), 1999.
- OLIVEIRA, Ronald Polito de. *Visitas Pastorais de Dom Frei José Da Santíssima Trindade (1821-1825)*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais/IEPHA, 1998.
- OSWALDO, Angelo. *Igrejas de Minas*. Belo Horizonte: Cemig, 1998.
- PANOFFSKY, Erwin. *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- POHL, Johann Emanuel. *Viagem no Interior do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1951.
- RAMOS, Lucio Fernandes. *Cachoeira do Campo. A Filha Pobre do Ouro Preto*. Belo Horizonte: Editora São Vicente.
- SAINT-HILAIRE, August de. *Viagem Pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2004.



SALLES, Fritz Teixeira de. *Associações Religiosas no Ciclo do Ouro*. Belo horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1963.

SCHMAUS, Michael. *Teologia Dogmática VII. Los Novissimos*. 2. ed. Madri: Ediciones Rialp, 1965.

SOUZA, Wladimir Alves de (coordenador). *Guia dos Bens Tombados: Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1984.

TEDIM, José Manuel. Capelas do Passos e a Imaginária Religiosa Devocional do Ciclo de Ovar. In: *Anais do VI Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*. Belo Horizonte, 2003, pp. 409-420.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Archidiocese de Marianna; Subsídios para a sua História*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929. 3v.

_____. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945.

VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1974.

VASCONCELOS, Salomão de. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944.

VASCONCELOS, Sylvio de. *Arquitetura, Arte e Cidade: Textos Reunidos*. Belo Horizonte: Editora BDMG Cultural, 2004.

_____. *Vila Rica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

VILLALTA, Luiz Carlos. Os Clérigos e os Livros nas Minas Gerais da Segunda Metade do Século XVIII. In: *Revista Acervo*. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 1-2, pp.19-52, jan.-dez.1995.

WEISBACH, Werner. *El barroco. Arte de la Contrarreforma* (trad. Enrique Lafuente Ferrari). Madrid: Espasa Calpe, 1948.

10.3. Artigos

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Mecenato e Estilo Rococó na época barroca: A Capela do Rosário dos Pretos de Vila Rica. In: *Cronos*. Pedro Leopoldo, n. 4, pp.37-45, 2001.

_____. Vida Cotidiana e Produção Artística de Pintores Leigos nas Minas Gerais. José Gervásio de Souza Lobo, Manoel Ribeiro Roza e



Manoel da Costa Ataíde. In: PAIVA, Eduardo Franga, ANASTASIA, Carla Maria Junho (org.). *O Trabalho Mestiço. Maneiras de Pensar e Formas de Viver Séculos XVI a XIX*. São Paulo: Annablume / PPGH-UFGM, 2002.

CERTEAU, Michel. *A Operação Histórica*. In: Nova História. Lisboa: Ed 70, 1991.

CUNHA, Maria José de Assunção. *Imagens de roca, imagens de vestir*. In: *Anuário do Museu da Inconfidência*. Ouro Preto, v.6, p.247-257, 1979.

LANARI, Cássio. *O Construtor da Matriz da Cachoeira do Campo*. Belo Horizonte: Suplemento Literário do "Minas Gerais", 20 / 05 / 1972.

LEMOS, Pe. Afonso Henriques de Figueiredo. *Monografia da Freguesia da Cachoeira do Campo*. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*, n.13, 1908.

LEVY, Hannah. *A Pintura Colonial do Rio de Janeiro - Notas Sobre suas Fontes e Alguns de seus Aspectos*. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.26, pp.177-216, 1997.

OLIVEIRA, Myriam Ribeiro de. *A Pintura de Perspectiva em Minas Colonial - Ciclo Barroco*. In: *Barroco*, n.10, pp.27-37, 1978.

_____. *A Pintura de Perspectiva em Minas Colonial - Ciclo Rococó*. In: *Barroco*, n.12, pp.171-80, 1982/3.

_____. *A Imagem Religiosa no Brasil*. In: *Arte Barroca - Mostra do Descobrimento*. São Paulo: Fundação Bienal, 2000. pp. 36 - 79.

10.4. Dicionários

ÁVILA, A. & GONTIJO, João. *Barroco Mineiro - Glossário de Arquitetura e Ornamentação*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1980.

BARBOSA, W. de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos* (trad. Vera da Costa e Silva e outros). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.

CIRLOT, J. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984.



11- FICHA TÉCNICA

FICHA TÉCNICA REFERENTE AO DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DA CADEIRA DE DOM PEDRO

Ângelo Oswaldo de Araújo Santos
Prefeito de Ouro Preto

Gabriel Simões Gobbi
Secretário de patrimônio e Desenvolvimento Urbano

Camila Sardinha Cecconello
Arquiteta – Diretora de Projetos Especiais
CREA 79095/D

Maria Cristina Cairo Silva
Arquiteta – Diretora Interina de Regulação Urbana e Coordenadora do Programa Monumenta/MINC
CREA 23907/D

Paulo Hermínio Guimarães
Arquiteto – Diretor Interino de Proteção ao Patrimônio e Especialista em Patrimônio do Programa Monumenta/MINC
CREA 9052/D

Jurema Marteleto Rugani
Assessora Especial
CREA 20269/D

Ronald Carvalho Guerra
Diretor de Meio Ambiente

FICHA TÉCNICA REFERENTE AO DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DA CADEIRA DE DOM PEDRO



Elisângela Rodrigues Silva Araújo
Engenheira Civil
CREA 06003147/P

Inalana Barbosa Guerra
Engenheira Civil
CREA 6003185/P

Bruno Tropia Caldas
Arquiteto Urbanista
CREA 0700350/P

Luciana Oliveira Queiroz
Arquiteta Urbanista
CREA 0700215/P

Maria Raquel Alves Ferreira
Arquiteta Urbanista
CREA 5060663650/D

Paulo André Rabelo Alkmin
Arquiteto
CREA 83088/D

Alex Fernandes Bohrer
Historiador

Márcia Conceição da Massena Arevalo
Historiadora

FICHA TÉCNICA REFERENTE AO DOSSIE DE TOMBAMENTO DA CADEIRA DE DOM PEDRO



Sueli do Carmo Oliveira
Estagiária de História

Ricardo Eustáquio Fonseca
Estagiário de Turismo

Gabriela Ortega Marques Rodrigues
Estagiária de Direito

Esta equipe contou ainda com a participação dos seguintes estagiários do Instituto Estrada Real:

Débora Ferreira
Paula Batista
Joelma Guimarães
Tâmara Marques

**12. CÓPIA DA ATA DO CONSELHO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO
CULTURAL APROVANDO O TOMBAMENTO PROVISÓRIO DA CADEIRA
DE DOM PEDRO**





CONSELHO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL DE OURO PRETO

ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL DE 07.11.06

Aos sete dias do mês de novembro de dois mil e seis, às dezoito horas e três minutos, na Casa dos Conselhos, situada na Rua São José, nº 215, sala 104, Centro, Ouro Preto – MG, teve início a reunião ordinária do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural, sob a presidência do Senhor **Gabriel Simões Gobbi**, Representante Titular da Secretaria Municipal de Preservação e Desenvolvimento Urbanístico e Presidente do Conselho de Preservação, e com a presença dos seguintes membros: **Sérgio Romão Pereira**, Representante Titular da Organização não-governamental Serra do Trovão e Vice-Presidente do Conselho; **Jorge Luiz Gomes**, Representante Titular da Associação Cultural Amigos de Cachoeira do Campo – AMIC; **Marília Machado Rangel**, Representante Suplente do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IEPHA; **Maria Agripina Neves**, Representante Titular da Comissão Ouropretana de Folclore; **Vicente Custódio**, Representante Titular da Associação Patrimonial de Ouro Preto – APOP; **Ronald Carvalho Guerra**, Representante Suplente da Associação de Moradores de São Bartolomeu; **Armando Maia Wood**, Representante Titular da Universidade Federal de Ouro Preto e **Antônio Carlos de Oliveira**, Representante Suplente da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. Tivemos, também, a participação de **Silvana Vanêssa Peixoto**, Coordenadora da Casa dos Conselhos; **Alex Fernandes Bohrer**, da Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano; **Maria Cristina Cairo Silva**, Diretora de Regulação Urbana e **Clarissa Humberto Duarte**, Arquiteta da Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano. **ABERTURA** – O Senhor Presidente, após cumprimentar a todos os presentes, deu início aos trabalhos do dia fazendo a verificação do quorum. Em seguida justificou as ausências de **Erça Maria Santana**, Representante Titular da Associação Cavaleiros Mestre Nico; **Liana Sayuri Nakao Nakahodo**, Representante Suplente da Secretaria Municipal de Meio Ambiente; **Benedito Tadeu de Oliveira**, Representante Titular do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e da sua Suplente **Liliane de Castro Vieira**. Gabriel nomeou **Silvana** para secretariar a presente reunião e a pediu que fizesse a leitura da ata da Reunião Ordinária de três de outubro de dois mil e seis. Após leitura perguntou aos conselheiros se havia alguma manifestação sobre a ata. Não havendo nenhuma manifestação a mesma foi aprovada por unanimidade. Dando continuidade aos trabalhos, o Senhor Presidente passou à elaboração e aprovação da pauta pedindo aos conselheiros presentes que sugerissem os assuntos, sendo eles: 1ª Leitura de

ORA

Manoel

on. pul

CONSELHO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL DE OURO PRETO

1. considerado o eixo de encontro entre as rodovias Ouro Preto/Mariana e Ouro Preto/Curo Branco denominada Trevo de Saramenha e seus respectivos perímetros de tombamento (cotas a partir do eixo central da estrutura) e de entorno (cotas a partir do eixo da estrutura), sendo elas: Galeria de drenagem (Ponte Zero) - localização: 6,90 Km, perímetro de tombamento: 50 metros X 30 metros e perímetro de entorno com raio de 100 metros, Ponte Lim (Ponte Rancharia 1) - localização: 7,70 Km, perímetro de tombamento: 60 m X 30 m e perímetro de entorno com raio de 100 metros; Arrimo (Ponte Rancharia 2) - localização: 8,05 Km, perímetro de tombamento: 60 metros e perímetro de entorno com raio de 100 metros; Ponte Dois (Ponte Rancharia 3) - localização: 8,10 Km, perímetro de tombamento: 80 metros X 30 metros e perímetro de entorno com raio de 100 metros; Ponte Falcão - localização: 8,50 Km, perímetro de tombamento: 70 metros X 30 metros e perímetro de entorno com raio de 100 metros; Ponte da Caveira - localização: 9,60 Km, perímetro de tombamento: 50 metros X 30 metros e perímetro de entorno com raio de 100 metros; Galeria de Drenagem (Bueiro Serra do Itatua) - localização: 10,70 Km, perímetro de tombamento: 60 metros X 30 metros e perímetro de entorno com raio de 100 metros; Galeria de Drenagem (Arrimo Bueiro Curvo) - localização: 11,50 Km, perímetro de tombamento: 65 metros X 45 metros e perímetro de entorno com raio de 100 metros; Buero Conjunto Calixto (Drenagem em Cantana) - localização: 14,00 Km, perímetro de tombamento: 70 metros X 30 metros e (Ponte do Calixto) - localização: 14,10 Km, perímetro de tombamento: 70 metros X 30 metros e perímetro de entorno com raio de 100 metros. Aproveitando a oportunidade Cnsua apresentou, também, o Conjunto de pontes Ana de Sa (lanço 1 e lanço 2) - localização: Distrito de Glória, perímetro de tombamento: 80 metros X 50 metros e perímetro de entorno com raio de 100 metros. Os conselheiros decidiram pelo tombamento das Obras de Arte da Estrada Real, trecho Ouro Preto/Curo Branco. Com relação ao tombamento da Ponte de Ana de Sa, houve 02 abstenções, uma da conselheira Maria Agripina e outra do conselheiro Sérgio Romão, 01 voto contra do conselheiro Vicente e 05 votos favoráveis ao tombamento da referida Ponte. Nesse momento a reunião atingiu duas horas de duração e os conselheiros decidiram prorrogá-la por mais quinze minutos. Passando para o quarto assunto da pauta, Gabriel apresentou a solicitação do tombamento do bem móvel, sendo este a cadeira de D. Pedro II, que pertence ao Colégio Dom Bosco. Alex Bohrer apresentou um breve histórico da cadeira e a importância do tombamento. O Senhor Presidente se posicionou favoravelmente sob a alegação de que uma das funções do conselheiro é zelar pela preservação e conservação de um bem, móvel ou imóvel.

Alm



CONSELHO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL DE OURO PRETO

pelo seu valor histórico. Os conselheiros aprovaram, por unanimidade, a abertura do Processo de Tombamento. Ficou como ponto de pauta para a próxima reunião os seguintes assuntos: Conjunto arquitetônico do eixo da Rua 07 de setembro de Cachoeira do Campo, Chale das Mercês, Regimento Interno e apresentação da Diretora de Promoção Cultural. Com relação ao Regimento Interno os conselheiros solicitaram o envio da proposta via email. Gabriel manifestou a necessidade do agendamento de uma Reunião Extraordinária, ficou definido o dia 14 (quatorze) de novembro, às 17:30 horas, na Casa de Gonzaga. Nada mais havendo a ser tratado, Gabriel Simões Gobbi convidou os conselheiros para a próxima reunião e encerrou a reunião com os trabalhos registrados nesta ata que, após lida e aprovada, será assinada por mim, Silvana Vanêssa Peixoto, secretária *ad hoc*, e pelos demais presentes.

Silvana Vanêssa Peixoto

Claudia Regina de Almeida Faria

Antonio Carlos

Francisco de Paula

Maria Agripina Neves



13. PARECER SOBRE O TOMBAMENTO ELABORADO POR PROFISSIONAL HABILITADO



PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO



Parecer

Cadeira de Dom Pedro

Há basicamente dois relatos sobre a visita de D. Pedro II a Cachoeira do Campo. Um vem do escritor nativo Lúcio Fernandes Ramos, autor de *Cachoeira do Campo - A Filha Pobre do Ouro Preto*, baseado em relatos de contemporâneos. O outro vem do próprio imperador, que no seu diário dedicou algumas linhas à Cachoeira. A comitiva imperial vinda de Ouro Preto chegou à Cachoeira no dia 2 de abril de 1881. O banquete de recepção fora preparado em um dos sobrados do Vigário Afonso de Lemos, na Praça da Matriz (este casarão de dois andares foi infelizmente demolido). Durante o almoço, Dom Pedro sentou-se em uma cadeira imponente que, anos antes, havia também sentado seu pai Pedro I, fato que lhe foi relatado por Manoel Murta, companheiro de caçadas de Pedro I quando das suas visitas a Cachoeira.

Bastou pouco tempo para aquela cadeira se transformar em relíquia local, sendo apreciada como a "Cadeira de Dom Pedro", tal como é até hoje. Há quatro possíveis origens desta famosa cadeira: 1) ela pertencia às famílias tradicionais de Cachoeira; 2) ela pertencia à Coudelaria (antigo Quartel); 3) era uma cadeira da Paróquia; 4) ela pertenceu, outrora, ao Palácio de Campo dos Governadores, sito em Cachoeira. A mais certa dessas assertivas é que a cadeira tenha pertencido ao Palácio dos Governadores, sendo confeccionada para compor as ampliações de 1762 empreendidas no Palácio por Dom Rodrigo José de Meneses, segundo estilo afinado com a época.

Com a inauguração do Colégio Dom Bosco, em 1896, a cadeira passou a ficar exposta na capela principal. Naquele lugar foi vista e registrada por vários viajantes.

Na década de 1980, a mando de um distraído salesiano, a cadeira foi transferida para São João Del Rei, onde esteve anônima até 2003. Neste ano, atendendo apelo da AMIC (Associação Cultural Amigos de Cachoeira do Campo), o dirigente da época, Pe. Dídimo Amaral, conseguiu trazê-la de volta ao Colégio. Este gesto, simples no ato, representou, contudo, uma grande ação pela preservação da história do município de Ouro Preto e, mais especificamente, de Cachoeira do Campo.

É, pois, com intuito primeiro de se salvaguardar para os cachoeirenses e ouro-pretanos esse bem histórico, que urge efetuar ações no sentido de protegê-lo legalmente. A ação tem dois objetivos principais: tomba a referida cadeira como um bem móvel de importância ímpar e despertar na comunidade local o interesse por este tipo de iniciativa, acentuando, assim, o caráter educativo do artifício de tombamento.

Alex Fernandes Bohrer
Historiador



**14. PARECER SOBRE O TOMBAMENTO ELABORADO POR
CONSELHEIRO INTEGRANTE DO CONSELHO MUNICIPAL DE
PATRIMÔNIO CULTURAL**



PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO
SECRETARIA DE PATRIMÔNIO E DESENVOLVIMENTO URBANO

**PARECER TÉCNICO SOBRE O TOMBAMENTO DA
CADEIRA DE DOM PEDRO**

CACHOEIRA DO CAMPO – OURO PRETO-MG



Os Imperadores do Brasil, em especial D Pedro II, empreenderam viagens constantes pelas províncias brasileiras. Era hábito comum deste imperador, registrar, de forma simples e espontânea, suas passagens e estadias pelos lugares, dos quais manifestava nesses registros sua impressão e interesse. De todas as suas anotações, publicadas no anuário do Museu Imperial, chama atenção as relativas a suas passagens por Minas Gerais, província na qual esteve por várias vezes, duas delas em Cachoeira do Campo.

A passagem dos dois Imperadores por Cachoeira do Campo se deu em contextos bastante diferentes: a do primeiro monarca num momento político instável e delicado e a do segundo, num ambiente festivo, episódio memorável para o distrito, do qual os moradores mais antigos dão importantes relatos recebidos de seus avós e pais. A curta estada de D Pedro II em Cachoeira, mais precisamente em 2 de abril de 1881, foi cuidadosamente preparada e ansiosamente esperada. Um dos locais por ele aí visitados foi a Coudelaria Real, antigo Quartel do Regimento Regular de Cavalaria de Minas, próximo ao antigo Palácio de Campo dos Governadores da Capitania, onde consta ter havido curioso episódio quando lhe ofereceram nobre assento:

"...quando Dom Pedro II se preparava para se sentar, percebeu que o tecido que cobria a cadeira escondia uma base de palha, rasgada. Constrangidos, os anfitriões argumentaram que escolheram aquela velha cadeira por nela ter sentado o pai de Dom Pedro. Admirado com o fato, o Imperador quis saber mais detalhes das visitas de seu pai a Cachoeira (duas, no total). Um dos presentes, um velho do tronco dos Murta, narrou então as aventuras vividas pelo boa-vida Pedro I em suas caçadas nos terrenos cachoeirenses da coroa..." "Passada a visita, a primeira iniciativa foi trocar o assento original, rasgado, por um novo, pois que, se um dia o Imperador voltasse, não mais passariam vergonha..." (Texto do historiador Alex Fernandes Bohrer)

O nobre assento era uma cadeira setecentista, estilo D José, cuja procedência mais provável tenha sido do mencionado Palácio dos Governadores, hoje não mais



existente, para o qual fora destinada para compor as ampliações nele efetuadas pelo então Governador Dom Rodrigo José de Menezes. Trata-se de uma cadeira com dois braços a mesma altura do encosto, formando com este um semicírculo, tendo assento em palhinha e três pernas curvadas em "S" com pés ao modo de patas leoninas. interligados acima por estrutura em "Y". É predominantemente lisa e com decoração modesta, ressaltando-se além dos pés, a rocaíha a frente sob o assento, os apoios curvados do braço e o apoio posterior em madeira recortada em forma de vaso. Na passagem por Cachoeira assim D. Pedro se refere a Cadeira:

Subida da serra que divide águas do rio Doce de águas do rio das Velhas, Alto da pedra de amolar. Vasta e bela vista. O caminho é todo muito pitoresco. Descobri ao longe o Rio das Velhas. Chateiz do tempo do governo de D. Rodrigo de Menezes 1722 creio eu. Arraizalinho dos Taboões com ponte. Cachoeira do Campo arrai de muitas casas. Almoei; fui orar à Igreja que tem dois altares laterais que muito me agradaram por seus lavores de talha. Vistei só a coudelaria. Casa arruadíssima. O arrendatário fulano Castro não quis responder-me claramente sobre a extensão das terras e as cabeças de gado por causa de pequena renda que paga e assim mesmo sem tê-lo feito pontualmente. A terra da coudelaria é só de meu usufruto mas a fazenda do buraco igualmente arrendada ao mesmo é minha propriedade. Pensei em aprovelá-las para colonos. *Voltei à casa onde vi uma cadeira de forma antiga onde meu Pai se assentou e um Murta de 88 anos que lhe cuidava dos animais de viagem.* [grito do autor]

Pouco tempo depois, em 1896, quando da fundação do Colégio Dom Bosco no local onde era a Coudelaria, a Cadeira, agora conhecida por **Cadeira de Dom Pedro** em homenagem aos seus ilustres usuários, por seu significado histórico passaria a ficar exposta na Capela principal do Colégio, onde foi vista e registrada por vários viajantes. Percebe-se assim que a importância da Cadeira deve-se ao fato de estar ligada a acontecimentos históricos, não só como registro da viagem de nossos dois Imperadores às Minas, como pelo seu provável vínculo de pertencimento ao acervo do antigo Palácio dos Governadores, sendo dele notável e íntegro resquício. Dessa forma e tendo em vista a história recente deste móvel, que esteve longo período fora de seu contexto original, ou seja, Cachoeira do Campo e do Município de

¹ Dom Pedro aceita o Governador, mas erra a data - 1782 é o ano certo, não 1772. Por isso a expressão *creio eu...*
² ALCANTARA, Dom Pedro de. *Diário do Imperador Dom Pedro II*. Vol. 24. Rio de Janeiro: Museu Imperial/IPHAN, s/d.



Ouro Preto, torna-se evidente que o tombamento do referido bem é solução viável para salvaguardar a permanência desta peça inserida no município e a sua própria existência física, marco indelével que é da cultura e da história cachoeirense e ouro pretana. Tanto é que seu retorno ao distrito foi garantido pelo empenho da AMINC (Associação Cultural Amigos de Cachoeira do Campo) juntamente aos Salesianos, responsáveis pela custódia do bem, que atenciosamente na, pessoa do Pe Dídimo Amaral, atenderam o apelo.

Guilherme Ismar Nunes Ataides
Guilherme Ismar Nunes Ataides

Arquiteto e Urbanista CREA 95124/D

Ouro Preto, 7 de abril de 2008



15. NOTIFICAÇÃO AO PROPRIETÁRIO DO BEM CULTURAL E ANÚNCIA DO PROPRIETÁRIO



NOTIFICAÇÃO DE TOMBAMENTO Nº 001/2007

Ilmo Sr.
Júlio César
Gerente do Centro Dom Bosco

Responsável pelo Bem Cultural denominado “Cadeira de Dom Pedro”.

Venho comunicar V. Sª, para fins estabelecidos na Lei Municipal nº 17/02, que foi aprovado pelo **Conselho Municipal de Preservação ao Patrimônio Cultural e Nacional de Ouro Preto**, em reunião datada de 06 de fevereiro de 2007, o tombamento da “Cadeira de Dom Pedro”, localizada no Centro Dom Bosco - Rodovia dos Inconfidentes Km 75, por seu valor histórico, artístico e cultural.

Solicito, pois a V. Sª, o obséquio de acusar o recebimento da presente Notificação, assinando o recibo anexo e devolvendo-o a este conselho, bem como anuir ao tombamento, ou oferecer, se quiser, as razões de sua impugnação no prazo de 15 (quinze) dias corridos, a partir da data de recebimento desta correspondência.

Ouro Preto, 07 de fevereiro de 2007.

Gabriel Simões Gobbi

Presidente do Conselho Municipal de Preservação ao Patrimônio Cultural e Natural de Ouro Preto.

RECEBIDO
33.583.582/0006-23
INSPEÇÃO SÃO JOÃO BOSCO
CENTRO DOM BOSCO
Rodovia dos Inconfidentes, Km 75
Cachoeira do Campo - CEP 35.415-900
OURO PRETO - MG

Cachoeira do Campo, 15 de fevereiro de 2007

Exmo. Sr. Gabriel Simões Gobbi
Presidente do Conselho Municipal de preservação ao patrimônio Cultural e Natural de
Ouro Preto.

havendo recebido a Notificação de Tombamento N.º 001/2007 de 07/02/2007
declaramos nossa anuência ao tombamento do Bem Cultural denominado "Cadeira de
Dom Pedro", conforme os termos contidos na citada notificação.

*Conf. Conselho ao (compreensão)
para a cultura
jul. 2007*

Atenciosamente,

Julio César Lopes
Gerente
Centro Dom Bosco.



**16. CÓPIA DA ATA DA REUNIÃO DO CONSELHO MUNICIPAL DE
PATRIMÔNIO CULTURAL APROVANDO O TOMBAMENTO DEFINITIVO**

CONSELHO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL DE OURO PRETO

ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL DE 06.02.07

Aos seis dias do mês de Fevereiro de dois mil e sete, às dezessete horas e cinquenta minutos, na Casa dos Conselhos, situada na Rua São José, 215 - Centro, teve início a segunda reunião ordinária do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural do ano de dois mil e sete, em

segunda chamada, sob a presidência do Senhor **Armando Maia Wood**, Representante Titular da Universidade Federal de Ouro Preto e com a presença dos seguintes membros: **Ronald Carvalho Guerra**, Representante Suplente da FAMOP; **Antônio Carlos de Oliveira**, Representante Titular da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo; **Liliane de Castro Vieira**, Representante Suplente do IPHAN; **Erca Maria Santana**, Representante Titular da Associação Cavaleiros Mestre Nico; **Maria**

Machado Rangel, Representante Suplente do IEPHA; **Jorge Luiz Gomes**, Representante Titular da AMIC; **Rosângela Maria de Carvalho**, Representante Titular do IEF e **Liana Sayuri Nakao Nakabodo**, Representante Suplente da Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Tivemos, também, a participação de **Silvana Vantessa Peixoto**, Assessora Jurídica da Coordenadora da Casa dos Conselhos;

Alex Fernandes Bohrer, Representante da Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano e **Maria Cristina Cairo Silva**, Diretora de Regulação Urbana. **ABERTURA** - **Armando Wood**, após cumprimentar a todos os presentes, deu início aos trabalhos do dia fazendo a verificação do quorum. Em seguida justificou as ausências de **Gabriel Simões Gobbi**, Representante Titular da

Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano e de **Claudia Regina de Alencar Ferreira**, Representante Titular da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. **Armando**

Silvana para secretar a presente reunião e a pediu que fizesse a leitura da ata da Reunião Extraordinária do dia vinte e cinco de janeiro de dois mil e sete. Após leitura perguntou aos

conselheiros se havia alguma manifestação sobre a ata. Não havendo nenhuma manifestação a

supracitada ata foi aprovada por unanimidade. Dando continuidade aos trabalhos, **Armando** passou a

elaboração e aprovação da pauta pedindo aos conselheiros presentes que sugerssem os assuntos, sendo

eles: 1º. Cadeira de Dom Pedro, 2º. Outros Assuntos. A pauta da reunião foi aprovada pela

unanimidade dos presentes. **Maria Cnsuna** informou aos conselheiros que as Diretrizes sobre o

Tombamento do Conjunto Urbano de São Bartolomeu foi encaminhado para o IPHAN e IEPHA para

parecer técnico e na próxima reunião será apresentado. **Armando** passou a palavra a **Alex Boher** para

um breve relato histórico sobre a Cadeira de Dom Pedro. **Alex** informou que a apresentação sobre a

ata da reunião ordinária do Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural de Ouro Preto



31 cadeira esta sem a formatação final, mas repassou aos conselheiros que a cadeira se encontra hoje no
32 Centro Dom Bosco. Situiu historicamente o Centro Dom Bosco e destacou as possíveis origens da
33 Cadeira, provavelmente vinda do Palácio dos Governadores de Cachoeira do Campo. Sobre a cadeira
34 Alex relatou que o assento originariamente de palha foi substituído, mas manteve o restante. Alex leu
35 um trecho do diário de D. Pedro e o colocou à disposição dos conselheiros. Nesse momento Armando
36 perguntou se havia um pedido para o tombamento do bem móvel. Foi respondido que o tombamento
37 foi solicitado pela Associação Cultural Amigos de Cachoeira do Campo. Alex acrescentou que o
38 proprietário do bem concordou com o tombamento. Após ampla discussão sobre a necessidade e
39 importância do tombamento da Cadeira de Dom Pedro, Armando colocou em votação pedindo que
40 levantassem às mãos aquele que era favorável pelo tombamento definitivo da Cadeira de D. Pedro. Os
41 nove conselheiros presentes votaram favoravelmente pelo tombamento definitivo. Armando confirmou
42 a reunião dos conselheiros com a população de São Bartolomeu, no dia vinte e quatro de fevereiro de
43 2007, às quatorze horas. Os conselheiros discutiram sobre a importância da conscientização da
44 população sobre o tombamento do Conjunto Urbano de São Bartolomeu e frisaram a importância de
45 repassar as diretrizes para o Conselho. Nada mais havendo a ser tratado, Armando encerrou a reunião
46 com os trabalhos registrados nesta ata que, após lida e aprovada, será assinada por mim, Silvana

47 Vanêssa Peixoto, secretária *ad hoc*, e pelos demais presentes

48 Sikania Vanêssa Perceiro

49  CIRCUIT SWITCH

50 Salida de Castro Vieja A

81. *Bl. di Parma di Niccolò Ferrara* (H. v.)

1. *Adiantum punctatum* (L.) Bl. 1

52 Mm! h-hab wpl

53 *Home*

84. *Chenopodium murale* L.

55 Miss M. M. M.

⁸⁶ *L. 272*

32. 10/11/2011

Handwritten signature: *Handwritten signature*

58

H.L. Liza

59

17. Cópia do Executivo Tombando a Cadeira de Dom Pedro





PREFEITURA DE OURO PRETO
Praça Barão do Rio Branco, 12
Pilar, Ouro Preto - MG 35400-000
Tel (31) 3559 3200



OURO
PRETO

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO



DECRETO Nº 455 DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007

Homologa o ato do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural que aprova a inscrição no livro do Tombo de bem declarado de valor histórico, artístico e arquitetônico.

O Prefeito Municipal de Ouro Preto, no uso de suas atribuições legais, em especial a que lhe confere o art. 4º da Lei Municipal nº 17/02, e, nos termos do art. 11 do Decreto 59/05,

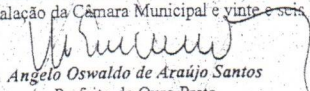
DECRETA:

Art. 1º Fica homologado o ato do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural que aprova a inscrição, no livro do Tombo Histórico, Artístico e Arquitetônico, da Cadeira de Dom Pedro, localizada no Colégio Dom Bosco, situado no distrito de Cachoeira do Campo, em Ouro Preto/MG, por seu valor histórico.

Parágrafo único. O bem a que se refere o caput deste artigo fica sujeito às diretrizes de proteção estabelecidas pelo processo administrativo nº 373/06 e pela Lei nº 17/02, não podendo ser destruído, mutilado ou sofrer intervenções sem prévia deliberação do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural, e aprovação da Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano.

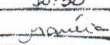
Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Ouro Preto, Patrimônio Cultural da Humanidade, 7 de fevereiro de 2007, duzentos e noventa e cinco anos da Instalação da Câmara Municipal e vinte e seis anos do Tombamento.


Angelo Oswaldo de Araújo Santos
Prefeito de Ouro Preto

PUBLICAÇÃO

Publicado 07/02/2007, mediante afixação nos
portais da Prefeitura de Ouro Preto e a
da Câmara Municipal, nos termos do
art. 12, da Lei Complementar 206/04.
07/02/2007


SMCP - PROTOCOLO
Nº 15167
Data: 07/02/07
Hora: 16:30
Visto: 



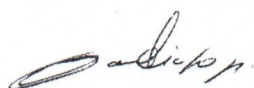
18. CÓPIA DA INSCRIÇÃO DO BEM CULTURAL NO LIVRO DE TOMBO
MUNICIPAL



Termo de Abertura

Este Livro do Tombo, contendo
200 (duzentas) folhas numeradas,
que foram por mim rubricadas,
servirá para a inscrição do
Tombo dos Bens Históricos, Artísticos
e Arquitetônicos, para inscrição de
conjuntos Urbanos, obras de arte e
bibliográficas, na forma da Lei
Municipal n.º 17, de 26 de abril
de 2002, em seu art. 5.º, inciso II.

Ouro Preto, 30 de setembro de
2005.





Itens nº 08 - O bem cultural "Cadeira de Dom João" situada no
do bem existe no distrito de Cachoeira do Campo, com suas características
que conferiram um caráter histórico, cultural, artístico e científico.
O bem está tombado pelo decreto nº 455/2007, no âmbito municipal, onde deve
ser mantido o mínimo de 02 e máximo de 03 metros quadrados de acordo com a
municipal nº 17/07.

Cachoeira, 08 de Fevereiro de 2007

Gabriel Sampaio Costa

Assistente de Consultor Municipal de Patrimônio Cultural e
Natural do Município de Ouro Preto



19. CÓPIA DA PUBLICAÇÃO DO ATO DE TOMBAMENTO





DECLARAÇÃO

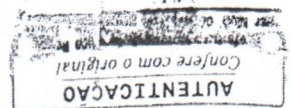
Declaro, para os fins que se fizerem necessários, que foram publicadas, para conhecimento de todos, no quadro de avisos da sede desta Prefeitura, as atas das reuniões referentes ao período de 15 de Abril de 2006 a 30 de Abril de 2007 do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural de Natural de Ouro Preto.

Ouro Preto, 02 de Abril de 2007

Gabriel Simões Gobi
Secretário de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano

Angelo Oswaldo de Araújo Santos
Prefeito de Ouro Preto

Gabriel Simões Gobi
Secretário de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano





FEITURA



INSTITUTO DE ESTUDIOS DE LA
UNIVERSIDAD DE CHILE

PRIMÓTO
CIDADÃO

...o projeto do Conselho
Nacional de Preservação
do Patrimônio Cultural e
se aprova a inscrição
do Tombado de bem
e o valor histórico,
arquitetônico,
monumental

1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 26

Instituto Municipal
de Patrimônio C
tural que agenci
o Livro do Tomba
mento e Arquivam
ento de Darcy Pad
re Colégio Dom B
nedito - Curitiba

negativo disso. O bem
em si capta desde um
ex de direitos de pro
priedade pelo proce
dimento a 17/10/6 e a

PAC, não podendo
a maioria no senado
de uma prorrogação
Cavaleiro Municipal
nao no Parlamento C
nacional e aprovação
no Municipal

1.º Esse Decreto é
promulgado de sua própria
força. Patrocinado por
Bertoldo de Lencastre, 1.º de
1907. Depoimento - não

1. Associação de Desenvolvimento
 Comunitário e Urbano de
 São João do Rio Preto
 2. Associação de R. São
 João do Rio Preto

de la zona de Con-
sejo de Presidencia
Intero. Cultural e
de apoyo a la comu-
nidad. Trabajo de la
de la zona histórica.
El arquitecto.

1. *Abstracts* (1987-1990)
 2. *Abstracts* (1991-1994)
 3. *Abstracts* (1995-1998)
 4. *Abstracts* (1999-2002)
 5. *Abstracts* (2003-2006)
 6. *Abstracts* (2007-2010)
 7. *Abstracts* (2011-2014)
 8. *Abstracts* (2015-2018)
 9. *Abstracts* (2019-2022)
 10. *Abstracts* (2023-2026)

Paróquia Nossa Senhora de Nazaré

Arquidiocese de Mariana



Nós, abaixo-assinados, membros do Conselho Comunitário Paroquial Nossa Senhora de Nazaré em Cachoeira do Campo/ Ouro Preto-MG, expressamos nossa preocupação e reivindicamos a preservação do direito de guarda e cuidado sobre a cadeira de Dom Pedro, peça histórica e de valor inestimável para nossa cultura e patrimônio local.

Reconhecemos a importância histórica deste bem e solicitamos ao Município que reconsidere qualquer medida que retire da comunidade católica o direito de preservar e zelar por este objeto. Nossa reivindicação busca garantir que a cadeira de Dom Pedro permaneça sob a guarda da nossa comunidade paroquial, compondo harmonicamente os elementos artísticos da Igreja Matriz Nossa Senhora de Nazaré, fortalecendo nosso vínculo com a história e a memória que ela representa.

Cachoeira do Campo, 09 de novembro de 2024.

	Nome	Carteira de identidade	Endereço	Assinatura
01	Paulo Carlos C. Lima	MG 13614233	Rua Felipe Santos	Paulo Carlos C. Lima
02	Alcinoir Aparecida Silva	MG 17503823	Rua São Francisco	Alcinoir da Silva
03	Alcinoir Aparecida Silva	MG 11.311.316	Rua São João	Alcinoir
04	Monica Aparecida Almeida	MG 343.273	Cachoeira do Campo	Monica Almeida
05	Rosana Maria da Silva	MG 11.310.948	Cachoeira do Campo	Rosana
06	Ana Maria Freitas	MG 4.257.595	R. Bela Vista	Ana Maria
07	Marcelo Barbosa Xavier	MG 1074.321	R. N. São Dorcas 36	Marcelo
08	Lidiane Rossi	MG 3444036	R. N. São Domingos	Lidiane
09	Denise Viana	MG 885773	R. São Francisco 592	Denise Viana
10	JOSE RENATO DUARTE	MG 721776	R. ALVIMAR	JOSE
11	Angela N. de Mesquita		Rodrigio Silva	Angela
12	Marcelo do Santos	MG-3.074.983	Rodrigio Silva	Marcelo
13	Maurício Maria Rodrigues	MG-1.380.814	Rodrigio Silva	Maurício
14	Glaura Silva	MG-4.989.614	GLAURA	Glaura
15	João Carlos Ferreira	MG 11.228.257	Arrozal	João
16	Geraldo S. Almeida	MG 2.662.145	Cachoeira do Campo	Geraldo
17	Lucia Maria da Silva	MG 4.769.020	Arrozal	Lucia
18	Maria de Fátima Soares		Arrozal	Maria
19	Vera Lucia de Souza	MG 16.002.443	Cachoeira do Campo	Vera Lucia
20	Thaís Aparecida da Silva	MG 4.197.504	Cachoeira do Campo	Thaís
21	Vali Martins	MG	São Bartolomeu	Vali Martins

Rua Elias Geraldo da Silva, 75, Centro – 35.409-030 – Cachoeira do Campo, Ouro Preto – MG
31 3553 1796 (WhatsApp) – paroquianazare@yahoo.com.br

Paróquia Nossa Senhora de Nazaré
Arquidiocese de Mariana



12	Raquel Cristina M da Silva	MG 6.018.155	São Bartolomeu	Raquelina
13	MARCELO COSTA TEIXEIRA	M. 3.512.134	SÃO BARTOLOMEU	M. 3.512.134
14	Isabel Aparecida de Souza	M. 5.515.059	São Bartolomeu	Isabelina
15	Jaqueline Ferreira	M. 4.107.091	Cachoeira do Campo	Jaqueline
16	Maria Jurema de Almeida Gomes	M. 4.444.440	Centro	Jurema
17	João de Deus Mariano dos Santos	MG 12.705.268	São Francisco	João
18	Marcelo Luiz de Souza	MG 76.258.950	Glória	Marcelo
19	Marcos Aurélio Melo	CPF. 083-935-356-43	Cachoeira do Campo	Marcos
20	Ana Maria de F. Rodrigues	M. 6.106.91.080	Cachoeira do Campo	Ana Maria
21	Luiz Carlos da Silva	MG 6.613.554	Vila Alegre	Luiz Carlos
22	Margarida M. B. dos Anjos	MG 8.567.071	Redenção	Margarida
23	Zelma Maria Barbosa	MG 7.767.401	Madre de Deus	Zelma
24	Conceição Regina Nogueira	MG 1.113.253	Cachoeira do Campo	Conceição
25	Enck da Silva Mende	MG 31.494.305	Cachoeira do Campo	Enck
26	Marcos A. Gonçalves Rodrigues	MG 15.946.560	Cachoeira do Campo	Marcos
27	Cláudio R. C. Freire	M. 4.741.785	Cachoeira do Campo	Cláudio
28	Carlos Nazareno Silva	M. 38.411.474	Cach. Campo	Carlos
29	José Maria Braga de Jesus	M. 7.500.026	Cachoeira do Campo	José Maria
30	Elcio Cláudio de Jesus	300.633.730-68	Cachoeira do Campo	Elcio
31	Francisco Passos Filho	M. 650.012	Cachoeira do Campo	Francisco
32	Geometra M. de Deus Conceição	M. 3.931.530	Cachoeira do Campo	Geometra
33	VILSON DAS REIS	M. 4.938.035	C. CAMPO	Vilson
34	Carlos Manoel Pereira	M. 3.480.055	C. Campo	Carlos
35	Reliane Gonçalves Ferreira	MG 9.589.172	C. Campo	Reliane
36	Alte. Maria de Nazaré	MG 11.164.587	Cach. do Campo	Alte. Maria
37	Marcelo de M. M. M. M.	MG 50.02.104	Cach. do Campo	Marcelo
38	James Vazquez de Almeida	M. 2.352.680	Cach. do Campo	James
39	Sebastião Ferreira	M. 36.911.64	Cachoeira do Campo	Sebastião
40	Marcelo Augusto J.	M. 19.721.439	Cachoeira do Campo	Marcelo
41	Adriana Augusta de Jesus	MG 12.737.186	Cach. do Campo	Adriana
42	Edlyana da Silva	MG 12.170.764	Cachoeira do Campo	Edlyana
43				
44				
45				
46				
47				
48				
49				
50				
51				
52				
53				
54				
55				
56				
57				
58				
59				



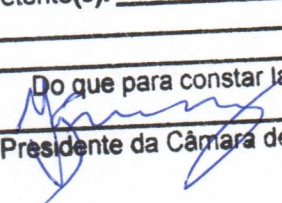
20.470.928/0001-47
PARÓQUIA NOSSA
SENHORA DE NAZARÉ
PRAÇA FELIPE DOS SANTOS, S/N - CENTRO
CACHOEIRA DO CAMPO - OURO PRETO - MG
CEP 35410-000

DIÁRIO
Nº _____
Data _____
Assinatura _____
Cargo _____
Assinatura _____
Cargo _____



Aos 17 de dezembro de 2017
Distribuo este processo à(s) comissão(ões)
competente(s). _____

Do que para constar lavrei este


Presidente da Câmara de Ouro Preto